

VÍTOR ALBERTO VALADAS ROSA

**ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE PRÁTICAS DE
COMBATE DUAL EM PORTUGAL:
Estudo de Caso dos Praticantes Avançados do Judo e do Aikido**

Relatório de Pós-Doutoramento em Sociologia

Orientação: Professora Doutora Salomé Marivoet (CIES/ISCTE-IUL)

**Lisboa
2020**

VÍTOR ALBERTO VALADAS ROSA

**ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE PRÁTICAS DE
COMBATE DUAL EM PORTUGAL:
Estudo de Caso dos Praticantes Avançados do Judo e do Aikido**

Relatório de Pós-Doutoramento em Sociologia

Orientação: Professora Doutora Salomé Marivoet (CIES/ISCTE-IUL)

**Lisboa
2020**

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu filho.

AGRADECIMENTOS

É com prazer que exprimo aqui o meu reconhecimento a todos os que me ajudaram na pesquisa de pós-doutoramento, acolhido no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES), do ISCTE-IUL.

Endereço os meus sinceros agradecimentos à Professora Doutora Salomé Marivoet (CIES) pela supervisão desta investigação. A sua devoção atenta, a sua competência, cortesia e indulgência tornaram os meus trabalhos de pesquisa agradáveis e frutuosos.

Tenho ainda a agradecer aos dirigentes e praticantes pelos testemunhos e entrevistas.

Por fim, envio a minha cordial saudação aos praticantes de aikido e judo, que, de forma benévola, mas não menos importante, contribuíram para este trabalho.

RESUMO

Na análise sociológica das culturas dos praticantes avançados de aikido e judo, pretendemos demonstrar que o perfil social, definido pela categoria socioprofissional, e o estatuto sociocultural dos indivíduos, determinam as escolhas e a intensidade da prática desportiva do aikido e judo.

No aprofundamento do objeto de estudo, definimos três hipóteses e construímos um modelo de análise para a sua operacionalização. Recorreu-se à metodologia extensiva e à aplicação de diversas técnicas de investigação social: observação direta, observação-participante, entrevista semi-diretiva e inquérito por questionário. O universo foi de 60 praticantes avançados com a função de treinadores, a nível nacional, tendo sido realizadas de forma a completar a informação 6 entrevistas junto de interlocutores privilegiados.

Os resultados revelam que existe uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate, embora se encontrem diferenças de hábitos e valores, segundo o sexo, a idade e a escolaridade. A análise da informação mobilizada aponta para uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Os dados apontam para uma diferenciação ao nível dos envolvimento, nomeadamente do tipo de prática/conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa segundo o perfil social e os desportos em análise.

Palavras-chave: Desporto; Artes Marciais; Desportos de Combate; Cultura

ABSTRACT

In the sociological analysis of the cultures of aikido and judo coaches, we intend to demonstrate the social profile, defined by the socio-professional category and the socio-cultural status of individuals, determined as choices and the intensity of professional aikido and judo practice.

To deepen the object of study, we define three hypotheses and create an analysis model for its operationalization. Several social techniques were used: direct observation, participant observation, semi-direct interview and survey research. The universe consisted of 60 coaches, at a national level, having been executed in order to complete 6 interviews with privileged interlocutors.

The results reveal that there is a homogeneity between the social groups that practice the two combat sports, although they find differences in habits and values, according to sex, age and level of education. The analysis of the information mobilized points to a differentiation in the social level, in the visibility, in the career opportunities, in the profile and in the sports under study. The data point to a differentiation in the level of involvement, especially the type of practice/conception, the conditions of access, the family influence, the intensity of the practice and the associative participation according to the social profile and the sports under analysis.

Keywords: Sport; Martial arts; Combat sports; Culture

ABREVIATURAS

ADop	Autoridade Antidopagem de Portugal
AMA	Agência Mundial Antidopagem
Bnf	Biblioteca Nacional de França
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
CDAM	Comissão Diretiva de Artes Marciais
CIO	Comité Olímpico Internacional
CPES	Centro de Pesquisa e Estudos Sociais
FCSEA	Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
FEFD	Faculdade de Educação Física e Desporto
IDP	Instituto de Desporto de Portugal
INE	Instituto Nacional de Estatística
INSEE	Instituto Nacional de Estatísticas e de Estudos Económicos
JO	Jogos Olímpicos
OMS	Organização Mundial de Saúde
SEJD	Secretaria de Estado da Juventude e Desporto
STAPS	Ciências e Técnicas das Atividades Físicas e Desportivas
ULTH	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
COP	Comité Olímpico de Portugal
CDP	Confederação do Desporto de Portugal
SPSS	Statistical Package Social Science

ÍNDICE GERAL

Dedicatória	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
ABREVIATURAS	8
ÍNDICE GERAL	9
ÍNDICE DE QUADROS	11
ÍNDICE DE FIGURAS	13
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: Breve Enquadramento sobre o Aikido e o Judo	23
1.1 Contextualização histórica.....	23
1.2 Aikido	25
1.3 Judo.....	28
CAPÍTULO 2: O Aikido e o Judo como Problema de Investigação	33
2.1 Noções e conceitos	33
2.2 Delimitação da problemática em estudo	37
2.3 Proposta de investigação e modelo de análise	40
2.4 Métodos e técnicas de investigação	42
2.5 Caraterísticas dos inquiridos: perfil e práticas	44
2.5.1 Perfil dos praticantes	44
2.5.2 Caraterísticas da prática do judo e aikido	51
2.5.3 Atributos marcantes do perfil dos inquiridos	54
CAPÍTULO 3: Comunidades e Estilos Identitários	55
3.1 Envolvimentos no aikido e no judo	55
3.2 Tendências no perfil social, hábitos e valores	63
CAPÍTULO 4: Prática Desportiva e Apoios do Estado	65
4.1 Visibilidade, reconhecimento e carreira	65
4.2 Perspetivas dos praticantes relativamente aos apoios do Estado.....	68
CAPÍTULO 5: Conceções da Prática e Envolvimentos	69
5.1 Âmbito da prática	69

5.2 Dinâmicas de afirmação	77
CONCLUSÃO	79
BIBLIOGRAFIA.....	85
ANEXOS.....	91
A – Guião de Entrevista para os Treinadores de Aikido e Judo.....	92
B – Inquérito por questionário.....	93

ÍNDICE DE QUADROS

CAPÍTULO 2

Quadro 2.1: Modelo de Análise Desagregado	42
Quadro 2.2: Prática desportiva por sexo (%)	45
Quadro 2.3: Escalões etários por sexo (%)	46
Quadro 2.4: Habilitações literárias por sexo (%)	47
Quadro 2.5: Habilitações literárias por prática desportiva (%)	47
Quadro 2.6: Distribuição dos inquiridos com formação superior, por área disciplinar (%)	48
Quadro 2.7: Condição perante o trabalho, segundo a prática desportiva (%)	48
Quadro 2.8: Rendimento mensal, segundo a prática desportiva (%)	49
Quadro 2.9: Distribuição dos inquiridos, por distrito de residência ou região autónoma (%) .	50
Quadro 2.10: Estado civil, segundo a prática desportiva (%)	51
Quadro 2.11: Motivos que levaram à interrupção da prática do karaté, segundo a prática desportiva (%)	52
Quadro 2.12: Detenção de cédula de treinador segundo a prática desportiva (%).....	54

CAPÍTULO 3

Quadro 3.1: Influência ao nível alimentar segundo a prática desportiva (%)	56
Quadro 3.2: Distribuição dos inquiridos segundo a prática religiosa (%).....	58
Quadro 3.3: Prática religiosa segundo o sexo (%)	58
Quadro 3.4: Espectro político-partidário segundo a prática desportiva (%)	59
Quadro 3.5: Espectro político segundo o sexo (%)	60
Quadro 3.6: Concordância com a despenalização do uso de drogas segundo a prática desportiva (%)	61
Quadro 3.7: Concordância com a despenalização do uso de drogas segundo o sexo (%)	61
Quadro 3.8: Ordem de preferência de géneros de obras que preferem ler (%)	62
Quadro 3.9: Leitura de revistas ou periódicos segundo a prática desportiva (%)	63
Quadro 3.10: Leitura de revistas ou periódicos segundo a prática desportiva segundo o sexo (%)	63

CAPÍTULO 4

Quadro 4.1: Apoios do Estado (médias e desvio padrão) 66

Quadro 4.2: Excertos de testemunhos sobre os apoios do Estado (médias e desvio padrão) .. 67

CAPÍTULO 5

Quadro 5.1: Âmbito da prática, segundo a prática desportiva (%) 70

Quadro 5.2: Âmbito da prática, segundo o sexo (%) 70

Quadro 5.3: Regularidade do treino, segundo a prática desportiva (%)..... 70

Quadro 5.4: Motivos para a prática (médias) 71

Quadro 5.5: Motivos para a prática (médias) 72

Quadro 5.6: Motivos para a prática (médias) 72

Quadro 5.7: Participação em cargos de direção clubes/associações, segundo a prática desportiva (%) 73

Quadro 5.8: Relações institucionais segundo a prática desportiva (%) 75

Quadro 5.9: Âmbito da prática segundo o sexo (%) 75

Quadro 5.10: Prática de aikido ou judo na entidade doméstica ou nas relações próximas (%)76

ÍNDICE DE FIGURAS

CAPÍTULO 2

Figura 2.1: Lógica Interna dos Duelos	38
---	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

CAPÍTULO 2

Gráfico 2.1: Repartição dos inquiridos por sexos (%)	45
Gráfico 2.2: Interrupção da prática regular (%)	52
Gráfico 2.3: Atividade profissional remunerada com a prática do aikido ou judo (%)	53
Gráfico 2.4: Detenção de cédula de treinador (%)	53

CAPÍTULO 3

Gráfico 3.1: Influência ao nível das práticas alimentares (%)	56
Gráfico 3.2: Recurso a terapias alternativas ou complementares à medicina convencional (%)	57
Gráfico 3.3: Espectro político-ideológico (%)	59
Gráfico 3.4: Concordância com a despenalização do uso de drogas (%).....	60
Gráfico 3.5: Leitura de revistas ou periódicos (independentemente das revistas de desportos de combate) (%)	62

CAPÍTULO 4

Gráfico 4.1: Atividade física e desportiva (%).....	65
Gráfico 4.2: Apoios financeiros (em Euros) do Estado à Federação Portuguesa de Judo (1996- 2017).....	66

CAPÍTULO 5

Gráfico 5.1: Âmbito da prática (%).....	69
Gráfico 5.2: Exercício de cargo de direção nos clubes e/ou associações (%).....	73
Gráfico 5.3 Relações institucionais (%)	74
Gráfico 5.4: Prática de aikido ou judo na entidade doméstica ou nas relações próximas (%) .	76

INTRODUÇÃO

O desporto é um fenómeno social que impregna profundamente a vida quotidiana dos homens e das mulheres do século XXI. Divertimento aristocrático na origem, a prática desportiva conheceu, desde o século XIX, um crescimento prodigioso e continua a ser um dos fenómenos sociais mais marcantes da nossa época. A sua prática democratizou-se amplamente e envolve quase todos os indivíduos. Simultaneamente, o seu carácter internacional não cessa de se afirmar com maior força. É um fim em si mesmo. “A criança brinca por brincar: o homem também, quando ele pode” (Magnane, 1964, p. 80)¹.

A extraordinária progressão do desporto acompanhou-se de uma consciência cada vez mais profunda da sua vocação, deixando de lado o soberano desprezo da velha geração: “ele não sabe nem ler, nem nadar”² (Prouteau, 1948, p. 54). Na sua obra *Pédagogie sportive* (1922), o barão Pierre de Coubertin reivindicava o lugar dos desportos nos programas de educação e pressentia claramente o papel considerável que seria chamado a desempenhar numa sociedade em transformação pela civilização industrial. Deseja-se, cada vez mais, um “homo sportivus” em detrimento de um “homo economicus”³, objetará Simonnot (1988, p. 38), ou “homo capitalisticus”, como certificará Bourdieu (2002, p. 34).

Se o desporto continua a ser para muitos uma distração, às mãos de um grande número de indivíduos, ele surge também, atualmente, uma atividade de compensação indispensável a um Homem maltratado pelos múltiplos constrangimentos da vida moderna. Ele é um espetáculo popular com dimensões grandiosas.

Os progressos da ciência e da técnica, o desenvolvimento da máquina, da divisão do trabalho, a concentração urbana e as condições de alojamento, o aumento dos tempos de lazer e a melhoria dos níveis de vida transformaram a existência dos indivíduos. A civilização

¹ No âmbito do jogo, Château (1946) realça que a criança, a partir dos três anos, não aprecia o esforço prolongado. Os primeiros jogos da criança consistem na procura de um resultado (sensorial ou de um novo fenómeno). Do jogo nasce a exploração: lúdica, sentimental - dor, surpresa, medo -, hedonista, comportamentos motores, meio envolvente, etc.).

² “Numa carta a uma senhora que deseja saber nadar”, Sílvio Lima, autor dos “Ensaio sobre o Desporto” (1937), em Sérgio e Feio (1979, p. 185), refere que “o homem, que não sabe nadar, *anda incompletamente*; aprende apenas *uma parte* da marcha; não se tornou totalmente adulto”. Na linguagem portuguesa, encontramos expressões relativamente à “natação”: “fulano nada em dinheiro!”, “beltrano nada em felicidade!”. Quem não nada é um infeliz, no imaginário psicológico.

³ A teoria do homem económico é de Descartes. Ela coloca em perspetiva de que “todos nós somos capazes de fazer o cálculo económico (poupança, investimento, etc.), do *ratio* universal” (Bourdieu, 1979, p. 330). Existe também a oposição entre “homo ludens” e “homo faber” (Dumazedier, 1962, pp. 30-32).

tecnicista fez nascer nele a necessidade crescente de movimento, da necessidade de uma atividade física compensadora, de um jogo e fonte de descontração e de distração.

Nesta perspetiva, o desporto surge como uma espécie de refúgio seguro, permitindo preservar a integridade física e moral do Homem, face a certas ameaças do mundo moderno. Ele tende a ser apresentado como o antídoto da uniformização imposta pelas estruturas sociais atuais e a passividade nascida das novas formas de trabalho e de lazer.

O desporto tornou-se um dos temas principais da imprensa escrita, falada, e da televisão, e o espetáculo desportivo explica, em grande parte, o interesse que tem uma atividade como um fato social. O desenvolvimento das atividades desportivas não é desprezível.

Porém, a atividade desportiva não tem o mesmo significado para todos. Cada indivíduo carrega consigo o seu temperamento, as suas possibilidades, as suas exigências pessoais. Ele dá um conteúdo original ao desporto e isso traduz-se: nas intenções, pela vontade de ultrapassar os seus limites; e na intensidade, por uma preparação, uma participação nas lutas desportivas e um esforço que varia segundo cada um. Trata-se, bem entendido, de envolvimento na disciplina escolhida e no desejo de progredir.

O bem-estar e os perigos não são idênticos para todos. O desporto de alto rendimento distingue-se do desporto como prática de lazer. Para a sua elite, e para aqueles que se esforçam por o ser, a atividade desportiva exige um compromisso de todo o ser, uma disciplina a cada momento. Ele ocupa os pensamentos e orienta a maior parte das ações. O desporto favoriza as qualidades naturais e permite a afirmação da personalidade. Ele é fator de promoção, pelo que a sua essência é a procura da performance, do resultado, uma vontade de se ultrapassar levada ao extremo. Para a população praticante de desporto de lazer, esta vontade existe, mas ela não é atingida pela mesma permanência, porque o atleta “amador” é submetido a obrigações que preenchem o essencial da sua vida. Apenas consagra à sua prática desportiva de eleição uma parte, mais ou menos grande, do seu tempo de lazer. O desporto para si é, antes de mais, um jogo, uma distração, cuja qualidade excecional é indissoluvelmente ligada ao seu carácter de luta e de competição, a que Oblin (2013, p. 17) chama de “princípio de predação”.

O desporto cria situações variadas, fazendo jogar alguns opostos. Ele reflete uma realidade quotidiana e contraditória. Ele revela a oposição e os limites de cada um. Ele faz surgir com brilho, e com drama, os valores mais elementares, isto é, os mais profundos. Ele promove, a aqueles que não recusaram o esforço, o conhecimento de si mesmo e dos outros.

Ele pode ajudar o homem e a mulher na luta se conhecerem e se compreenderem. Ele é, por isso, um incontável elemento de cultura.

Para Elias (1986), a emergência do desporto supõe uma pacificação do espaço social, assegurado pelo Estado, cujo o critério distintivo é o exercício de um monopólio da violência física legítima. Os confrontos privados, que colocam em perigo a integridade física e a vida dos indivíduos são interditos e sancionados. Dotados de uma função de irradiação da violência, o desporto ocupa uma posição central no processo de civilização, preso numa dupla face: objetiva e subjetiva, do processo de pacificação e de transformação dos indivíduos.

Com a introdução do constrangimento da regra permite-se organizar competições ao nível nacional e internacional, respeitando a igualdade de condições do confronto. A necessidade de fixar e garantir a boa aplicação desta regulamentação conduz à criação de estruturas administrativas (as federações nacionais e as instâncias internacionais). A “desportização” é o processo pelo qual os jogos tradicionais foram submetidos a pressões visando-os a se transformarem em desporto.

O desporto tornou-se o novo terreno de confronto, pacífico e regulado, dos Estados. É a forma mais visível de mostrar a bandeira, de existir aos olhos dos outros e de estar presente no mapa do mundo. Quando a globalização parece apagar as identidades nacionais, o desporto torna-se o meio identificável, na esperança de uma vitória ou de uma proeza, de uma amplificação variável segundo os estatutos, as experiências históricas e as expectativas relativas (Boniface, 2014). Como refere Boniface (2014, p. 11), “o desporto é atualmente mais do que o desporto. É emoção, claro, do prazer, das vibrações, dos momentos de desespero, de fraternidade, de partilha, etc. Mas também é da geopolítica”.

Strutt (1838, p. 27) esclarece que “para se ter uma ideia correta de um povo, é absolutamente necessário estudar os desportos e os lazes de que eles gostam mais”. Por outras palavras, Elias e Dunning (1986, p. 25) realçam o mesmo, ao referir que “o conhecimento do desporto é a chave do conhecimento da sociedade”.

Para além dos desportos de origem ocidental, temos as práticas desportivas de origem oriental. O objetivo dos desportos de combate, sejam eles ocidentais (boxe, as lutas amadoras, por exemplo) ou orientais (judo, aikido, karaté, taekwondo, por exemplo), é de colocar o Homem face a face com o seu semelhante. Ele se assemelha à experiência ancestral da luta dos homens entre eles. Bouet (1968, p. 94) lembra que o “homem é um lobo para o homem”. As regras definidas eliminam ou limitam as lesões corporais e estabelecem uma fórmula de “regulação de contas” de forma leal. Para Mennesson e Clément (2010), os desportos de

combate são considerados como um espaço suscetível de confortar e de preservar a identidade masculina, controlando e reprimindo a expressão da violência física.

Aquilo que a nós agrupamos com o termo “artes marciais” (desportos de combate orientais) faz referência a um conjunto complexo de práticas conhecidas depois do período *Kamakura* (fim do século XII) no Japão, que se repartem entre *Budô* (pacíficas, sem armas) e os *bugei* (utilizando armas), fundadas sobre o respeito do *Bushidô* (código de princípios morais) ou a “via dos guerreiros”⁴. No século XX, com a ocupação americana (1945-1952), foram proibidas. As artes marciais foram transformadas no final do século XIX em práticas desportivas, isto é, codificadas, regulamentadas de forma a que sejam inofensivas para os praticantes, e algumas inscritas num quadro competitivo.

Depois da sua introdução no Ocidente, as práticas de combate asiáticas, popularizadas e depois mediatizadas, não pararam de suscitar interrogações quanto às razões do sucesso da sua implantação e difusão (Braunstein, 1999, 2001). Na sua origem são, antes de tudo, um fenómeno urbano (mas durante muito tempo beneficiarão de uma má reputação, porque conotadas com movimentos políticos extremistas). Como explicar o seu sucesso a partir dos anos 1970 na Europa? Uma parte da resposta encontramos-la em Braunstein (1999): a criação de clubes deve-se à desestruturação familiar, sobretudo com as separações e divórcios, dando origem a um individualismo. Os clubes criam um quadro familiar. Outra resposta: é a mediatização das artes marciais através da difusão de filmes, colocando em cena personagens históricas (Bruce Lee, Chuck Norris, Steven Seagal, Jean-Claude Van Damme, etc.). Os meios de comunicação social contribuíram amplamente para muitos praticantes fazerem uma viagem real entre dois imaginários, Oriente e Ocidente. A influência das técnicas de combate asiáticas é tão grande que basta constatar que elas substituíram os métodos de combate nacionais da polícia, militar ou mesmo no desporto.

Não estamos de acordo com Ordioni (2002, p. 33), quando escreve que as artes marciais não tiveram sucesso no início do século XX devido ao “código da força ser dominante”. Elas não tiveram sucesso no início do século, pela simples razão de serem praticamente desconhecidas da maioria dos ocidentais. As artes marciais foram proibidas pelos americanos durante a ocupação do Japão, de 1945-1952. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na Europa, com a maioria dos homens na frente de combate, também não poderia proporcionar uma divulgação e aprendizagem das artes marciais. Em Portugal, algumas delas foram, igualmente, proibidas e altamente controladas pelo Estado, através da Comissão Diretiva de

⁴ O conceito de *Bushidô* foi introduzido no Ocidente por Inazô Nitobé (professor da Universidade Imperial de Tóquio e membro da Academia Imperial de Tóquio), em 1901. Cf. a sua obra Nitobé (1927).

Artes Marciais (CDAM) (1972-1980), pertencente ao Ministério da Defesa (Rosa, 2007, 2016c). Só a partir de 1950 é que os primeiros praticantes ocidentais dão a conhecer as modalidades, criando os primeiros clubes, começam a vir os primeiros mestres japoneses para a Europa para ensinar e divulgar as suas disciplinas de combate, são divulgados os primeiros filmes com os combates coreografados (Bruce Lee, por exemplo) e a divulgados os primeiros livros sobre o assunto.

A essência do desporto de combate e artes marciais é ambígua, na perspetiva de Bouet (1968). Ela exige muita disciplina pessoal, um respeito autêntico e contínuo pelo outro (adversário), mas onde os antigos (veteranos) têm estratégias de conservação, tendo por objetivo tirar proveito de um capital progressivo acumulado. Os mais novos (os novos aderentes) assumem estratégias de submissão orientadas para a acumulação de um capital específico. Deve-se citar aqui Bourdieu (2002, p. 200), que resume bem a questão: “a luta permanente no interior do campo é o motor do campo”. E “aqueles que lutam pela dominação fazem com que o campo se transforme, que ele se reestruture constantemente” (Bourdieu, 2000, p. 200). Por outro lado, como dizem Crozier & Friedberg (1977, p. 45), “uma organização não pode ser analisada como um conjunto transparente, mesmo se muitos dirigentes assim o desejem”. Ela é o “reino de relações de poder, de influência, de ‘mercadorias’ e de cálculo”. No entanto, elas “não são um instrumento de opressão” (a menos que sejam totalitárias), na medida em que “as relações conflituais não se ordenam a apenas um esquema lógico integrado”. Elas constituem um meio onde “os atores se podem manifestar e de pesar sobre o sistema e dos seus parceiros, mesmo se de uma forma desigual”.

A ligação forte aos desportos de combate e artes marciais mergulha as suas raízes no passado da humanidade e de desporto radical, levando a uma situação vital. Enquanto os outros desportos exigem espaços, material ou mobilizam uma equipa numerosa, os desportos de combate contentam-se com a proximidade imediata dos dois adversários. Os dois reunidos e unidos na sua oposição constituem uma situação total, não interferindo outros elementos de forma determinante. O espaço é definido, que é um local de interação, com os limites dados pelos tapetes (*tatamis*) ou o ringue.

Os desportos de combate são desportos de contacto. Não é apenas verdade para o boxe ou para a luta. O toque na esgrima é, de facto, um contato; e sabe-se que os golpes do sabre podem ser rudes.

“A troca de golpes, a mútua aceitação provoca uma espécie de fraternidade viril e anula as suscetibilidades” (Bouet, 1968, p. 96). E a “proximidade-promiscuidade dos corpos levam

a um alerta das faculdades de atenção e de inteligência” (Bouet, 1968, p. 97). Os combatentes se observam, procuram os pontos fracos, se julgam, antecipam as suas ações e reações respectivas, organizam uma tática, e em certos momentos inventam, segundo uma verdadeira inspiração com paradas e ripostas com a prontidão do espírito. Nos desportos de combate a personalidade é predominante e, na grande maioria, ao abrigo dos recordes, da velocidade, e da distância. São resguardados da “robotização”. Eles restituem ao desporto a dimensão humana (Bouet, 1968).

Bouet (1968) classifica os desportos de combate em duas grandes categorias: aqueles que utilizam armas e aqueles que fazem intervir os meios naturais de ataque e defesa do corpo humano. Entre estes últimos, o autor ainda distingue os que agarram o corpo do outro (são todas as formas de luta); e os que dão golpes aos adversários (boxe, por exemplo).

Caraterizadas por elementos tradicionais e modernos, repetitivos e inovadores, a adaptação das artes orientais e dos desportos de combate se faz pouco a pouco, mas sofre uma reviravolta desportiva, onde predomina a competição.

O conjunto dos desportos de combate e artes marciais constitui um campo relativamente autónomo no interior do espaço das práticas desportivas. Em relação aos desportos maioritários (desportos coletivos, atletismo, natação, etc.), de inspiração anglo-saxónica, as práticas de combate distinguem-se pelas suas origens culturais: inglesas para o boxe (inglês), japonesas para o karaté, o judo e o aikido, francesas para a luta (dita greco-romana) e o boxe (francês), chinesas para o kung-fu, o tai-chi, etc. Eles constituem a “família” mais numerosa das “práticas desportivas tradicionais” (Clément, 1981, p. 285).

Mais do que um conjunto de condutas motrizes, as práticas desportivas revelam uma “pertinência social” (Clément, 1981, p. 287). Neste sentido, a implantação e o desenvolvimento dos desportos de combate e das artes marciais não podem se reduzir à apropriação (ou à descoberta) de modelos corporais diferentes sucessivamente importados. A lógica de apropriação implica um processo de transformação e uma criação e inovação dos modelos corporais. O sentido (social) da implantação de uma arte marcial, como todo o objeto social importado (doutrina política, ideal estético ou técnica particular) resulta de uma dinâmica complexa, que coloca em jogo três lógicas relativamente autónomas: a “lógica interna” da disciplina, a “lógica do campo”, no qual se inscreve (desportivo, político, musical, económico, etc.) e a “lógica do campo social”, no sentido mais amplo.

No fundamento teórico dos desportos de combate ou das artes marciais, a que Gaudin (2009) prefere chamar de “práticas de combate dual”⁵, Clément (1995) sublinha que a prática corporal codificada e identificável não pode ser, geralmente, apreendida como um “objeto técnico”, que se poderia identificar com a “lógica interna”, conceito utilizado para designar a pertinência motriz das atividades físicas e desportivas, evocado por Parlebas (1976, 1986a,b, 1991)⁶. A determinação dos “usos sociais” (Boltanski, 1971) das práticas de combate, pela variedade das suas origens, a diversidade de especialidades e a diferenciação dos usos sociais (desporto, segurança, etc.), leva a que elas ocupem um lugar diferente no sistema de práticas desportivas codificadas, elaboradas por Pociello (1981).

Clément (1985) optou por um grupo particular: os desportos de preensão (segurar, apanhar), particularmente a luta, o aikido e o judo. Com efeito, estas três disciplinas, enquanto “técnicas do corpo” podem ser definidas pelo combate de mãos vazias, o que as distingue dos desportos de percussão, nos quais os golpes são feitos, controlados ou simulados (boxe, karaté, taekwondo, etc.). O contato corporal, se bem que revestindo formas diferentes, é direto e o domínio e o controle do adversário passam necessariamente pela preensão e a manipulação deste, o que permite comparações pertinentes sobre o plano técnico. No entanto, eles diferenciam-se, claramente, ao nível da estrutura socioprofissional e do recrutamento dos seus praticantes, como se verifica na figura anterior.

Em França, no momento do estudo de Clément (1985), a luta estava implantada nas grandes cidades, por intermédio dos clubes, associados a uma federação. Atraía, essencialmente, uma classe operária. O judo, disciplina de origem japonesa, muito divulgado na Europa, abrange um público mais variado (quadros médios e técnicos). Por fim, o aikido, conhece uma elevada proporção de praticantes (quadros superiores e de intermédios culturais), fortemente dotados de um capital cultural. Esta disciplina de combate dual é muito urbana, muito feminizada, e “a aprendizagem não se limita à disciplina em si mesma, mas cobre o conjunto dos contextos familiar, social profissional” (Chignol, 2007, p. 7).

Na perspetiva de Clément (1985), tudo leva a crer que a origem social e o estatuto socioprofissional dos “agentes sociais”, para utilizarmos uma expressão de Bourdieu (1979), determinam a escolha de uma disciplina particular. Segundo Bourdieu (1979, p. 240):

⁵ Este conceito pretende agrupar o conjunto dos desportos de combate (boxe, lutas, artes marciais, etc.).

⁶ O conceito de “lógica interna” é “capital” para Parlebas (1976, 1986). Ele entende-o como sendo “o sistema de traços pertinentes de uma situação ludo-motriz e as consequências práticas que o sistema provoca. Estes traços são reputados de “pertinentes”, apoiando-se em dados distintivos da ação motriz: relação com o espaço (dimensão domesticação/selvajaria; territórios de estatutos diferenciados...), relação com o outro (comunicação e contra-comunicação motoras, violência de contactos), imperativos temporais, modos de resolução da tarefa, modalidades de fracasso ou de sucesso (Parlebas, 1986, p. 118).

Pode-se afirmar a lei geral de que um desporto tem mais possibilidades de ser praticado pelos membros de uma classe social se ele não contradiz a relação com o corpo e do que existe de mais profundo, isto é, o esquema corporal, enquanto depositário de uma visão social, de toda uma filosofia da pessoa e do corpo.

O autor estima que as práticas impondo uma “terra a terra”, o “viril”, o “corpo a corpo” e o “direto” (por exemplo a luta ou o rãguebi) são suscetíveis de ser apanágio das classes populares. As práticas favorecendo o “aéreo”, o “ligeiro”, a “distância” ou o “gracioso” (por exemplo o aikido) serão um sistema de distinção, de estetização e de eufemização da violência física que é privilegiado pelas classes sociais com mais recursos (Bourdieu, 1987, p. 204).

Neste trabalho, pretendemos conhecer a realidade portuguesa, ainda que de uma forma exploratória, abordando duas práticas desportivas de origem oriental: o judo (modalidade olímpica) e o aikido (modalidade não olímpica). A nossa pergunta de partida, e aquela que servirá de primeiro eixo central desta investigação, é a seguinte: **será que o perfil social, definido pela categoria socioprofissional, e o estatuto sociocultural dos indivíduos, determinam as escolhas e a intensidade da prática desportiva do judo e do aikido?**

Recorremos a várias técnicas de investigação social: observação direta e participante, entrevistas semi-diretivas (n=6) e inquérito por questionário (n=60). No aprofundamento do nosso objeto de estudo, delimitámos o objeto empírico aos praticantes avançados de aikido e de judo a nível nacional nas épocas desportivas 2018-2020. Foram definidas três hipóteses teóricas a serem objeto de análise e discussão de modo a averiguar da sua veracidade. Como primeira hipótese, partimos do pressuposto de que existe uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate, embora se encontrem diferenças de hábitos e valores. Na segunda hipótese, considerámos que existe uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Como terceira e última hipótese, considerámos que há uma diferenciação ao nível dos envolvimento, nomeadamente do tipo de prática/conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa segundo o perfil social e os desportos em análise.

CAPÍTULO 1

Breve Enquadramento sobre o Aikido e o Judo

1.1 Contextualização histórica

Antes do desembarque do Comodoro Matthew Perry (1794-1858) em 1853, os contactos dos japoneses com o Ocidente tinham sido esporádicos e sobretudo feito pelos missionários franciscanos e jesuítas provenientes da Espanha e de Portugal, no século XVI. O sucesso que eles têm no cristianismo junto de uma parte da população, sobretudo da região de Nagasaki, levou a uma reação xenófoba e a expulsão da religião católica em 1614, pelos ditadores militares que governavam (*shogun*).

Em 1637, milhares de convertidos foram executados e uma pequena parte da Igreja manteve em Nagasaki, de forma clandestina. Somente os Holandeses, sem dúvida por serem protestantes, conservaram as relações comerciais com os japoneses, a partir da pequena ilha de Deshima, situada perto do Nagasaki. Tratados de forma humilhante, só tinham o direito de deixar a ilha para as visitas oficiais (Darbon, 2008).

As tentativas de infiltração comercial pelos ingleses e pelos russos, no início do século XIX, não foram coroadas de sucesso. Foi preciso esperar pelo tratado de Kanagawa, imposto pela demonstração de força americana, demonstrada por Perry para que o Japão autorizasse os “barcos estrangeiros” (*Kurofune*, os “barcos negros”) (em ocorrência os americanos) a entrar nos portos de Shimoda, Nagasaki e Hakodate. Alguns meses mais tarde, um tratado similar foi assinado com o representante da Grã-Bretanha, o Almirante James Stirling (1791-1865), e outras grandes potências, como a França. O primeiro Cônsul americano foi acolhido em 1856 e depois foram-se abrindo outros portos ao comércio com os países estrangeiros.

Os problemas políticos que surgiram são marcados por uma forte agitação dos samurais, nascendo um novo Japão, o da Era Meiji, sob a forma de Estado unificado, constitucional e livre dos quadros da feudalidade. O jovem imperador Mutsuhito, apoiando a agitação anti-shogun, obtém o restabelecimento da monarquia absoluta, transfere a capital Edo (que na ocasião recebe o nome de Tóquio) e consagrou o enfraquecimento definitivo do shogunato. O novo poder decide implementar as escolas das potências ocidentais e de implementar medidas no domínio da industrialização a criação de uma armada moderna. Os contratos com o estrangeiro multiplicaram-se e “11.000 japoneses foram estudar no estrangeiro entre 1865 e 1902” (Darbon, 2008, p. 238).

No entanto, neste processo de abertura ao Ocidente e o que ele poderia representar em termos de “modernidade”, a questão da tradição e do respeito dos fundamentos da cultura japonesa sempre se colocou com acuidade. Nos últimos anos do século XIX conhece-se um fulgor nacionalista muito importante, apoiado e amplificado pelas vitórias do Japão sobre a China, em 1894 ou sobre a Rússia, em 1904.

Com um sistema educativo em renovação, os chefes do Estado-maior, entre os quais Yamagata Arimoto (1838-1922), fazem do *Bushidô* a base moral da nova armada Imperial, desejando inculcar o espírito samurai em cada um dos soldados⁷. A utilização massiva das artes marciais vão ser, assim, o meio privilegiado para desenvolver a força da nação, de preparação dos seus soldados e juntar, em torno destas práticas, largas franjas da população, prontos a comungar de um orgulho nacional reencontrado.

A história do Japão, no século XIX como nos dias de hoje, é atravessada pela tensão entre a tradição e a modernidade, como ilustra o escritor japonês Mishima, no seu livro “*Le Japon moderne et l'éthique samourai : la voie du Hagakurê*” (1985)⁸. Esta tensão manifesta-se em domínios muito diversos. Não é, por isso, uma surpresa que a encontremos na atitude dos japoneses relativamente aos desportos ocidentais.

A irrupção dos desportos na segunda metade do século XIX, enquanto manifestação do Ocidente, representava uma excitante forma de modernidade. A sua adoção, muitas vezes entusiástica pelos japoneses, leva a um duplo processo: por um lado, uma valorização das práticas lúdicas tradicionais (como as artes marciais), às quais atribuímos, muitas vezes, a raízes muito antigas, e, por outro lado, uma “modernização” (desportivização) da maior parte destas práticas.

E é esta tensão que se verifica nos praticantes e na forma de praticar as artes marciais: uns veem nelas um desporto competitivo; outros, os chamados “tradicionalistas” consideram

⁷ O espírito *kamikaze* (pessoa que sacrifica voluntariamente a sua vida num atentado suicida), na Guerra do Pacífico (1941-1945), ilustra bem esta inculcação do espírito samurai.

⁸ O escritor Yukio Mishima (1925-1970) surpreendeu os japoneses e os seus admiradores ao suicidar-se, em 1970, segundo o rito de *hara-kiri* (*seppuku*). Na sua perspetiva, o *hara-kiri* não tem um significado de derrota, como é visto pelo Ocidente, mas a expressão última do livre arbítrio, decidido a proteger a sua honra. A arte do *seppuku* assume a sua forma definitiva sob o período de *Kamakura* (1192-1333), quando das múltiplas guerras civis. Ruth Benedict (antropóloga americana, 1887-1948) na sua célebre obra *Le sabre et le chrysanthème* (1998), define a moral japonesa como sendo uma “moral da vergonha”. Segundo Braunstein (1999), Mishima mostrou a importância do papel simbólico e cultural das artes marciais no seio da sociedade nipónica. Sobre Hagakurê, confronte o livro de Yamamoto Jôchô (1984). *Hagakurê: le livre secret des Samourais*. Paris : Ed. Guy Tredaniel.

como sendo decisões contra o espírito do *budô* e dos *samurais* (Rosa & Stoleroff, 2008; Rosa, 2013, 2016c, 2017)⁹.

1.2 Aikido

Legítimo herdeiro da tradição marcial japonesa, o aikido (o caminho da harmonia) foi criado por Morihei Ueshiba (1883-1969)¹⁰, um homem de “fraca constituição física, muitas vezes doente e muito nervoso” (Hamon, 1992, p. 17). Considerado o pai desta disciplina marcial, que faz a sua aparição na Europa (em França, nos anos 1950, e em Portugal essencialmente a partir dos anos 1960), Ueshiba, em 1903, alista-se como um simples soldado da armada imperial, onde se faz notar pela sua grande habilidade no manuseamento da baioneta, arma correntemente empregue na época nos combates de corpo a corpo. Durante a guerra russo-japonesa (1904-1905), ele faz prova de bravura (Hamon, 1995).

Dois anos depois desta guerra, o Governo japonês decidiu agrupar as principais escolas marciais num organismo chamado “Botokukai”, no seio do qual as disciplinas poderiam salvaguardar a sua tradição e manter o seu espírito (Cauhépé & Kuang, 2008). A partir de 1926, Morihei começa a chamar a atenção de importantes personalidades japonesas do mundo político e militar, fazendo-lhe algumas visitas e para treinar com ele na via da “harmonia e da unidade” (Cauhépé & Kuang, 2008, p.14). Em 1931, vai instalar-se num bairro de Tóquio, onde cria um centro de prática chamado *Kobukan*, e que, uns anos mais tarde, assumirá o nome de *Aikikai*. Enceta contactos com Jigoro Kano, considerado o pai do judo.

Em 1946, os americanos, temendo pela sua segurança, vão proibir a prática do aikido e de todas as artes marciais. O “Sensei” (mestre) para os praticantes de aikido é quase um mito, uma fonte de reflexão e de inspiração (Westbrook & Ratti, 1999; Gaurin, 2001). Grande parte dos alunos de Ueshiba no Japão eram filhos de famílias da alta nobreza e de oficiais militares de um Império do Sol Nascente saído vencido da Segunda Guerra Mundial. Com o seu falecimento, em 1969, é o seu filho Kisshomaru Ueshiba que assume o “testemunho” e prossegue a arte do seu pai, assegurando, assim, uma continuidade. Com a vinda de mestres japoneses para a Europa (Minoru Mochizuki, Tadashi Abe, Matsuro Nakazono, Masamichi Noro, Nobuyoshi Tamura, Hiroo Mochizuki, Yasunari Kitaura, entre outros), como uma

⁹ Muitos praticantes de artes marciais e desportos de combate recorrem à referência dos guerreiros samurais para promover as suas práticas e treinos. Num folheto da Federação Portuguesa de Jujutsu, divulgado nas redes sociais, em 15/07/2017, pode ler-se: “Samurais, como representantes da International Kobudo Federation, a Federação Portuguesa de Jujutsu e Disciplinas Associadas, tem a honra de...”.

¹⁰ Morihei Ueshiba adaptou as técnicas de combate ancestrais japonesas. Ele contribui, tal como Jigoro Kano, no judo, e Gichin Funakoshi, no karaté, a conservar e a promover o aikido.

“espécie de missionários”, foram sendo criados vários centros de prática e promovidos estágios (treinos mais intensos, variáveis em número de dias), tendo a adesão de praticantes à procura de um desporto de combate e ávidos do exotismo que ele proporcionava.

Ainda que o aikido tenha assumido um lugar importante na Europa, para alguns instrutores avançados na prática ele ainda continua a ser uma “arte misteriosa” (Hamon, 1992, p. 13). Refutando a lógica competitiva (desportiva), o aikido coloca a tónica na “arte corporal” (Traversi, 2015, p. 21). “Ele propõe a quem o pratica regularmente uma regra de vida moral e física” (Hamon, 1992, p. 13). “Os exercícios do corpo e morais são inseparáveis” (During, 2013). Para os praticantes, e seguindo a vontade extrema do seu fundador, “é uma arte de paz”. Reivindica-se uma “ética do combatente”, uma “ética cavaleiresca”. Tal como no judo ou no karaté, a obtenção da graduação permite avaliar o nível técnico, e assume-se como uma luta simbólica. Como refere Bourdieu (2015, p. 132):

A luta simbólica tem por objetivo modificar os grupos, as relações entre os grupos, a divisão dos grupos, a hierarquia dos grupos, modificando a visão dos grupos, isto é, a visão que os grupos têm dos grupos, a visão que as pessoas que fazem parte do grupo têm dos grupos dos quais eles fazem parte e também da visão dos outros grupos.

Assumindo esta perspetiva bourdiana, podemos dizer que a obtenção do cinto negro e ulteriores, simboliza o “poder simbólico” ou “capital simbólico”. “O capital simbólico é um estatuto social, uma maneira de ser social, de estar no mundo social, de ser para os outros” (Bourdieu, 2015, p. 132). Na realidade, o “prémio” (a graduação) resulta de um crédito. Não é o dinheiro, mas as recompensas asseguradas pela avaliação dos pares, reputação, cargos e funções nos clubes, associações ou federações. Este “crédito honorífico” (*honorific credit*) é pessoal e intransmissível (propriedade privada, não pode ser transmitido por contrato ou por testamento).

As observações de Malinowski, nas ilhas Trobriand, juntam-se às análises realizadas por Mauss, que mostram que as trocas nas sociedades tradicionais se organizam segundo um contrato geral e permanente submetido a uma tripla obrigação: dar-receber-devolver. Assim se passa com a graduação. O modelo de troca de dádivas, em que cada praticante deve oferecer aos outros a informação que descobriu para deles obter, em contrapartida, o reconhecimento. A procura do reconhecimento é negada, em nome do ideal do desinteresse lucrativo, mas ela dissimula a ambição de garantir um poder, uma influência duradoura sobre o beneficiário.

Para Hamon (1992, p. 19), que começou a praticar “a via da comunicação do espírito” (aikido) nos anos 1960, e que nele se manteve durante mais de 30 anos, e, portanto, uma tese para propor e uma “posição” *a priori* a defender, esta prática, “como uma brisa fresca nos tempos modernos”, tem uma missão a cumprir: “contribuir fortemente para o desenvolvimento de uma compreensão mútua entre os diferentes povos”. De certa forma, não anda muito longe do que era preconizado por Coubertin. Como diz Braunstein (1999, p. 70), “o aikido beneficiou desde o seu início de uma grande intelectualização dos seus princípios, o que explica, em grande parte, a sua impossível banalização no desporto”.

Uma frase de Peyrache (1999, p. 41) diz muito sobre o espírito aikidoca, e que pudemos testemunhar com a nossa observação-participante: “o praticante (aluno) não está lá para propor ou impor as suas ideias aos outros e desvirtuar o ensinamento do *Sensei*, mas para progredir e trabalhar”. O mestre está lá para ajudar os “desiludidos” com a prática (as técnicas a assimilar), os reconfortar e os ajudar a ultrapassar as dificuldades do treino. O praticante experimentado, mesmo se ele pode ensinar ou corrigir os mais inexperientes, pode não ser um instrutor.

Para se ser instrutor, é preciso uma credencial, obtida após fazer uma formação da federação de aikido. A dificuldade principal, tendo em conta os diferentes níveis de *expertise* (os anos de prática levam a uma acumulação e domínio de gestos complexos), é explicar que, para uma mesma prestação técnica, pode-se dar cumprimentos a um jovem iniciante e desiludir se é realizada por um praticante avançado. Existe uma distância entre o que um praticante pode projetar e o que ele pode viver. Quando um praticante não realiza as performances que ele se julga capaz, ele coloca em causa a sua preparação física e habilidade para a modalidade escolhida. Não se sabe se existem eventuais incidentes na sua vida pessoal fora do treino (Piasent, 2015).

O aikido é percebido como uma arte estética e como complementar ao judo, permitindo a (eventual) possibilidade de defesa contra um ataque de arma branca. Como uma tripla ação da lâmina de barbear com três lâminas (a primeira tira o pêlo, a segunda corta, retirando mais um pouco e a terceira vai a um nível que as duas primeiras não permitem), para os praticantes, as técnicas podem ser “analisadas, estudadas, harmonizadas”. Analisadas separadamente, como de um fator educativo. Estudadas sistematicamente, pois tornam-se um gestual psicossomático. Harmonizadas interiormente porque se trata de exercícios privilegiados de conduta de energia. Pociello (1995a, p. 85) define assim o aikido:

(...) Arte marcial [que] consiste a explorar a força, um nada inocente ou ‘brutal’, do adversário pela técnica subtil de se ultrapassar, conduzida em doçura e curvas, que ultrapassa a violência e dissuade a agressividade. É uma espécie de arma defensiva de dissuasão pela ciência e arte da esquivia em souplesse.

Para muitos, o esforço é centrado para uma eficácia que se deseja imediata. Os treinadores (ocidentais e orientais), treinados nas modas atuais, propõem técnicas que satisfazem os ávidos sentidos. Outros têm técnicas “avançadas”, nas palavras dos praticantes. Podemos ouvir: “ele tem um aikido que mata”, expressão paradoxal quando sai da boca dos cintos negros, que se referem especialistas, e que conhecem os preceitos de Ueshiba.

No aikido prevalece uma vaga sentimental anticompetitiva, rejeitando-se o desporto e a instrumentalização corporal, tendo em vista o recorde. Bourdieu (2008, p. 27) chama a atenção para a questão das lutas em cada disciplina (como campo), da sociologia, mas também se pode aplicar nos desportos de combate: “cada protagonista desenvolve uma visão clara desta história, sendo as diferentes narrações históricas orientadas em função da posição daquele que as faz, não podendo portanto aspirar ao estatuto de verdade indiscutível”. Em suma, cada disciplina é definida por um *nomos* particular, um princípio de visão e divisão, um princípio de construção da realidade objetiva.

1.3 Judo

O judo (o caminho da suavidade) é uma disciplina criada no Japão em 1882 por Jigoro Kano (1860-1938)¹¹. Ele serviu de protótipo da nova forma de artes marciais japonesas. “A novidade não é tanto os gestos técnicos, mas a forma de os realizar, para as finalidades que se pretendem” (Brousse, 2002, p. 14). Trata-se de um desporto inventado a partir de uma reflexão racional, visando responder a uma necessidade particular, por um japonês influenciado pela ideologia desportiva ocidental, mas desejando realizar uma síntese entre Oriente e Ocidente (Rosa, García & Mikel, 2010). Kano dizia: “seguindo um método científico, eu selecionei os melhores aspetos das escolas mais antigas de jujutsu, eliminei outras e construí um novo sistema mais em consonância com a sociedade moderna” (Kano citando em Inoue, 1998, p. 165).

¹¹ Jigoro Kano inicia-se no *jujutsu* (estilo *Tenjin shin yo*) sob a direção de Fukuda Hachinosuke, em 1877, com a idade de 18 anos. Diplomado pela Universidade de Tóquio, em 1881, funda o judo *Kodokan* (“escola onde se estuda a via”) em 1882 e torna-se assistente na escola Gakushuin (reservada à elite do reino). Em 1889, efetua a sua primeira missão na Europa como adido do Ministério da Casa Imperial. É nomeado membro do CIO em 1909. O jujutsu era a forma de combate de mãos vazias praticada pelos Samurais.

“Encontro privilegiado entre o Oriente e o Ocidente” (Brousse, 2002, p. 12), o judo “ilustra a forma mais marcante da reciprocidade da difusão cultural” (Deluermoz, 2010, p. 11). Ele implementou-se no Ocidente quando o Japão num contexto de derrota e de ocupação militar, se recompunha da destruição da Segunda Guerra Mundial. As modificações das técnicas do judo correspondem à “ocidentalização” da prática.

O judo deveria ser, segundo Kano, uma forma de educação. Ele insiste sobre o “dô” (via) em vez do “jutsu” (técnica). A sua ideia foi a de combinar as dimensões desportivas, intelectuais e espirituais, a fim de assegurar um aperfeiçoamento físico e moral do indivíduo (Brousse, 2005; Deluermoz, 2010). Segundo Derlon (2008), será inexato pensar que a ação sozinha de Kano permitiu o desenvolvimento do judo. Alguns dos seus precursores, considerados como os mais importantes ou os mais mediáticos, foram certamente influenciados pela sua própria história e a concepção da sua prática. Depois, pela “sua posição institucional, que os colocou no bom momento e no bom lugar, permitiu favorecer ou, pelo contrário, de travar um processo de desportivização” (Derlon, 2008, p. 161).

A disciplina foi incluída nos JO, na edição de Tóquio de 1964. Entre a sua fundação (1882) e o seu reconhecimento (1964), “dinâmicas plurais e contraditórias marcam o seu percurso” (Deluermoz, 2010, p. 117). Talvez, por isso, ficou ausente na edição seguinte, em 1968, vindo a ser integrado quatro anos depois.

Em 1992, nos JO de Barcelona, tornou-se disciplina olímpica para as mulheres. Mas com vários preconceitos: “Para mim, uma mulher que combate no judo ou numa outra disciplina, não é qualquer coisa de natural e de valorizante. Para o equilíbrio das crianças, eu penso que a mulher está melhor em casa” (Douillet citado em Broucayet, 2012, p. 42). Esta eminente concepção da natureza feminina não é de Coubertin, mas um dos nossos contemporâneos. As palavras são de David Douillet, ex-praticante de judo de alto rendimento, várias vezes medalhado, e que foi ministro dos desportos em França (2011-2012).

O judoca, reconvertido em político, acabaria por se desculpar por estes comentários de “balneário” e de precisar até que as mulheres fizeram grandes progressos técnicos. Cathy Fleury, campeã olímpica de judo em 1992, e que em 2005 foi nomeada, pela primeira vez, diretora técnica da equipa francesa de judo feminino, refere que, mesmo se ainda existe uma certa depreciação dos resultados e das performances das raparigas, os comentários sexistas já quase saíram dos tatamis (Broucayet, 2012). Catherine Louveau, socióloga e docente em STAPS, na Universidade de Paris-Sud 11, acredita que deixar passar o tempo é favorecer a reprodução de género. Assim, “desde o primeiro ano de STAPS os rapazes são obrigados a

praticar a dança ou a ginástica rítmica, e as raparigas praticam rãguebi e futebol” (Broucayet, 2012, p. 49).

As regras do judo foram adaptadas para que fosse reconhecida disciplina paraolímpica, em 1988. Atualmente, divide-se em sete categorias (masculinas e femininas). Judo de competição, judo educativo, judo de lazer, judo de defesa pessoal... o conjunto dos adeptos praticam o judo, com o sentimento de pertencer a uma “tribo” prestigiosa, apesar das divergências internas, como se neste universo, a coesão fosse o produto do fracionamento (Boltanski, 1979).

O judo é hoje um desporto muito popular. A referência à tradição deixa lugar às questões relativamente desportivos. A progressão dos *dans* (graduações), materializada pelas cores dos cintos (inovação inglesa de 1927), se faz com base em critérios quantitativos, explícitos, públicos e formalizados. As classes de pesos (introduzidos em 1965), reforçam a igualdade de oportunidades.

O professor funda a sua autoridade mais em dimensões técnicas do que em dimensões carismáticas. As referências ao budismo desaparecem. A federação europeia, contra a federação japonesa, impõe o uso do *kimono* azul para um dos combatentes de maneira a que se distinga melhor do seu adversário. Como sublinhava Arnold Von Gennep, “cada grupo organizado tem necessidade de ser afirmar e perseverar, distinguindo-se dos outros pelas marcas visíveis” (Von Gennep citado em Belmont, 1974, p. 126). Esta formulação leva a imaginar uma certa proximidade com os princípios da diferenciação social situada no centro da obra de Bourdieu (1979).

Existem duas concepções do judo: i) um “judo tradicional”, que representa uma ética marcial renovada ou educativa, segundo a inspiração de Kano. Os praticantes procuram realçar os seus valores morais tradicionais. O progresso de um é o progresso do outro; ii) um “judo desportivo”, cuja ética é da competição. Procura se afirmar em relação ao adversário (comparação social), no respeito pelas regras desportivas. O outro é visto mais como um adversário do que como parceiro.

Tendo como objeto de estudo não os judocas aguerridos, mas jovens entre os 10 e os 16 anos em situação de entrada na prática e conquista dos primeiros cintos, Faure e Suaud (2015) procuram compreender as modalidades da socialização desportiva, apoiando-se sobre as especificidades do judo. Para os autores, existem duas propriedades: o caráter competitivo reconhecido através de um palmarés nacional importante e o fato de ser um desporto

codificado, cujo acesso e a apropriação passam pela aceitação e incorporação de maneiras de ser e de fazer convencionais (vestimenta, rituais, linguagem).

Duas conclusões podem-se retirar deste estudo: a primeira é a de que a entrada no universo simbólico do judo se faz principalmente tendo por base uma acumulação de propriedades sociais e desportivas. A atitude mais provável estatisticamente é a de uma retradução de uma relação “feliz” relativamente ao mundo social e de uma forma de praticar o judo de forma respeitosa dos códigos e das linguagens ligados(as) a este desporto. A segunda é a de que o investimento desportivo pode nascer e se desenvolver numa lógica de compensação de uma “desqualificação social” ou de uma “desqualificação escolar”.

Vários autores procuram explicar o sucesso e a notoriedade do judo. Na perspectiva de Clément (1985, p. 210), o sucesso funda-se na originalidade “técnica e ética” do “produto” (e do seu refinamento), em relação aos desportos de combate ocidentais e aos sistemas de representação social, político e de excelência corporal. Para Magnane (1964, p. 139), “o seu sucesso deriva, em parte, porque ele constitui um espetáculo, que a televisão, com ou sem razão, o torna familiar aos olhos do público”. Segundo Chambinaud (2002), a notoriedade deve-se à eficácia dos dirigentes, que souberam se rodear de profissionais, o *kimono* de combate e o seu historial “exótico”, que atrai, ao contrário das lutas amadoras, onde as forças estão separadas em vários estilos, no judo há apenas uma disciplina a gerir.

O combate surge como um domínio privilegiado para “provar” a validade das suas representações. Como bem refere Bourdieu (2016, p. 814), “o campo de forças torna-se um campo de lutas quando ele é constituído pelos agentes sociais que dispõem de categorias de percepção e de apreciação e percebem o campo como um terreno de confronto”. Julhe (2010, p. 94) considera que, graças ao trabalho de promoção, que distingue o judo de outras práticas de combate, nomeadamente a luta, e apresentando-se como uma forma de confronto mais “cultivado” e mais “intelectualizado”, a disciplina adquire rapidamente uma autonomia institucional.

Em Portugal, mais concretamente em Lisboa, a Academia de Judo foi o primeiro clube de artes marciais. Foi fundado pelo António Hilmar Schalch Corrêa Pereira, em 1946, com o objetivo de se aperfeiçoar o “judo marcial”. Corrêa Pereira é considerado o primeiro português com o cinto negro 1.º *dan* do judo Kodokan, mas isso nunca foi reconhecido pela Federação Portuguesa de Judo, na medida em que esta sempre privilegiou o judo desportivo (Rosas, 2011). Com a adesão de vários praticantes (numa primeira fase, essencialmente

engenheiros e militares)¹², o clube viria a ser transferido, em 1958, para Entrecampos. Atribuíram-lhe o nome de “Academia de Budô”.

É neste espaço que viriam a ser promovidos vários treinos e estágios com mestres japoneses (Rosa, 2007) e são introduzidas novas disciplinas marciais (karaté, aikido)¹³. A participação de Portugal nas Olimpíadas, com o judo, data de 1964. Os resultados obtidos por Nuno Delgado e Telma Monteiro contribuíram para o desenvolvimento e reconhecimento do judo nacional.

¹² No âmbito dos nossos trabalhos sobre o karaté, tivemos a oportunidade de entrevistar várias esposas (viúvas) dos praticantes, nomeadamente a viúva de Corrêa Pereira.

¹³ Para um aprofundamento sobre a introdução do karaté em Portugal, sugerimos duas teses de doutoramento: Figueiredo (2006) e Rosa (2017). Sobre as Academias de Judo e de Budô, bem como a evolução das artes marciais e legislação em Portugal até à década de 90, propõe-se a leitura dos artigos científicos de Rosa (2007, 2008, 2016c).

CAPÍTULO 2

O Aikido e o Judo como Problema de Investigação

2.1 Noções e conceitos

Referências legítimas e pontos de passagem “obrigatórios” para aqueles que se interrogam sobre o desporto, as produções de Michel Bouet e de Jean-Marie Brohm, que marcaram um momento necessário da reflexão, são hoje submetidas a discussões e a críticas¹⁴. Estes autores, sem terem querido ou previsto, incarnam as duas posições extremas que fazem parte do discurso sociológico sobre o desporto. Entre a aproximação “psicossociológica” das motivações dos desportistas (o primeiro autor) e a crítica radical sociopolítica do desporto (o segundo autor), estende-se um domínio de conhecimentos estruturado como um “campo” (Pociello, 1981).

Nós utilizamos o conceito de campo no sentido que lhe dá Bourdieu (1979), isto é, um campo de concorrência no qual se confrontam os agentes sociais, tendo interesses específicos ligados à posição que eles ocupam. Um campo tem como:

Monopólio a imposição da definição legítima como atividade desportiva e a função legítima da atividade desportiva, amadorismo contra profissionalismo, desporto-prática contra o desporto-espetáculo. O campo encontra-se inserido no campo das lutas para a definição do corpo legítimo e o uso legítimo do corpo” (Bourdieu, 1980, p. 181).

Para Bourdieu (2002, p. 181):

¹⁴ Estes dois autores publicaram nas Edições Universitárias de França (PUF) e nas Edições Jean-Pierre Delarge uma série importante de obras sobre o desporto. No prefácio do livro *La machinerie sportive*, Hesse sublinha que, para muitos, Brohm “tornou-se o inimigo número 1 no domínio do desporto e da sociologia do desporto”. As suas ideias parecem ser “muito radicais”, na medida em que “o mundo do desporto é profundamente alienante” (Brohm, 2002, pp. VI-VII). A tese de Brohm, que se anuncia neomarxista, e que guia o seu trabalho, “é a de que o sistema desportivo, em vias de mundialização, é o reflexo da universalização e de extensão a todas as formações sociais do globo do modo de produção capitalista (a Era do imperialismo)” (Brohm, 1976, p. 65). Do ponto de vista filosófico e sociológico, os seus trabalhos são influenciados pelos pensamentos de Hegel, Marx, Freud, Reich e Marcuse. Como lembra Guttmann (2006, p. 220), “na perspectiva dos neomarxistas, o desporto moderno é inimigo da liberdade. Nas suas características essenciais, e não apenas nos abusos, aberrações ou excessos, ele é o exemplo de uma organização social desumana”.

Um campo das práticas desportivas é o local de lutas onde, entre outras coisas, pelo monopólio da imposição da definição legítima da atividade desportiva, amadorismo contra profissionalismo, desporto-prática contra desporto-espetáculo, desporto distintivo – de elite – e desporto popular – de massa –, etc. ; e este campo está ele mesmo inserido no campo de lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, lutas que envolve os treinadores, dirigentes, professores de ginástica e outros mercadores de bens e serviços desportivos, opondo os moralistas e em particular o clérigo, os médicos e em particular os higienistas, os educadores no sentido lato – conselheiros conjugais, dietéticos, etc. –, os árbitros da elegância e do gosto, etc.

Segundo Faure e Suaud (2015), o desporto abre, assim, uma possibilidade quase infinita de lutas simbólicas, às quais as instituições e os grupos sociais vão se “entregar”, não apenas para as vitórias e troféus, mas, de maneira mais “escondida”, para impor as significações particulares e distintivas, ou oposicionais, ligadas aos gestos desportivos.

Na análise do desporto e a sociedade, Callède (2007, p. 236) sublinha que, em França, as primeiras “letras de nobreza” universitárias são dadas pela conferência que o sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002) pronuncia no *Institut National du Sport, de l'Expertise et de la Performance* (INSEP), sediado em Paris, no quadro de um congresso internacional de investigadores em história do desporto, em março de 1978¹⁵. Um universitário de renome, que se interessa pela dimensão diacrónica e histórica dos fatos desportivos. Tornou-se rapidamente, para uma geração de sociólogos do desporto (Jacques Defrance, Christian Pociello, Jean-Paul Clément, entre outros), uma referência obrigatória.

A obra sociológica de Bourdieu é incontestavelmente abundante, de uma grande riqueza, intelectualmente estimulante e de uma certa complexidade. Em várias situações, o autor, que reconhece que “a linguagem sociológica não pode ser nem ‘neutra’, nem ‘clara’” (Bourdieu, 2002, p. 38) e que “as suas análises são o produto da aplicação de esquemas muitos abstratos a coisas muito concretas (...)” (Bourdieu, 2002, pp. 39-40), foi levado a falar e a escrever sobre o desporto, apresentando mesmo o que poderia ser um “programa” de investigação sobre a sociologia do desporto.

Para Bourdieu (1979, p. 102), o desporto e as valorizações que lhe estão associadas atestam que ele é um “motivo de luta de classes e simbólicas”. Por outro lado, os gostos (entendidos como princípios de escolhas operadas) em matéria de estética, cultural e

¹⁵ HISPA (International Association for the History of Physical Education and Sport), VII Congrès International « Culture Corporelle et Sociétés », 28 mars-2 avril, 1978, Paris, INSEP, s.d. , vol/ multigr. A sua comunicação viria a ser publicada posteriormente com o título “Comment peut-on être sportif”, in Pierre Bourdieu (2002). *Questions de sociologie*. Paris : Les Éditions de Minuit, pp. 173-195.

desportiva são amplamente determinados por *habitus* (regras adquiridas, cujos fundamentos conscientes e inconscientes são partilhados por um grupo) integrados progressivamente ao longo da educação e da vida.

O *habitus* é um produto de história e é um capital. “Ele é diferente de hábito, que é considerado espontâneo e repetitivo, mecânico, automático, mais reprodutor do que produtor”, “qualquer coisa de poderosamente gerador” (Bourdieu, 2002, p. 134). O autor mostra que o conceito de *habitus* permite escapar as duas ilusões: a ilusão da “teleologia individual” (ilusão subjetiva que está no centro da economia e da filosofia utilitarista), e a “ilusão da teologia coletiva” (que está no centro da tradição hegeliana-marxista). “O conceito de *habitus* é uma espécie de “coisa” que designa um princípio gerador de pensamentos, de percepções, de ações, de palavras, etc. (...)” (Bourdieu, 2015, p. 290). Neste sentido, os gostos, para Bourdieu (2002, p. 162), são entendidos como:

(...) O conjunto de práticas e propriedades de uma pessoa ou de um grupo são o produto de um encontro (de uma harmonia preestabelecida) entre os bens e um gosto (quando eu digo ‘encontrei uma casa a meu gosto’, eu digo que encontrei a casa conveniente ao meu gosto, onde o meu gosto se reconhece, se encontra).

Dito de outro modo, “os gostos são o produto do encontro de duas histórias: de um lado, o estado da objetividade; do outro lado, o estado incorporado, que são objetivamente acordados” (Bourdieu, 2002, p. 162). Neste sentido, o meio de origem e a posição social, por um efeito de inculcação, induzem as escolhas, os julgamentos, as maneiras de ser e de comportamentos (Bourdieu, 1980).

Esta teoria privilegia uma visão estruturante e determinista da ação social, contrapondo-se à teoria do “homem plural” proposta por Lahire (1998) e Boudon (1977). Na perspectiva de Lahire (1998), os atores sociais, no decurso da sua socialização, vivem experiências variadas, encontram outros indivíduos, desempenham papéis diferentes e, por vezes, inesperados dos hábitos ou dos esquemas possíveis de ação que lhe estão simbolicamente atribuídos em razão da sua origem social. Para Boudon (1977), a análise do social deve fazer-se a partir do estudo da situação a partir da qual se constrói a ação. Os constrangimentos são os elementos que permitem compreender a ação individual.

Para Bourdieu (1979, 2015, 2016), existem quatro capitais:

- O capital económico: fatores de produção (terra, fábrica, trabalho) e bens económicos possuídos (rendimentos, património, bens materiais).

- O capital cultural: posseção de competências culturais (facilidade de linguagem, por exemplo), de bens culturais (quadros, obras, objetos de arte) ou ainda títulos escolares e outros diplomas institucionais.
- O capital social: conjunto de relações sociais que dispõe o indivíduo ou grupo. Esta rede deve ser mantida por intermédio de um trabalho de sociabilidade (lazer comuns, saídas múltiplas...).
- O capital simbólico: conjunto de rituais construídos segundo o reconhecimento e prestígio. Para muitas sociedades, o nome de família, sobretudo os nomes nobres, são uma forma de capital simbólico, um capital de reconhecimento que tem a sua lógica de acumulação, de conservação, de transmissão e também de conversão em outras formas de capital. “O capital científico é uma espécie particular de capital simbólico, capital fundado no conhecimento e reconhecimento” (Bourdieu, 2008, p. 53).

O “espaço das disposições sociais e dos estilos de vida” (Bourdieu, 1979, pp. 140-141) é representado por um diagrama, procurando representar a distribuição dos agentes sociais segundo o volume global (+ e -) e os capitais cultural e económico (+ e -), que eles detêm.

Desta forma, os detentores de um forte volume de capital global, como os patrões, os membros de profissões liberais e os professores das universidades, opõem-se globalmente aos mais desfavorecidos de capital económico e de capital cultural, como os operários sem qualificações. Mas do ponto de vista relativo do capital económico e cultural dos seus patrimónios, os professores (mais ricos, relativamente ao capital cultural e económico) se opõem fortemente aos patrões (mais ricos, relativamente em capital económico e em capital cultural).

Globalmente, “o espaço das posições sociais traduz-se no espaço das tomadas de posição por intermédio do espaço de disposições (ou dos *habitus*)” (Bourdieu, 1994, p. 22). Assim, “a cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de gostos)” (Bourdieu, 1994, p. 23). “Os *habitus* são os princípios geradores de práticas distintas e distintivas: o que se come e a forma de se comer, o desporto que se pratica e a forma de se praticar, as opiniões políticas e as formas de as exprimir, etc.” (Bourdieu, 1994, p. 23).

O estudo dos gostos desportivos por Bourdieu é retomado por Pociello (1981, 1995a,b, 1999) e outros investigadores (Defrance, 1995; Clément, 1995; Waser, 1995; Louveau & DAVISSE, 1997; Ohl, 2006). Muitas vezes, estes investigadores insistem sobre as praxis diferenciadas das classes ou categorias sociais. As classes dominantes preferem as práticas

corporais aliadas à graça, estética, controle, ausência de contato viril, desportos motorizados ou onerosos. Preferem práticas desinteressadas, tendo um objetivo educativo. As classes populares preferem as atividades físicas e desportivas aliadas à força e viril, contato corporal, espírito de sacrifício, exaltação da competição, o mérito, a produtividade e profissionalismo.

A diferenciação social leva à diferenciação desportiva (Marivoet, 1998, 2001, 2005, 2006), opondo o “desporto apolónio” e o “desporto dionísio”, para retomarmos as expressões de Maffesoli (1982), ou os “desportos chiques” e os “desportos populares”, como realça Bouet (1968). Assim, o custo das atividades (a variável económica) não pode ser considerado como a única variável discriminatória para a prática desportiva (Risse, 1991 [1921]; Andreff, 1981, 2002)¹⁶. “O conjunto da ideologia de classe, da questão do que é chique ou não, assume um papel importante” (Risse, 1991 [1921], p. 62).

De uma forma geral, o desporto para “as classes superiores” é secundário. É uma forma de os círculos sociais, já unidos, se fecharam ainda mais” (Risse, 1991 [1921], p. 62). Mais adiante, e dando o exemplo do ténis, o autor refere que “não se procuram os seus parceiros pelas suas performances desportivas, mas por serem de determinadas classes sociais, às quais se deseja pertencer” (Risse, 1991 [1921], p. 63). Apreendidas como práticas sociais e culturais, as práticas desportivas são constitutivas de um estilo de vida.

2.2 Delimitação da problemática em estudo

Como é que se produz a procura dos “produtos desportivos”, nomeadamente das duas disciplinas em análise? Como é que surge o “gosto” pelo judo e o aikido, em detrimentos de outras práticas desportivas? O que predispõe algumas pessoas a praticarem os desportos de combate, ao contrário da grande maioria das que os não praticam? Quais são os princípios ou critérios que permitem aos agentes sociais escolher entre as três práticas desportivas que lhe são oferecidas num determinado momento e da sua continuidade? Como é que se constituiu, progressivamente, este corpo de especialistas (monitores, treinadores, instrutores, mestres, ou outra designação semelhante) que vivem direta ou indiretamente destas práticas desportivas?

¹⁶ Segundo Andreff (2002, 2012), existe uma “ação combinada” de fatores: preço total de acesso à prática, a cobertura geográfica dos locais de prática e dos clubes, o mecenato, os patrocinadores e a publicidade, o grau de tecnicidade gestual, ligada à evolução tecnológica. Os patrocínios são uma ferramenta moderna de *marketing* para aumentar a notoriedade de uma marca, reforçar a imagem de um produto ou empresa, modificar as atitudes dos consumidores e comunicar com os clientes existentes ou potenciais. As empresas procuram se associar às imagens desportivas, de preferência as que são difundidas pela televisão. Um contrato de *sponsor* não tem nada de filantrópico, contrariamente a algumas formas de mecenato. É um ato comercial e o patrocinador espera um retorno do seu investimento no desporto.

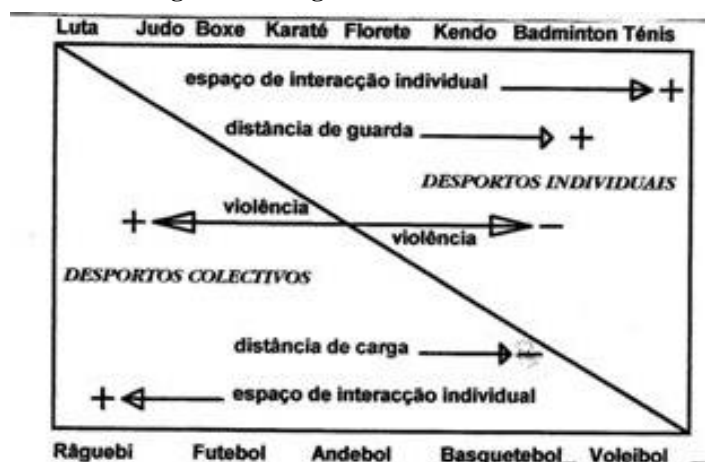
Quando é que o sistema de agentes e instituições começou a funcionar como um campo de concorrência onde se confrontam os agentes, tendo interesses específicos ligados às posições que ocupam? Qual é a realidade sobre estas três modalidades em Portugal? Estarão elas em declínio ou em franca expansão? Como explicar o sucesso de umas em detrimento de outras? Quais são as diferenças e as semelhanças? Será que a origem social, definida pela categoria socioprofissional, e o estatuto sociocultural dos indivíduos determinam as escolhas e a intensidade da prática desportiva?

Estas e outras perguntas estão por responder, merecendo, por isso, um olhar sociológico contemporâneo. Os desportos de combate, pela diversidade das suas origens, a diversidade de especialidades e pela diferenciação dos seus usos sociais, ocupam um espaço importante no sistema das práticas desportivas codificadas. No âmbito destas práticas, o aikido e o judo conheceram uma grande expansão em Portugal, tanto a nível nacional como internacional, daí a nossa escolha para a realização deste estudo de caso.

A nossa pergunta de partida, e aquela que servirá de primeiro eixo central desta investigação, é a seguinte: **será que o perfil social, definido pela categoria socioprofissional, e o estatuto sociocultural dos indivíduos, determinam as escolhas e a intensidade da prática desportiva do aikido e judo?**

Na nossa perspetiva, a prática corporal codificada e identificável não pode ser apreendida como um “objeto técnico”, que se poderia identificar com a “lógica interna”, conceito utilizado para designar a pertinência motriz das atividades físicas e desportivas, evocado por Parlebas (1976, 1991) (cf. Figura 2.1), e que importa que nos atardemos um pouco na sua explicação.

Figura 2.1: Lógica Interna dos Duelos



Fonte: Parlebas (1986, p. 97)

Esta Figura foi-nos gentilmente cedida por João Boaventura, ex-dirigente do IDP

Segundo esta Figura, temos um retângulo dividido em dois triângulos, com os seguintes significados simbólicos:

A – A área do triângulo de cima começa no vértice do lado esquerdo (em cima), com espaço reduzido, mas alargando-se até ao lado direito. Isso quer dizer que os desportos individuais, representado em cima dispõem de um espaço cada vez maior, da esquerda para a direita. Desta forma, a luta será a modalidade que dispõe de um espaço reduzido, mas as modalidades seguintes vão tendo um espaço cada vez maior, representado pelo ténis, no final. O espaço de interação individual entre os dois contendores seja cada vez maior. Resumindo: começa por um espaço reduzido (luta) e acaba-se afastados (ténis). A proximidade permite mais violência ou mais agressividade (classes populares) e a distância menos violência ou nenhuma (ténis) (classes altas).

B – A área do triângulo de baixo (desportos coletivos) começa no lado esquerdo ao retângulo, com o maior espaço possível (râguebi) e termina com um espaço mais reduzido no vértice direito, representado pelo voleibol. Neste sentido, ocorre tudo ao contrário do que aconteceria com os desportos individuais. A distância de carga, isto é, o espaço de interação individual disponível pelos contendores, maior no râguebi, vai diminuindo quando o espaço do jogo também diminui (voleibol). Resulta daqui que o espaço por metro quadrado para cada jogador vai diminuindo da esquerda para a direita, daí que a agressividade e a violência sejam maiores nos jogos com espaços maiores (râguebi, futebol) e se vá reduzindo nos jogos com área do jogo menor (basquetebol) e praticamente nulas no voleibol. A distância de carga é imposta pela grande disponibilidade de espaço.

Neste sentido, “a lógica interna dos combates é uma lógica de destruição, real ou simbólica, do corpo do adversário” (Parlebas, 1986, p. 172). A determinação dos “usos sociais” (Boltanski, 1971) das práticas de combate, pela variedade das suas origens, a diversidade de especialidades e a diferenciação dos usos sociais (desporto, segurança, etc.), leva a que elas ocupem um lugar diferente no sistema de práticas desportivas codificadas, elaboradas por Pociello (1981, 1995a,b).

Enquanto “técnicas do corpo” (Mauss, 1936), o aikido e o judo podem ser definidas pelo combate de mãos vazias, o que os(as) distingue dos desportos de percussão, nos quais os

golpes são feitos, controlados ou simulados (boxe, karaté, taekwondo, etc.). O contato corporal, se bem que revestindo formas diferentes, é direto e o domínio e o controle do adversário passam necessariamente pela apreensão e a manipulação deste, o que permite comparações pertinentes sobre o plano técnico. No entanto, eles diferenciam-se, claramente, ao nível da estrutura socioprofissional e do recrutamento dos seus praticantes, como se verifica na figura anterior.

Na perspetiva de Clément (1985), tudo leva a crer que a origem social e o estatuto socioprofissional dos “agentes sociais”, para utilizarmos uma expressão de Bourdieu (1979), determinam a escolha de uma modalidade desportiva particular. O custo das atividades (a variável económica) não pode ser considerado como a única variável discriminatória para a prática desportiva (Andreff, 1981, 2002, 2012). O investimento destas práticas pelos grupos sociais não parece, assim, ser obra do acaso. Como referem Faure e Suaud (2015, p. 17), “codificados coletivamente e presos nos dispositivos institucionais, os desportos são escolhidos e apropriados pelos indivíduos socialmente situados”.

Desta forma, é importante saber como e porquê esta seleção se opera em Portugal. Esta questão é tanto ou mais importante na medida em que “existe uma pluriatividade e o ‘zapping desportivo’, que não cessa de ganhar terreno com o objetivo de colmatar o aborrecimento, variar os horizontes e os prazeres” (Lipovetsky, 2006, p. 252).

2.3 Proposta de investigação e modelo de análise

Tendo por base a problematização do nosso objetivo de estudo, através das diferentes abordagens e contributos teóricos que temos estado a chamar ao debate, foram definidos os seguintes objetivos gerais:

- Examinar a diferenciação social dos praticantes das duas disciplinas objeto de estudo.
- Analisar como os praticantes das duas modalidades se posicionam relativamente à sua prática de eleição, as suas culturas e motivações.
- Compreender o que leva os indivíduos a procurar estas modalidades em detrimento de outras.
- Conhecer estas duas disciplinas de combate em Portugal, quem são os seus praticantes e as suas comunidades.

No aprofundamento do nosso objeto de estudo, delimitámos o objeto empírico aos praticantes avançados de aikido e de judo a nível nacional que exercem cumulativamente a função de treinadores. Foram definidas três hipóteses teóricas a serem objeto de análise e discussão de modo a averiguar da sua veracidade. As hipóteses fornecem à investigação um fio condutor, particularmente eficaz, que, a partir do momento ela é formulada, substitui nessa função a questão da pesquisa mesmo que esta deva permanecer presente na nossa mente” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 121).

Como primeira hipótese, partimos do pressuposto de que existe uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate, embora se encontrem diferenças de hábitos e valores. Na segunda hipótese, considerámos que existe uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Como terceira e última hipótese, considerámos que há uma diferenciação ao nível dos envolvimento, nomeadamente do tipo de prática/conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa segundo o perfil social e os desportos em análise.

Na operacionalização das hipóteses definimos o nosso Modelo de Análise Desagregado (MAD), alicerçado na relação de um conjunto alargado de variáveis e indicadores capazes de as tornar observáveis. Foram definidas quatro dimensões: 1) Disposições sociais para com as AM&DC; 2) Envolvimento nas AM&DC; 3) Valores, hábitos e gostos; 4) Características sociodemográficas dos praticantes. Para cada uma das dimensões, definiram-se variáveis e indicadores, conforme consta no Quadro 2.1, na página seguinte.

Quadro 2.1: Modelo de Análise Desagregado

Dimensões	Variáveis	Indicadores
D1. Disposições Sociais para com as AM&DC	1.1 Modalidades	1.1.1 <u>Aikido e judo</u> (P1) 1.1.2 Regularidade nas AM&DC (P5; E6) 1.1.3 Razões para o início da prática (P9; E3) 1.1.4 Razões para a manutenção da prática (P10)
	1.2 Prática das AM&DC	1.2.1 Idade de início na prática (P4; E1) 1.2.2 Interrupção da prática (P8; E7)
D2. Envolvimentos nas AM&DC	2.1 Prática e perceção associativa	2.1.1 Adesão a um clube e associação (P2; P3; E2; E5) 2.1.2 Cargos de direção/órgãos sociais (P13; E4) 2.1.3 Relações entre associações (P14)
	2.2 Conceção da prática	2.2.1 Âmbito da prática (P12)
	2.3 Adesão desportiva e profissional relacionada com as AM&DC	2.3.1 Atividade remunerada nas AM&DC (P11) 2.3.2 Implicações nas AM&DC (P15.1; P15.2; P15.3; P15.4) 2.3.3 Cédula de Treinador (P18)
	2.4 Reprodução social	2.4.1 Influência dos familiares (P6) 2.4.2 Familiares e desporto (P7)
	2.5 Apoio do Estado	2.5.1 Visibilidade (P19.1; E8; E9; E10) 2.5.2 Reconhecimento (P19.2; E8; E9; E10) 2.5.3 Carreira (P19.3; E8; E9; E10)
D3. Valores, Hábitos e Gostos	3.1 Valores e aspetos culturais	3.1.1 Alimentação, saúde e bem-estar (P16; P17) 3.1.2 Preferências desportivas (P22) 3.1.3 Droga (P23) 3.1.4 Crenças religiosas, filosóficas ou espirituais (P35) 3.1.5 Prática religiosa/espiritual (P36) 3.1.6 Espectro político-ideológico (P37)
	3.2 Hábitos	3.2.1 Gostos de leitura (P20; P21) 3.2.2 Recurso a produtos dopantes (P24; P15.4)
D4. Características Sociodemográficas dos Praticantes	4.1 Perfil dos praticantes	4.1.1 Idade (P25) 4.1.2 Sexo (P26) 4.1.3 Habilitações escolares (P27) 4.1.4 Estado civil (P28) 4.1.5 Região/Distrito de residência (P29) 4.1.6 Condições perante o trabalho (P30) 4.1.7 Profissão dos familiares (P31; P32) 4.1.8 Profissão mais atual que teve ou a que procura (P33) 4.1.9 Rendimento mensal (P34)

2.4 Métodos e técnicas de investigação

Para esta investigação, recorreremos a dois tipos de observação: direta e indireta. A observação direta é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela-se diretamente ao sentido de observação e de indicadores pertinentes previstos. Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Procurámos, assim, observar os espaços, os treinos, os rituais e cerimónias, os comportamentos dos atores sociais (praticantes), etc.

Uma variante da observação direta é a participante de tipo etnológico. Consiste em estudar uma comunidade durante um período de tempo, participando na vida coletiva. “O investigador estuda então os seus modos de vida, de dentro e pormenorizadamente, esforçando-se por perturbá-los o menos possível” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 197). Na perspetiva de Bourdieu (2008, p. 324), “designa a conduta de um etnólogo que imerge num

universo social estranho para observar uma atividade, um ritual, uma cerimónia e, no ideal, participar”. Ou seja, “só se pode compreender a lógica mais profunda do mundo social na condição de se imergir na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, e construída como um caso particular do possível”, como escreve Bourdieu (1994, p. 16).

No nosso caso, procurámos observar várias comunidades de praticantes: aikido (em Évora) e judo (em Almada). Estivemos particularmente atentos à reprodução dos fenómenos observados, bem como à convergência entre as diferentes informações obtidas. Foi a partir deste procedimento que as lógicas sociais e culturais dos grupos estudados puderam ser reveladas o mais claramente possível e que as hipóteses puderam ser testadas e afinadas.

A observação indirecta foi através da entrevista semidiretiva e do inquérito por questionário. Um e outro tiveram como função produzir ou registar as informações requeridas pelas hipóteses e prescritas pelos indicadores.

Realizámos seis entrevistas semi-diretivas exploratórias (ver Anexo A), contribuindo para descobrir os aspetos em consideração e alargar ou retificar o campo de investigação. O critério de seleção foi a diversidade máxima dos perfis relativamente ao problema estudado. Os entrevistados exprimiram-se de forma muito livre e flexível acerca dos temas sugeridos por um número restrito de perguntas relativamente amplas. Evitou-se fazer perguntas demasiado numerosas e demasiado precisas. As perguntas abertas não induziram as respostas nem as relações que poderiam existir entre elas. Em termos de objetivos, esta técnica foi especialmente adequada para a análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos, com os quais se veem confrontados, os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências, a reconstituição de um processo de ação, o funcionamento de uma organização, os sistemas de relações, etc. “A ambiguidade é menor, na medida em que o esquema da entrevista estrutura o indivíduo, quer o queiramos ou não, e, consequentemente, lhe impõe um quadro de referência” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 93).

Com base nas entrevistas, preparámos um inquérito por questionário (ver Anexo B), tendo sido aplicado aos praticantes avançados das duas práticas desportivas.

Foram realizados 60 inquéritos (30 a praticantes avançados de aikido e 30 a praticantes de judo). Os dados não podem ser extrapolados, pois trata-se de uma amostra não representativa, ainda assim de aproximação à realidade. Deste modo, pretendemos aprofundar a comparação entre a realidade em estudo nos dois desportos seleccionados.

Neste estudo, circunscrevemos o nosso campo de análise empírica aos praticantes de aikido e de judo, a nível nacional, durante as épocas desportivas 2018/2020.

2.5 Caraterísticas dos inquiridos: perfil e práticas

Como já foi referido, a população-alvo do estudo foi constituída pelos praticantes avançados (treinadores) de aikido e de judo a nível nacional. Considerámos que os praticantes com nível avançado de prática (cintos negros), “aguerridos”, na perspetiva de Faure e Suaud (2015, p. 151), são os pilares das comunidades e das estruturas organizativas (clubes e associações), justamente por demonstrarem uma continuidade ao longo dos anos nas suas práticas desportivas de eleição, enquanto “meios de educação, cujo princípio de base é a utilização harmoniosa de energia física e mental” (Faure & Suaud, 2015, p. 152). Neste sentido, não é a aprendizagem ou a socialização para esta cultura-comunidade que está aqui em causa.

Visto não termos obtido uma listagem com todos os praticantes e as suas caraterísticas sociodemográficas, por forma a calcular uma amostra representativa, recorremos à técnica de amostragem não-aleatória por “bola de neve”. Conseguimos o preenchimento de 60 questionários a nível nacional, de indivíduos de ambos os sexos (54 homens e 6 mulheres), dos 22 anos aos 75 anos de idade, de 14 distritos e 1 Região Autónoma (a Madeira), integrados em 35 clubes e 22 associações.

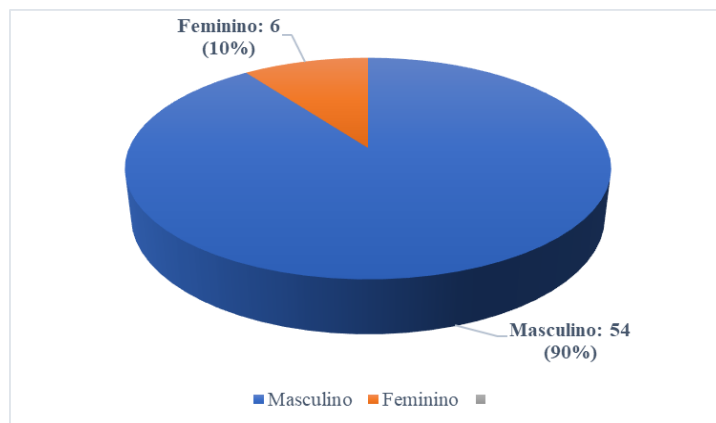
Na definição do perfil dos inquiridos, da nossa amostra, foram mobilizadas as variáveis e indicadores da D.4.1 (Perfil dos Praticantes) do Modelo de Análise Desagregado (ver Quadro 2.1, Capítulo 2), cujos dados foram recolhidos através do inquérito por questionário, aplicado nas épocas desportivas 2018/2020. Para mensuração das caraterísticas e afinidades da prática, recolhemos um conjunto de informação que completará o perfil dos inquiridos.

2.5.1 Perfil dos praticantes

Género

Relativamente à repartição dos inquiridos por sexos, verifica-se que os homens são mais numerosos (90%, n=54) do que as mulheres (10%, n=6) (cf. Gráfico 2.1, na página seguinte).

Gráfico 2.1: Repartição dos inquiridos por sexos (%)



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Quer os homens quer as mulheres praticantes de judo e aikido da nossa amostra encontram-se repartidos de forma homogénea, como se verifica pelo Quadro seguinte (cf. Quadro 2.2).

Quadro 2.2: Prática desportiva por sexo (%)

Prática desportiva	Sexo				Total	%
	Masculino	%	Feminino	%		
Judo	27	50,0	3	50,0	30	50,0
Aikido	27	50,0	3	50,0	30	50,0
Total	54	100,0	6	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Idade e sexo

A análise da distribuição por idades permite constatar que se trata de um conjunto de treinadores maioritariamente jovens e de meia idade. Com efeito, 38,3% (n=22) dos inquiridos tem idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos, 60% (n=36) entre os 36 e os 65 anos e 1,7% (n=1) têm 66 e mais anos (cf. Quadro 2.3, na página seguinte).

Quadro 2.3: Escalões etários por sexo (%)

Escalões Etários	Sexo				Total	%
	Masculino	%	Feminino	%		
< de 20 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0
21 – 25 anos	2	3,7	1	16,7	3	5,0
26 – 30 anos	7	13,0	2	33,3	9	15,0
31 – 35 anos	0	18,5	1	16,7	11	18,3
36 – 40 anos	7	13,0	2	33,3	9	15,0
41 – 45 anos	10	18,5	0	0,0	10	16,7
46 – 50 anos	8	14,8	0	0,0	8	13,3
51 – 55 anos	3	5,6	0	0,0	3	5,0
56 – 60 anos	5	9,3	0	0,0	3	8,3
61 – 65 anos	1	1,9	0	0,0	5	1,7
> 66 anos	1	1,9	0	0,0	1	1,7
Total	56	100,0	6	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Em relação à média aritmética de idades, ela situa-se nos 40,4 anos, sendo a idade que ocorre com maior frequência (moda) a de 29 anos. O valor que acumula até si 50% das observações (mediana) diz-nos que, nesta distribuição, metade dos inquiridos têm no máximo 40 anos de idade. Através da aplicação do teste paramétrico *t-student* para duas médias, verifica-se que a média de idades dos homens situa-se nos 41,4 anos e nas mulheres nos 31,5 anos.

Grupo social

Para a variável “Grupo Social”, recorremos a vários indicadores: escolaridade (habilitações literárias), condições perante o trabalho, profissão e rendimento mensal. Pela análise de frequências relativas às habilitações literárias, constatamos elevados “capitais escolares”, na aceção de Bourdieu (1979) por parte dos inquiridos, independentemente do sexo (cf. Quadro 3).

Verifica-se que 75,0% (n=45) completaram uma formação de nível médio (bacharelato) ou superior (licenciatura, mestrado ou doutoramento), 21,7% (n=13) o ensino secundário ou profissional e 3,3% (n=2) o ensino de 1.º, 2.º e 3.º ciclos. O nível de ensino modal, que concluíram, é a licenciatura. De notar que não se verificaram inquiridos com o grau de doutoramento ou apenas o 1.º Ciclo (Escola Primária) (cf. Quadro 2.4, na página seguinte). A questão dos percursos sociais e escolares, com os modos de entrada na prática desportiva e a apropriação dos gestos no aikido e judo, é importante. De fato, podemos pensar que estas

modalidades desportivas, codificadas, e praticadas exclusivamente sob o enquadramento federativo, podem atrair um público relativamente selecionado, comparativamente a outras modalidades, como o futebol, cuja primeira iniciação se faz muitas vezes por pares, sem controle institucional, mas analisaremos esta questão mais à frente neste trabalho quando discutirmos as nossas hipóteses de estudo.

Quadro 2.4: Habilitações literárias por sexo (%)

Habilitações Literárias	Sexo				Total	%
	Masculino	%	Feminino	%		
Doutoramento	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Mestrado	3	5,6	1	16,7	4	6,7
Licenciatura	32	59,3	3	50,0	35	58,3
Bacharelato	6	11,1	0	0,0	6	10,0
Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos)	11	20,4	2	33,3	13	21,7
3.º Ciclo (7.º, 8.º e 9.º anos)	1	1,9	0	0,0	1	1,7
2.º Ciclo (5.º e 6.º anos)	1	1,9	0	0,0	1	1,7
1.º Ciclo (Escola Primária)	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	54	100,0	6	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Se compararmos as habilitações literárias por prática desportiva, constatamos que são os praticantes de aikido (70%, n= 21) que têm um nível mais elevado (licenciatura) do que os do judo (46,7%, n=14). Ao nível do grau de mestrado são os do judo (13,3%, n=4) (cf. Quadro 2.5).

Quadro 2.5: Habilitações literárias por prática desportiva (%)

Habilitações Literárias	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Doutoramento	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Mestrado	0	0,0	4	13,3	4	6,7
Licenciatura	21	70,0	14	46,7	35	58,3
Bacharelato	3	10,0	3	10,0	6	10,0
Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos)	5	16,7	8	26,7	13	21,7
3.º Ciclo (7.º, 8.º e 9.º anos)	0	0,0	1	3,3	1	1,7
2.º Ciclo (5.º e 6.º anos)	1	3,3	0	0,0	1	1,7
1.º Ciclo (Escola Primária)	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Relativamente à formação superior, em 45 casos válidos, é interessante notar que a área/disciplina que surge em primeiro lugar é “Ciências do Desporto”, com 28,9% (n=13),

seguida das “Engenharias”, com 22,2% (n=10), áreas também elas em destaque na investigação levada a cabo no karaté (Rosa, 2017) (cf. Quadro 2.6).

Quadro 2.6: Distribuição dos inquiridos com formação superior, por área disciplinar (%)

Escalões Etários	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Ciências Agrárias e Florestais	0	0,0	2	9,5	2	4,4
Ciências da Comunicação	3	12,5	1	4,8	4	8,9
Ciências da Saúde	0	0,0	3	14,3	3	6,7
Economia e Gestão	4	16,7	2	9,5	6	13,3
Arquitetura e Urbanismo	3	12,5	0	0,0	3	6,7
Engenharia (civil, minhas, eletrotécnica, informática, mecânica)	8	33,3	2	9,5	10	22,2
Estudos Artísticos	1	4,2	0	0,0	1	2,2
Filosofia	1	4,2	0	0,0	1	2,2
Ciências do Desporto	3	12,5	10	47,6	13	28,9
Sociologia	1	4,2	0	0,0	1	2,2
História	0	0,0	1	4,8	1	2,2
Total	24	100,0	21	100,0	45	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Ao olharmos para a distribuição das áreas segundo as práticas desportivas em estudo, verifica-se que no caso do aikido prevalece a “engenharia” (33,3%, n=8) e no caso do judo são as “ciências do desporto” (47,6%, n=10).

Quanto à condição perante o trabalho, a distribuição de frequências revela que 75% dos inquiridos trabalha por conta de outrem, 10% dos inquiridos trabalha por conta própria, 9,8% trabalha por conta própria, 3,3% são estudantes, 3,3% são reformados e 8,3 % encontravam-se numa situação de desemprego. Se analisarmos em termos de prática desportiva, são os praticantes de judo que trabalham mais por conta própria (16,7%, n=5) (cf. Quadro 2.7).

Quadro 2.7: Condição perante o trabalho, segundo a prática desportiva (%)

Condição Perante o Trabalho	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Trabalhador por conta de outrem	25	83,3	20	66,7	45	75,0
Trabalhador por conta própria	1	3,3	5	16,7	6	10,0
Estudante	0	0,0	2	6,7	2	3,3
Reformado(a)	1	3,3	1	3,3	2	3,3
Desempregado(a)	3	10,0	2	6,7	5	8,3
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Dos inquiridos que responderam ter um rendimento mensal, verifica-se que um terço (41,7%, n=25) recebe entre 1001 e 1500 Euros e 26,7% (n=16) recebe entre 501 e 1000 euros.

Se olharmos para a prática desportiva, são os do aikido que auferem mais, num intervalo de rendimentos que se situa entre 1501 e 2000 euros mensais (23,3%, n=7) (cf. Quadro 2.8).

Quadro 2.8: Rendimento mensal, segundo a prática desportiva (%)

Rendimento Mensal	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Menos de 500 Euros	3	10,0	2	6,7	5	8,3
Entre 501 e 1000 Euros	7	23,3	9	30,0	16	26,7
Entre 1001 e 1500 Euros	12	40,0	13	43,3	25	41,7
Entre 1501 e 2000 Euros	7	23,3	3	10,0	10	16,7
Entre 2001 e 2500 Euros	0	0,0	0	0,0	0,0	0,0
Entre 2501 e 3000 Euros	0	0,0	2	6,7	2	3,3
Entre 3001 e 3500 Euros	1	3,3	0	0,0	1	1,7
Sem rendimentos	0	0,0	1	3,3	1	1,7
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Territorialidade

No que respeita ao distrito de residência ou região autónoma dos inquiridos, 26,7% (n=16) responderam que viviam em Setúbal, 23,3% (n=14) em Lisboa e 13,3% (n=8) em Évora. Relativamente às práticas desportivas, a maioria dos praticantes da nossa amostra residia em Setúbal (40,0%, n=12) e no caso do aikido residiam em Lisboa (26,6%, n=8) (cf. Quadro 2.9, na página seguinte). De referir que é preciso ter em conta que os clubes, distribuídos a nível nacional, e como espaço real da prática desportiva, abre várias perspetivas, colocando, de um lado, a prática competitiva (no caso do judo) e, por outro lado, uma dimensão com formas de compromisso e de envolvimento mais “espirituais” (no caso do aikido), onde os jovens são socializados.

Quadro 2.9: Distribuição dos inquiridos, por distrito de residência ou região autónoma (%)

Distrito ou Região de Residência	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Aveiro	0	0,0	1	3,3	1	1,7
Beja	0	0,0	2	6,7	2	3,3
Bragança	1	3,3	1	3,3	2	3,3
Castelo Branco	1	3,3	2	6,7	3	5,0
Coimbra	5	16,7	1	3,3	6	10,0
Évora	6	20,0	2	6,7	8	13,3
Faro	1	3,3	0	0,0	1	1,7
Guarda	0	0,0	1	3,3	1	1,7
Lisboa	8	26,7	6	20,0	14	23,3
Setúbal	4	13,3	12	40,0	16	26,7
Viana do Castelo	2	6,7	1	3,3	3	5,0
Vila Real	1	3,3	0	0,0	1	1,7
Viseu	0	0,0	1	3,3	1	1,7
Região Autónoma da Madeira	1	3,3	0	0,0	1	1,7
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Estado civil

Sobre a conjugalidade dos inquiridos, 28 são casados (46,7%), 15 vivem em união de fato (25,0%), 14 são solteiros (23,3%), 3 separadas ou divorciadas (5,0%) (cf. Quadro 2.10, na página seguinte). Não se encontraram casos de viuvez entre os inquiridos. O *output* resultante do cruzamento das variáveis sexo e estado civil revela que estão associadas ($\chi^2=4,048$; d.f.=4; $p=0,400$). O padrão da distribuição do estado civil dos homens é diferente do padrão da distribuição do estado civil das mulheres. Neste estudo, são os homens que têm uma maior tendência para serem solteiros e casados. O *V de Cramer* ou “w” é igual a 0,260, por isso permite-nos evidenciar uma associação baixa¹⁷.

¹⁷ Cohen e Holliday (1982) sugerem o seguinte critério para a correlação: abaixo de 0,19 é muito baixa; de 0,20 a 0,30 é baixa; entre 0,40 e 0,69 é moderada; de 0,70 a 0,89 é alta; e de 0,90 a 1 é muito alta.

Quadro 2.10: Estado civil, segundo a prática desportiva (%)

Estado Civil	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Solteiro(a)	7	23,3	7	23,3	14	23,3
Casado(a)	12	40,0	16	53,3	28	46,7
União de facto	10	33,3	5	16,7	15	25,0
Separado(a)	1	3,3	0	0,0	1	1,7
Divorciado(a)	0	0,0	2	6,7	2	3,3
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Profissão dos familiares

Sobre a atual ou última profissão dos familiares (pai e mãe), verifica-se que a maioria dos casos não se aplica, dado haver apenas um estudante na nossa amostra de inquiridos. Ainda, assim, no caso dos pai e mãe surgiu a profissão de enfermeiro(a). As profissões mais procuradas são: empresário, gerente comercial, vendedor e medicina veterinária.

2.5.2 Caraterísticas da prática do judo e aikido

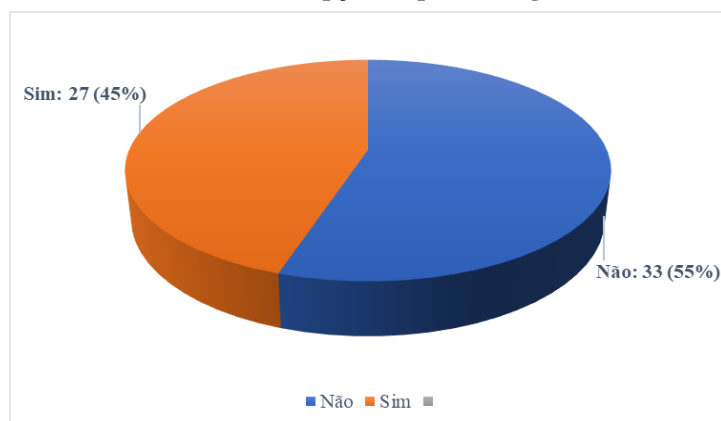
Idade de início da prática

Quando questionados que idade tinham quando começaram a praticar do aikido e judo, surge uma enorme dispersão de idades, que vão desde os 6 aos 37 anos, numa média de 17 anos. A idade que ocorre com maior frequência (moda) na distribuição é a de 18 anos. O ponto médio da distribuição de valores (mediana) revela que metade dos inquiridos começou a praticar aos 17 anos. No caso dos homens, é de 17 anos e nas mulheres é de 16 anos. De acordo com a prática desportiva, e segundo a média aritmética, o início da prática do aikido faz-se aos 20 anos e no judo aos 14 anos de idade. Não conseguimos averiguar se existe uma experimentação no judo e depois passa-se mais tarde para a descoberta do aikido.

Interrupção da prática regular desportiva

Quando questionados sobre se alguma vez interrompeu a prática desportiva de predileção (aikido ou judo), a maioria dos inquiridos respondeu que não (55,0%, n=33). Ainda, assim, uma elevada percentagem de praticantes respondeu que sim (45,0%, n=27) (Gráfico 2.2, na página seguinte).

Gráfico 2.2: Interrupção da prática regular (%)



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Por diversas razões, é frequente assistir-se a “abandonos” e a “regressos” na prática do aikido e judo. Sobre os motivos dessa interrupção, dos 27 inquiridos que responderam sim, constatamos que as questões profissionais surgem em primeiro lugar, com 33,3% (n=9), seguidos dos motivos escolares, com 22,2% (n=6), e, em terceiro lugar, surgem os motivos de saúde (18,5%, n=5). Na distribuição pelas práticas desportivas, verifica-se a mesma percentagem para o aikido e judo (33,3%), mas são os praticantes de judo que interrompem mais por motivos escolares do que os de aikido. Os praticantes de aikido interrompem mais a sua prática desportiva por motivos familiares (20%, n=3) do que os do judo (8,3%, n=1) e por motivos de saúde (26,7%, n=4) contra 8,3% (n=1) do judo (cf. Quadro 2.11).

Quadro 2.11: Motivos que levaram à interrupção da prática do karaté, segundo a prática desportiva (%)

Motivos	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Motivos de saúde	4	26,7	1	8,3	5	18,5
Motivos escolares	1	6,7	5	41,7	6	22,2
Motivos pessoais	2	13,3	0	0,0	2	7,4
Motivos profissionais	5	33,3	4	33,3	9	33,3
Motivos familiares	3	20,0	1	8,3	4	14,8
Outros	0	0,0	1	8,3	1	3,7
Total	15	100,0	12	100,0	27	100,0

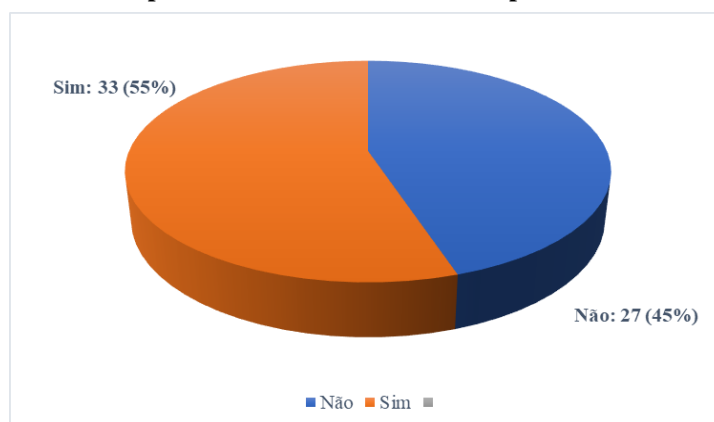
Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Atividade profissional remunerada com a prática do aikido ou judo

Na nossa investigação, 55% (n=33) dos praticantes exercem uma ou mais atividades profissionais relacionadas com o aikido ou o judo, auferindo, por via dela, uma remuneração (cf. Gráfico 2.3, na página seguinte). A principal atividade é a de treinador/monitor, que é o

que é exigido pelas respetivas Federações. Não encontramos grandes diferenças entre as práticas desportivas. No judo foram 18 casos e no aikido 15 casos.

Gráfico 2.3: Atividade profissional remunerada com a prática do aikido ou judo (%)

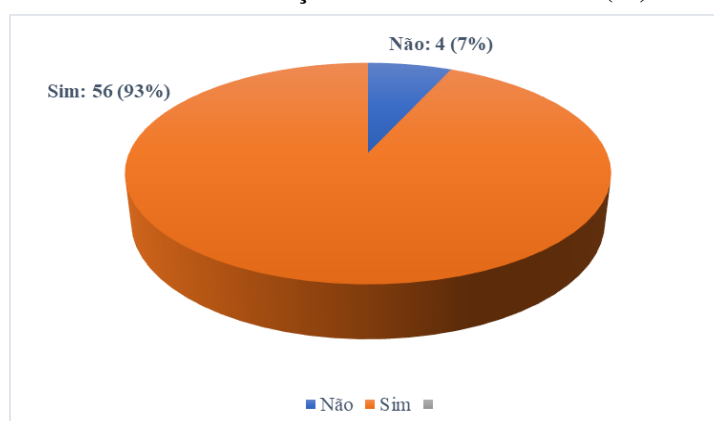


Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Detentor de Cédula de Treinador

O inquérito revela que 93% (n=56) são detentores da cédula de treinador, contra 7% (n=7) (cf. Gráfico 2.4). Segundo o enquadramento legal da formação de treinadores, é reconhecida a possibilidade de obtenção desta cédula através de uma habilitação académica de nível superior na área das ciências do desporto. Para esse efeito, cabe ao Instituto do Desporto de Portugal, a realização desta tarefa.

Gráfico 2.4: Detenção de cédula de treinador (%)



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Na distribuição segundo a prática desportiva, constata-se que os treinadores de judo têm o maior número de cédula de treinadores (53,3%, n=30) do que os do aikido (40%, n=26). Os níveis de certificação encontrados na nossa amostra são: de nível I (65%, n=39), de II (31,7%,

n=19) e de III (3,3%, n=2). Todos os praticantes de judo manifestaram ter esta certificação (cf. Quadro 2.12).

Quadro 2.12: Detenção de cédula de treinador segundo a prática desportiva (%)

Cédula de Treinador	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Não	4	13,3	0	0,0	4	23,3
Sim	26	86,7	30	100,0	56	46,7
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

2.5.3 Atributos marcantes do perfil dos inquiridos

Da presente análise das características dos treinadores aikido e judo, podemos traçar, grosso modo, um perfil da população em estudo, que aponta para o fato de serem maioritariamente de meia idade (41-45 anos), casados, com elevadas habilitações literárias (nível licenciatura), residentes nos centros urbanos, com uma regularidade de treino semanal e possuidores de certificação de treinadores.

CAPÍTULO 3

Comunidades e Estilos Identitários

Como primeira hipótese de investigação em discussão neste capítulo, partimos do pressuposto de que existe uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate em análise (aikido e judo), embora se encontrem diferenças de hábitos e valores. Para a operacionalização desta hipótese, e de acordo com o MAD (Quadro 2.1, Capítulo 2), mobilizaram-se as seguintes variáveis dependentes: adesão a um clube e associação, cargos de direção, relações entre associações, âmbito da prática, alimentação, saúde e bem-estar, preferências desportivas, uso de drogas, crenças religiosas, filosóficas ou espirituais, prática religiosa, espectro político-ideológico e gostos de leitura. Como variáveis independentes, definimos: modalidades desportivas, sexo, idade e escolaridade.

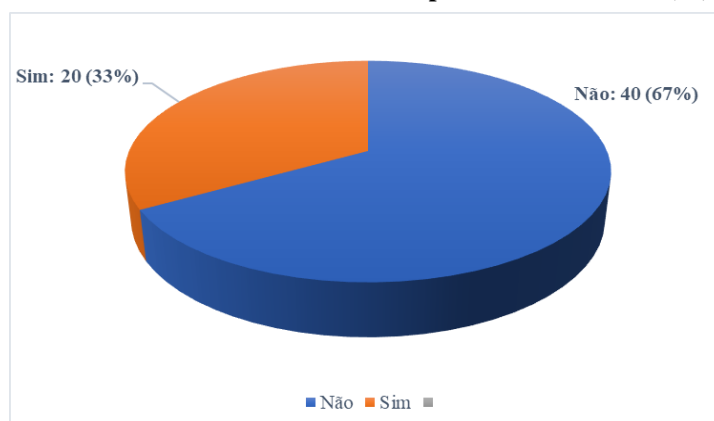
Começaremos por analisar as homogeneidades entre os perfis sociais dos praticantes, tendo em conta as variáveis e indicadores, e, por fim, faremos uma síntese conclusiva da acerca da veracidade da hipótese em discussão tendo por base os dados analisados.

3.1 Envolvimentos no aikido e no judo

Alimentação, saúde e bem-estar

Como defendem Turner (1994) e Wacquant (2000), o corpo do atleta requer disciplina, vigilância e regulação. Essa disciplina e vigilância passa por um cuidado relativamente ao que se come e ao que se bebe. Porém, os inquiridos da nossa amostra afirmam na sua esmagadora maioria (67%, n=40), que a prática do aikido ou do judo não influencia ao nível das práticas alimentares, embora 33% (n=20) tenham afirmado que sim (cf. Gráfico 3.1, na página seguinte).

Gráfico 3.1: Influência ao nível das práticas alimentares (%)



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Eis alguns exemplos das respostas que obtivemos em entrevistas e a observação participante: “algumas restrições”; “melhoria dos hábitos alimentares”; “alimentação à base de massas e carnes brancas”; “alimentação mais racional/equilibrada (para controlar o peso)”; “evitar carne (por causa da flexibilidade)”; “ingestão de maior quantidade de vegetais e menos açúcar”; “menos vezes carne e mais frutas e vegetais”; “não consumo fritos nem refugados”; “regime alimentar para baixar o peso nas competições”; “plano alimentar cuidado”.

No quadro seguinte encontra-se uma repartição pelas duas práticas desportivas (cf. Quadro 3.1). Salienta-se que a maioria dos inquiridos responde que influência na alimentação vegetariana (42,9%, n=9), seguida do controle de peso (23,8%, n=5). São os praticantes de judo que manifestam esta maior influência na alimentação.

Quadro 3.1: Influência ao nível alimentar segundo a prática desportiva (%)

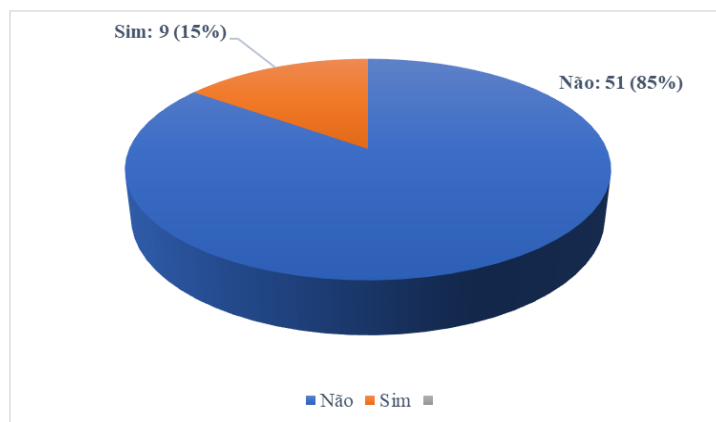
Influência na alimentação	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Alimentação vegetariana	3	75,0	6	35,3	9	42,9
Alimentação macrobiótica	1	25,0	0	0,0	1	4,8
Melhorar/racionalizar a alimentação	0	0,0	4	23,5	4	19,0
Controle do peso	0	0,0	5	29,4	5	23,8
Alimentação paleolítica	0	0,0	1	5,9	1	4,8
Alimentos sem glúten e açúcar	0	0,0	1	5,9	1	4,8
Total	4	100,0	17	100,0	21	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Para além da influência ao nível alimentar, constatamos que alguns praticantes afirmam recorrer a terapias alternativas ou complementares (acupuntura, moxaterapia,

osteopatia, shiatsu, fitoterapia oriental, entre outras) à medicina convencional (15%, n=9) (cf. Gráfico 3.2).

Gráfico 3.2: Recurso a terapias alternativas ou complementares à medicina convencional (%)



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Como sublinha Lipovetsky (1988, p. 21), o recurso às terapias alternativas ou complementares às práticas terapêuticas da medicina convencional têm-se tornado cada vez mais frequente nos tempos presentes:

A medicina sofre uma evolução paralela: acupunctura, visualização do corpo interno, tratamento natural por meio de ervas, homeopatia, as terapias “suaves” conquistam terreno, advogando a subjetivação da doença, a gestão “holística” da saúde pelo próprio indivíduo, a exploração mental do corpo em rutura com o dirigismo hospitalar; o doente já não deve continuar a sofrer passivamente o seu estado, é responsável pela sua saúde, pelos seus sistemas de defesa, graças às potencialidades da autonomia psíquica.

Também Clément (2001) defende que as significações e os usos das artes marciais devem ser situadas(os) no espaço das práticas culturais que possuem a sua própria historicidade, o seu universo simbólico, e uma dinâmica de aculturação singular. Por outro lado, como referimos, o recurso a tratamentos alternativos é fruto de um cada vez maior reconhecimento da sociedade Ocidental a estas práticas, ainda assim com fraca expressão nos praticantes da nossa amostra.

Crenças e Prática Religiosa e Espectro Político-Ideológico

A maioria dos praticantes inquiridos declarou ter uma crença ou prática religiosa: 58,3% (n=35) na religião ortodoxa e 47,5% (n=25) na religião católica. De referir que a prática das

artes marciais e desportos de combate oferece uma forma (não obrigatória) de espiritualidade (um universo de sentido), que não se insere numa tradição religiosa (oriental ou ocidental) bem definida, mas numa forma de “bricolagem” em torno de “vagos denominadores comuns de sabor oriental”. Com respeito à prática religiosa, realiza-se que 61,7% (n=37) não é praticante, 33,3% (n=20) é praticante ocasional e apenas 5% (n=3) afirma que tem uma prática regular (cf. Quadro 3.2). Segundo a prática desportiva, são sobretudo os praticantes de aikido que têm uma prática regular.

Quadro 3.2: Distribuição dos inquiridos segundo a prática religiosa (%)

Prática religiosa	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Praticante regular	3	10,0	0	0,0	3	5,0
Praticante ocasional	11	36,7	9	30,0	20	33,3
Não praticante	16	53,3	21	70,0	37	61,7
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

O quadro seguinte revela, em percentagens, que são sobretudo os homens que têm uma prática religiosa regular (5,6%) e ocasional (37%) (cf. Quadro 3.3).

Quadro 3.3: Prática religiosa segundo o sexo (%)

Prática religiosa	Masculino (n=30)	Feminino (n=30)	Total (n=60)
Praticante regular	5,6	0,0	5,0
Praticante ocasional	37,0	0,0	33,3
Não praticante	57,4	100,0	61,7
Total	100,0	100,0	100,0

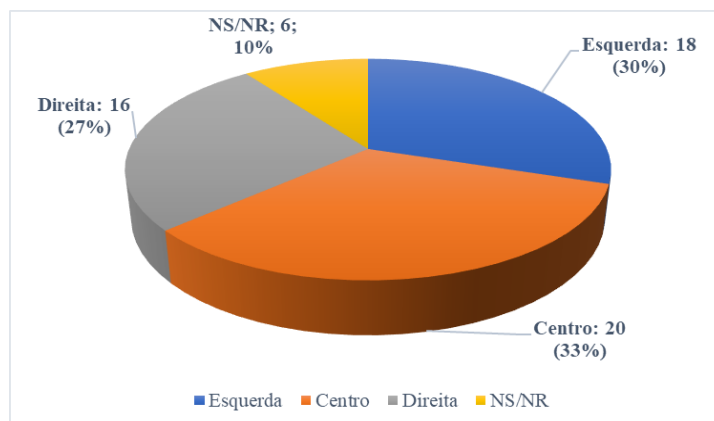
Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

No teste do qui-quadrado, relativamente à idade, o resultado apurado foi de $\chi^2=33,87$; d.f.=29; $p=0,244$, o que revela igualmente não existir associação entre as variáveis. O mesmo se passa para a escolaridade, o resultado revela de que não existe associação ($\chi^2=4,065$; d.f.=5; $p=0,540$).

Espectro político-ideológico

No caso do espectro político-ideológico, a maioria inquiridos situa-se no espectro do “Centro”, com 33% (n=20), seguido da “Esquerda”, com 30% (n=18) e da “Direita”, com 27% (n=16). De notar que 10% não sabe ou não respondeu a esta questão (cf. Gráfico 3.3).

Gráfico 3.3: Espectro político-ideológico (%)



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

No cruzamento da questão do espectro político-partidário com a prática desportiva, realiza-se que os treinadores de aikido são mais de “esquerda” (37%, n=10) e de “direita” do que os do judo (29,6%, n=8; 22,2%, n=6). Os treinadores de judo são mais do “centro” (48,1%, n=13) do que os de aikido (25,9%, n=7) (cf. Quadro 3.4).

Quadro 3.4: Espectro político-partidário segundo a prática desportiva (%)

Espectro político-partidário	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Esquerda	10	37,0	8	29,6	18	33,3
Centro	7	25,9	13	48,1	20	37,0
Direita	10	37,0	6	22,2	16	29,6
Total	27	100,0	27	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Na análise sobre as diferenças de género na perfilhação político-ideológica ou partidária, os homens são proporcionalmente mais de esquerda (36%), enquanto as mulheres essencialmente de direita (75%) (cf. Quadro 3.5, na página seguinte).

Quadro 3.5: Espectro político segundo o sexo (%)

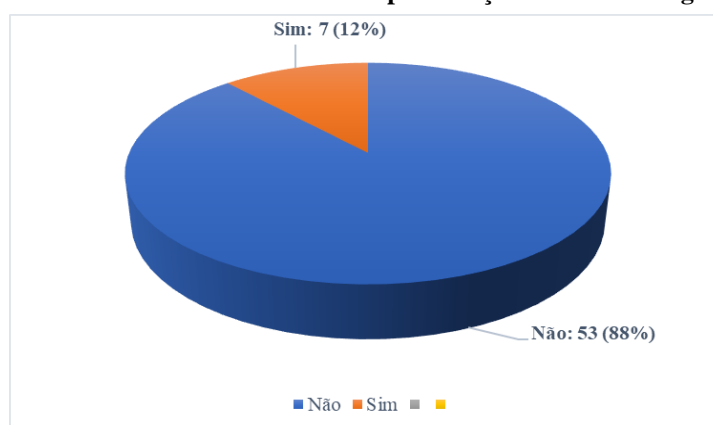
Espectro Político	Masculino (n=50)	Feminino (n=4)	Total (n=54)
Esquerda	36,0	0,0	33,3
Centro	38,0	25,0	37,0
Direita	26,0	75,0	29,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Concordância perante a despenalização de uso de drogas e recurso a produtos dopantes

Na análise sobre a concordância relativamente à despenalização de uso de drogas, a maioria dos inquiridos respondeu que não (88%, n=53) face à anuência (12%, n=7) (cf. Gráfico 3.4). Relativamente à questão do questionário sobre se, na prática desportiva, já recorreram a produtos para melhorar a performance, a totalidade dos inquiridos (n=60) respondeu que não.

Gráfico 3.4: Concordância com a despenalização do uso de drogas (%)



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Na análise do quadro seguinte, verifica-se que são os praticantes de judo que concordam com a despenalização do uso de drogas (20%, n=6), face aos do aikido (3,3%, n=1) (cf. Quadro 3.6, na página seguinte).

Quadro 3.6: Concordância com a despenalização do uso de drogas segundo a prática desportiva (%)

Despenalização de drogas	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Não	29	96,7	24	80,0	53	88,3
Sim	1	3,3	6	20,0	7	11,7
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Na análise sobre as diferenças de género realiza-se que os homens concordam mais com a despenalização do uso de drogas leves (13%). As mulheres não concordam de todo com essa despenalização (cf. Quadro 3.7).

Quadro 3.7: Concordância com a despenalização do uso de drogas segundo o sexo (%)

Despenalização de drogas	Masculino (n=54)	Feminino (n=6)	Total (n=60)
Não	87,0	100,0	88,3
Sim	13,0	0,0	11,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

No cruzamento de variáveis, despenalização do uso de drogas e idade, o teste do qui-quadrado apurado foi de $\chi^2=36,06$; d.f.=29; $p=0,172$, o que revela não existir associação entre as variáveis. Relativamente à escolaridade, o resultado revela também que não existe associação ($\chi^2=4,025$; d.f.=5; $p=0,546$).

Hábitos e gostos de leitura

Sobre as preferências de leitura, os inquiridos preferem ler romances (1.^a preferência), obras científicas (2.^a preferência) e obras técnicas e tecnológicas (3.^a preferência) (cf. Quadro 3.8, na página seguinte).

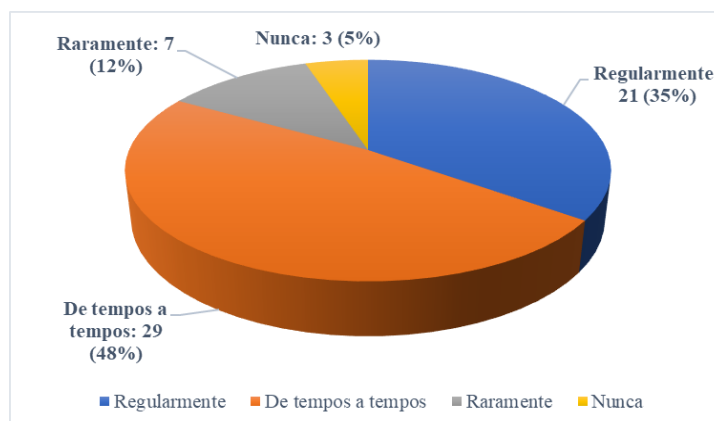
Quadro 3.8: Ordem de preferência de géneros de obras que preferem ler (%)

Obras/Livros	1. ^a Preferência (n=60)	2. ^a Preferência (n=60)	3. ^a Preferência (n=60)
Romances	26,7	18,3	11,7
Obras científicas	18,3	23,3	18,3
Obras técnicas e tecnológicas	8,3	15,0	23,3
Romances policiais	16,7	15,0	5,0
Arte e arqueologia	6,7	3,3	15,0
Obras de ciências humanas	11,7	3,3	13,3
Filosofia e poesia		15,0	3,3
Religião e esoterismo	6,7	1,7	
Outras	5,0	1,7	1,7
Banda desenhada			5,0
NS/NR		3,3	3,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

A maioria inquiridos da nossa amostra destaca que leem “de tempos a tempos” (48%, n=29) uma revista ou periódico, independentemente das revistas de desportos de combate, e 35% (n=21) diz que lê regularmente (cf. Gráfico 3.5).

Gráfico 3.5: Leitura de revistas ou periódicos (independentemente das revistas de desportos de combate) (%)



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Relativamente aos hábitos e periodicidade de leitura, segundo a prática desportiva, constata-se, segundo os dados obtidos, que são muito homogêneos. Ainda, assim, são os praticantes de aikido que manifestam ler menos regularmente (43,3%, n=13) do que os do

judo (26,7%, n= 8). A maioria dos inquiridos lê de tempos a tempos uma revista ou periódico (cf. Gráfico 3.9).

Quadro 3.9: Leitura de revistas ou periódicos segundo a prática desportiva (%)

Leitura de revistas	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Regularmente	13	43,3	8	26,7	21	35,0
De tempos a tempos	13	43,3	16	53,3	29	48,3
Raramente	3	10,0	4	13,3	7	11,7
Nunca	1	3,3	2	6,7	3	5,0
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

A análise sobre as diferenças de género permite constatar que são os homens que leem mais de “tempos a tempos” (48,1%) do que as mulheres (10%). Nenhuma mulher respondeu que “raramente” lia ao contrário dos homens (cf. Quadro 3.10).

Quadro 3.10: Leitura de revistas ou periódicos segundo a prática desportiva segundo o sexo (%)

Leitura de revistas	Masculino (n=54)	Feminino (n=6)	Total (n=60)
Regularmente	35,2	6,7	33,3
De tempos a tempos	48,1	10,0	50,0
Raramente	13,0	0,0	0,0
Nunca	3,7	3,3	16,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

3.2 Tendências no perfil social, hábitos e valores

Importa aqui fazer uma análise dos resultados deste capítulo e discutirmos a nossa primeira hipótese. Recordamos que partimos do pressuposto que se encontraria uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate em análise (aikido e judo), embora se encontrassem diferenças de hábitos e valores. Tendo por base as variáveis e indicadores mobilizados para medir as práticas, atitudes e valores identificadores de um estilo de vida identitário, tanto quando pudéssemos constatar, os dados apontam para a confirmação da hipótese, grosso modo.

Os inquiridos da nossa amostra afirmam, na sua esmagadora maioria (67%), que a prática do aikido ou do judo não influencia ao nível das práticas alimentares, o que vai ao encontro das conclusões dum estudo nosso de 2017 (Rosa, 2017).

A maioria dos praticantes inquiridos declarou ter uma crença ou prática religiosa (58,3% na religião ortodoxa e 47,5% na religião católica).

No caso do espectro político-ideológico, a maioria dos inquiridos situa-se no espectro do “Centro” (33%), seguido da “Esquerda” (30%) e da “Direita” (27%).

Na realidade, os dados denotam que as influências da cultura oriental não se encontram muito presentes nos seus quotidianos.

Na análise sobre a concordância relativamente à despenalização de uso de drogas, a maioria dos inquiridos respondeu que não. São, sobretudo, os praticantes de judo que concordam com a despenalização do uso de drogas, conforme foi apurado no estudo de Clément (1995).

Sobre as preferências de leitura, os inquiridos preferem ler romances (1.^a preferência), obras científicas (2.^a preferência) e obras técnicas e tecnológicas (3.^a preferência).

A maioria dos inquiridos da nossa amostra destaca que leem “de tempos a tempos” (48%) uma revista ou periódico, independentemente das revistas de desportos de combate, e 35% diz que lê regularmente.

CAPÍTULO 4

Prática Desportiva e Apoios do Estado

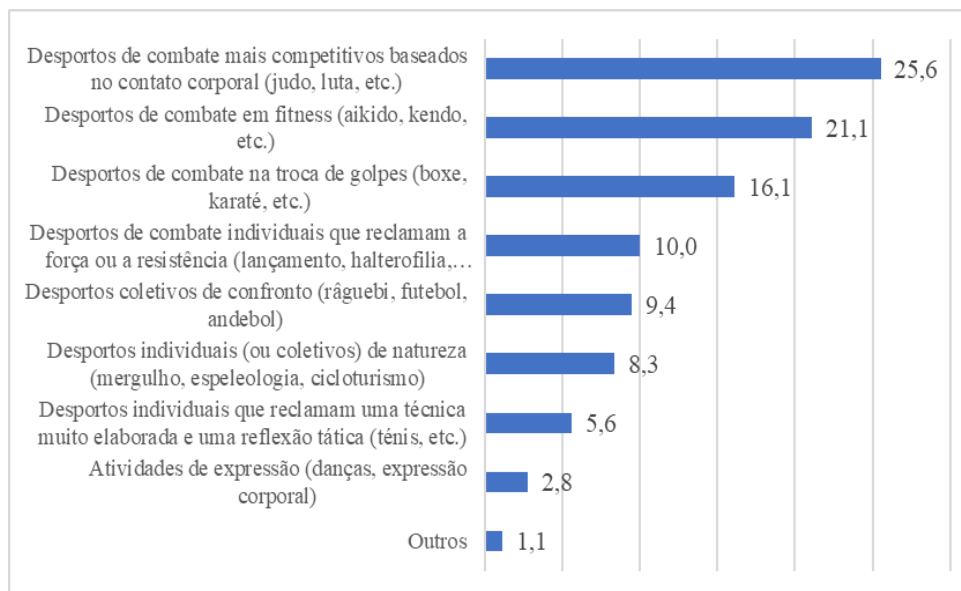
Na segunda hipótese, considerámos que existe uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Do MAD (ver Quadro 2.1, Capítulo 2), as variáveis mobilizadas foram o “apoio do estado” e os indicadores foram: visibilidade, reconhecimento e carreira. Alguns excertos das entrevistas foram mobilizados para ajudar na análise dos dados quantitativos.

4.1 Visibilidade, reconhecimento e carreira

Apoios do Estado

Os praticantes da nossa amostra preferem claramente os desportos de combate mais competitivos baseados no contato corporal (judo, luta, etc.) em detrimento de outras práticas desportiva, como ilustra o Gráfico seguinte (cf. Gráfico 4.1)

Gráfico 4.1: Atividade física e desportiva (%)

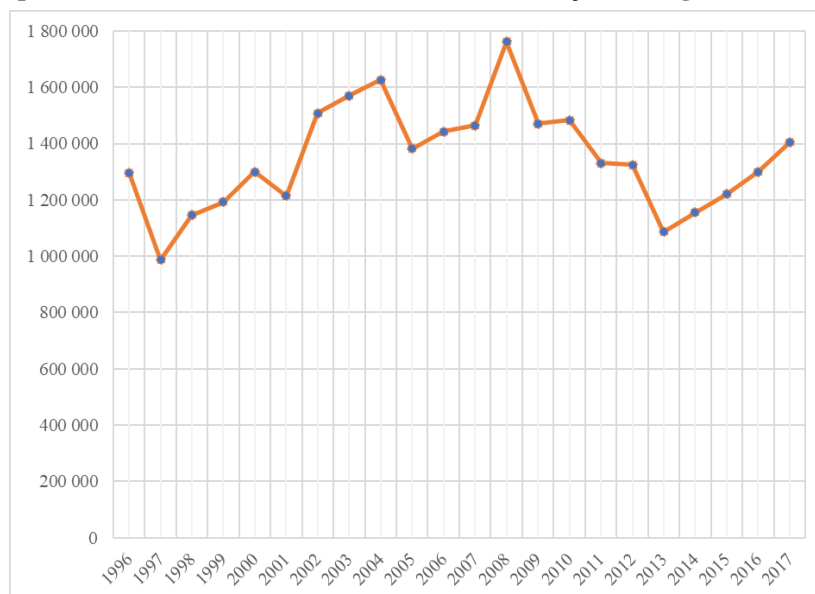


Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

O Estado, através do Instituto Português do Desporto e da Juventude, apoia o movimento desportivo, através do estabelecimento de contratos-programas com as federações desportivas.

Não temos dados recentes para o aikido, mas o Gráfico seguinte revela o apoio que tem sido concedido à prática desportiva do judo. A Federação tem vindo a beneficiar de valores significativos. Houve um decréscimo financeiro em 2013, mas tem vindo a progredir.

Gráfico 4.2: Apoios financeiros (em Euros) do Estado à Federação Portuguesa de Judo (1996-2017)



Fonte: PORDATA (atualizado a 20/08/2018)

Perguntámos aos treinadores sobre os apoios do Estado em matéria de visibilidade das modalidades, reconhecimento social dos praticantes e as condições de acesso à prática (carreira desportiva). Os praticantes da nossa amostra consideram, na generalidade, os apoios muito importantes (cf. Quadro 4.1).

Quadro 4.1: Apoios do Estado (médias e desvio padrão)

Atribuição do grau de importância relacionados com a prática	Médias e Desvio Padrão
Visibilidade das modalidades (n=60)	Muito Importante $1,45 \pm 0,694$
Melhores condições de acesso à prática (carreira desportiva) (n=60)	Muito importante $1,52 \pm 0,651$
Reconhecimento social dos praticantes (n=60)	Muito importante $1,60 \pm 0,764$

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

No entanto, numa análise mais pormenorizada recolhida através das entrevistas efetuadas, permitem ter uma ideia mais concreta sobre o assunto. Alguns excertos das entrevistas permitem testemunhar sobre a visibilidade, o reconhecimento social dos praticantes e as condições de acesso à prática (cf. Quadro 4.2).

Quadro 4.2: Excertos de testemunhos sobre os apoios do Estado (médias e desvio padrão)

Opinião	Excertos de entrevistas
Opinião dos treinadores relativamente aos apoios do Estado relativamente às suas práticas desportivas (aikido e judo)	Não. São insuficientes, embora não sejam absolutamente necessários...algo contraditório (Treinador de Aikido, 56 anos)
	Apoios eles existem, mas não em quantidade o suficiente, falo pelos treinadores muitos de nós somos trabalhadores por conta de outrem e temos horários a cumprir e só após expediente poderemos lecionar as respetivas aulas. Neste caso um treinador para formar Judocas e cativar mais jovens para prática de desporto, teria que se profissionalizar de modo ter tempo, para lecionar durante tempo útil nas escolas publicas/Privadas, liceus e faculdades em conjunto com a atividade física, como opção desportiva. Começar também a promover ações desportivas (competições) entre escolas para de modo dinamizar a atividade desportiva. Mas em contrapartida todo treinador deveria ser compensado de modo a prosseguir com a sua atividade tranquilamente (como profissional desta atividade judo ou Aikido) (Treinador de Judo, 56 anos)
	Talvez. Haver apoio financeiro para as escolas é também fundamental, pois elas não conseguem sobreviver apenas com as magras contribuições dos alunos e dos sócios. Remunerações adequadas e realistas para os professores também. Sobretudo para aqueles que não têm outro emprego, como creio ser desejável para a tal qualidade do ensino, logo não têm como subsistir. A sociedade feudal que existia no Japão, em que os alunos sustentavam grandemente os seus mestres, já não encontra lugar na sociedade ocidental atual. O reconhecimento social dos praticantes também pode ser promovido pela Federação, naturalmente (Treinador de Aikido, 52 anos).
	Não, nem por isso. Cada vez mais o estado dá menos apoios as modalidades praticadas no nosso país a partir de determinadas idades (15, 16 ou 20 anos). Apenas acho que os miúdos com 15, 16 anos podiam ter mais apoios pelo estado a nível financeiro para realizarem estágios e provas internacionais com mais regularidade. Os atletas a nível escolar deveriam ter mais facilidades para concluir os estudos ou realizar testes ou exames fora de época, e em outras semanas, em prol de treinarem mais a modalidade em questão. O fato de ter mais espaços para a prática da modalidade em questão é não estarem ou não serem tão centralizadas só nos grandes polos (centros urbanos). O estado podia facultar subsídios a um ou mais familiares para acompanhamento do atleta até determinada idade (Treinador de Judo, 32 anos).

Fonte: “Entrevistas realizadas aos treinadores” (2019)

De referir que esta falta de apoio sentida pelos praticantes (e dirigentes desportivos) não é recente. Em 2001, por exemplo, António Aleixo, Presidente da Federação Portuguesa de Judo e Vogal do Comité Olímpico de Portugal, declarava ao jornal desportivo *Record*

(17.05.2001) que as verbas dos contratos-programa para 2001 eram mais baixas do que em 2000 e que, com verbas menores, a situação do judo piorava. Este dirigente sublinhava também que não poderiam satisfazer todas as necessidades dos atletas e que tinham muitas dificuldades financeiras. Com a crise que assolou Portugal e a Europa a partir de 2008, com os cortes orçamentais, não veio facilitar a situação da prática desportiva em geral.

Como referem Batista e Pires (1989, p. 16), “a articulação de processos convergentes, mas com origem em domínios de ação tão diversos entre si, não se realiza sem a emergência de múltiplos focos de tensão”.

4.2 Perspetivas dos praticantes relativamente aos apoios do Estado

Neste capítulo estive em discussão a nossa segunda hipótese que, como começamos por afirmar no início do texto, pressupõe que existe uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo.

Numa análise global, a maioria dos praticantes considera que os apoios do Estado são muitos importantes na prática desportiva do aikido e do judo. Todavia, quando se analisa mais pormenorizadamente esta questão, verifica-se que os praticantes têm uma opinião bastante negativa como o Estado tem atuado nesta matéria, como vimos pelas entrevistas. As federações também têm que ser chamadas neste processo, na medida em que elas enquadram estas práticas. Como refere Boniface (2014, p. 11), o desporto é também “geopolítica”. A articulação e afectação dos apoios financeiros não se realiza sem focos de controvérsia e “tensão”, como destacam Batista e Pires (1989, p. 16), indo também ao encontro da análise de Bourdieu (2016), quando sublinha o campo de lutas.

Em suma, com os dados exploratórios disponíveis, não é possível comprovar na totalidade esta nossa hipótese de estudo, ou seja, de que existe uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Esta questão deveria ser aprofundada em futuros estudos, dando-lhe um enfoque maior.

CAPÍTULO 5

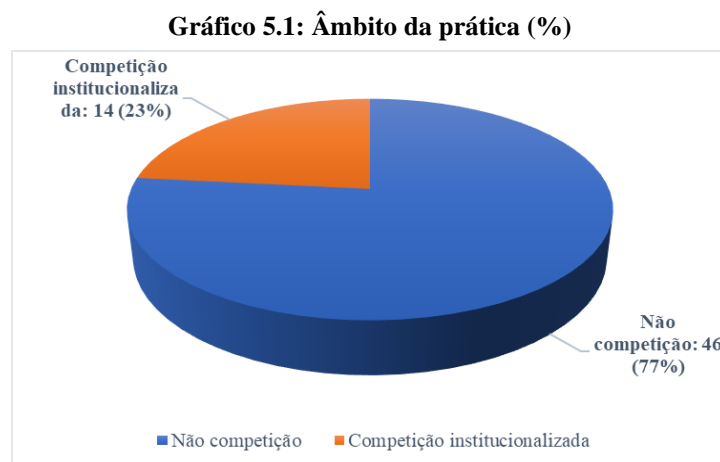
Conceções da Prática e Envolvimentos

Como terceira e última hipótese, considerámos que há uma diferenciação ao nível dos envolvimentos, nomeadamente do âmbito de prática/conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa segundo o perfil social e os desportos em análise. As variáveis mobilizadas foram: âmbito da prática, razões para início da prática, razões para a manutenção da prática e as implicações nas AM&DC (ver Quadro 2.1, Capítulo 2).

5.1 Âmbito da prática

Competição *versus* não competição

Quando questionados sobre qual é a vertente de prática relativamente ao aikido e judo, a maioria dos inquiridos refere que não pratica “competição” (77%, n=46) face a 23% (n=14) que dizem que sim (cf. Gráfico 5.1).



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Na distribuição sobre as práticas desportivas, verifica-se que são os praticantes de judo que mais fazem competição institucionalizada (66,7%, n=16) do que os do aikido (50%, n=13). Esta situação parece-nos normal, até porque o judo é uma modalidade olímpica e o

aikido não. O aikido privilegia, como vimos no Capítulo 1, uma vertente mais de defesa pessoal, com enfoque na espiritualidade e na arte de combate dual (cf. Quadro 5.1).

Quadro 5.1: Âmbito da prática, segundo a prática desportiva (%)

Âmbito da prática	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Não competição	13	50,0	8	33,3	21	42,0
Competição	13	50,0	16	66,7	29	58,0
Total	26	100,0	24	80,0	50	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

As diferenças de género apuradas pelos dados do inquérito permitem constatar que são os homens que praticam numa vertente de competição institucionalizada (100%). Nenhuma mulher respondeu fazia competição (cf. Quadro 5.2).

Quadro 5.2: Âmbito da prática, segundo o sexo (%)

Âmbito da prática	Masculino (n=54)	Feminino (n=6)	Total (n=60)
Não competição	74,1	100,0	76,7
Competição institucionalizada	25,9	0,0	23,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Regularidade e regime do treino

Na regularidade dos treinos de aikido e judo dos inquiridos da nossa amostra, identificámos que: 46,7% (n=19) tem um ritmo de treino de três ou mais vezes por semana; 25% (n=25) treina duas vezes por semana; 23,3% (n=8) afirmou treinar diariamente; 1,7% (n=3) referiu apenas uma vez por semana. Não existem grandes diferenças segundo a prática desportiva e a regularidade de treino (cf. Quadro 5.3).

Quadro 5.3: Regularidade do treino, segundo a prática desportiva (%)

Regularidade de treino	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Diariamente	5	23,3	3	23,3	8	23,3
Três ou mais vezes por semana	9	40,0	10	53,3	19	46,7
Duas vezes por semana	14	33,3	11	16,7	25	25,0
Uma vez por semana	1	3,3	4	0,0	5	1,7
Outra situação	1	0,0	2	6,7	3	3,3
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Motivos para a prática

O quadro seguinte dá-nos conta dos motivos que levaram à prática. Constatase que surge em primeiro lugar a aprendizagem da “auto-defesa”, seguida da atração derivada dos meios de comunicação social (cf. Quadro 5.4).

Quadro 5.4: Motivos para a prática (médias)

Motivos para a prática	Médias
Aprender a auto-defesa	1,967
Atração derivada da imagem projetada pelos medias (cinema, TV, jornais, revistas, web)	2,467
Atração pelos desafios desportivos que os desportos de combate proporcionam	1,900
Atração pelos desportos de combate derivado do interesse pela cultura oriental	1,850
Atração subsequente a assistência de uma demonstração convincente de artes marciais	2,350
Desejo de melhorar a saúde ou o físico através da prática	1,817
Estímulo ou imitação de um familiar que praticava aikido, judo ou outra arte marcial	2,233
Introdução dos desportos de combate no âmbito do currículo escolar	2,883
Introdução ou influência de amigos ou colegas que praticavam um desporto de combate	2,067
Motivos sociais, sociabilidade (para pertencer a um clube, juntar-se a amigos, sair de casa)	2,683
Por questões de desempenho profissional (forças de segurança)	3,117
Recomendação de um médico ou de um psicólogo como forma de terapia	3,117

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Na valorização dos motivos para a prática, encontra-se o desenvolvimento de uma atividade profissional relacionada com a prática desportiva (aikido ou judo) e o bem-estar físico e o bem estar-psicológico (cf. Quadro 5.5, na página seguinte).

Quadro 5.5: Motivos para a prática (médias)

Valorização dos motivos para a prática	Médias
Atividade profissional relacionada com o aikido ou o judo	0,650
Bem-Estar Físico (e.g. desenvolvimento corporal e motor, manter a forma física, preparação física)	1,167
Bem-Estar Psicológico (e.g. compensação de stresse, distração de preocupações)	1,133
Competição (e.g. envolvimento em torneios ou campeonatos amadores ou profissionais)	2,483
Convívio e Afiliação (e.g. manutenção ou aquisição de amizades, integração num grupo)	1,867
Defesa Pessoal	1,650
Desenvolvimento comportamental e de caráter (e.g. auto-controlo, auto-domínio, controlo de agressividade, etc.)	1,500
Desenvolvimento de uma atividade profissional (e.g. oportunidade proporcionada para ser instrutor, formador, técnico)	2,800
Desenvolvimento mental (e.g. aumento da capacidade de concentração e de capacidade cognitiva)	1,600
Exercício de alguma atividade profissional remunerada relacionada com o aikido ou judo	1,550
Prazer elicitado pela prática de AM&DC (e.g. gozo e fruição proporcionados pela atividade)	2,167
Procura espiritual ou religiosa	3,267

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

O envolvimento na prática do aikido ou do judo leva os praticantes a procurar frequentemente trabalhos técnico-científicos sobre as modalidades em apreço (42%) e menos na contribuição para a sua divulgação (jornais, revistas, páginas *web*, *blog*, etc.) (10,4%) (cf. Quadro 5.6). É provável que os praticantes façam alguma divulgação nas redes sociais, como o Facebook, Instagram, entre outras, colocando fotos suas e dos treinos, assim como na divulgação de atividades relativas a estas práticas desportivas.

Quadro 5.6: Motivos para a prática (médias)

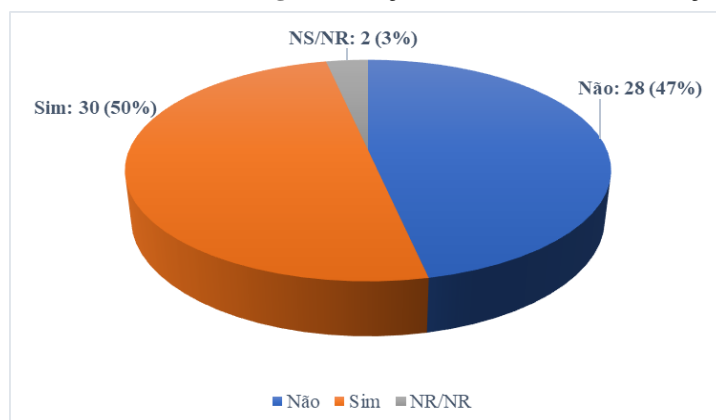
O envolvimento na prática do aikido ou judo leva a...	Frequentemente	Ocasionalmente	Raramente	Nunca	Total (n=60)
Ver filmes com características associadas às artes marciais	23,3	36,7	28,3	0,0	22,1
Procurar trabalhos técnico-científicos sobre a modalidade nas suas vertentes de motricidade, social ou psicológico	63,3	56,7	48,3	3,3	42,9
Contribuir para a divulgação das artes marciais (publicação de artigos para jornais ou revistas, contribuição para a página <i>web</i> , <i>blog</i> , etc.)	13,3	6,7	21,7	0,0	10,4
Recorrer à utilização de substâncias dopantes (sem ser por indicação médica ou por problemas de saúde) para melhorar o desempenho no combate	0,0	0,0	1,7	96,7	24,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Participação em cargo de direção num clube

Os dados permitem verificar que a maioria dos treinadores (50%, n=30), que se declararam sócios de um clube e/ou associação, exerceu um cargo de direção no seu clube e/ou associação de aikido ou judo. O número dos praticantes treinadores que nunca exerceu um cargo de direção também é elevado em termos percentuais (47%, n=28) (cf. Gráfico 5.2).

Gráfico 5.2: Exercício de cargo de direção nos clubes e/ou associações (%)



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Porém, numa análise mais detalhada, verifica-se que existe uma homogeneidade no exercício de cargos de direção nos clubes e/ou associações no aikido e judo (cf. Quadro 5.7).

Quadro 5.7: Participação em cargos de direção clubes/associações, segundo a prática desportiva (%)

Participação em cargos	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Sim	15	50,0	15	50,0	30	50,0
Não	13	43,3	15	50,0	28	46,7
NS/NR	2	6,7	0	0,0	2	3,3
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

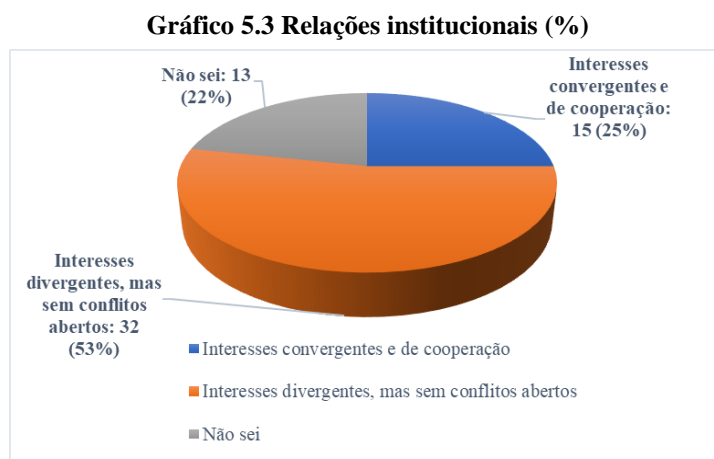
Em termos de cruzamento de dados, o exercício de cargo de direção segundo o sexo, averigua-se que são os homens que participam mais (51,9%) face a 33,3% das mulheres. Sobre a idade, o resultado apurado foi de $\chi^2=105,2$; d.f.=58; $p=0,000$, o que revela igualmente não existir associação entre as variáveis. O mesmo se passa para a escolaridade, o resultado revela de que não existe associação ($\chi^2=9,89$; d.f.=10; $p=0,450$). A média do exercício dos cargos é de 4 anos.

De notar que grande parte dos cargos de direção de clubes e/ou associação de artes marciais e desportos de combate, como para outras modalidades desportivas, é exercida a

título de voluntariado. Em Portugal, aliás, como na maior parte dos países da Europa ocidental, é um dos fundamentos essenciais da organização desportiva. Mesmo se “não é evidente as motivações dos dirigentes em se investirem nos postos de responsabilidade” (Thomas, Haumont & Levet, 1987, p. 61), a figura de dirigente desportivo voluntário está omnipresente no seio do movimento desportivo. Quando ele é eleito numa associação desportiva, o dirigente voluntário dispõe de uma certa legitimidade, que pode, nalguns casos, confortar a posição de notável reconhecido.

Relações institucionais entre clubes e associações

Nas relações institucionais entre clubes e associações, a maioria dos inquiridos respondeu que os interesses são divergentes, mas sem conflitos abertos (53%, n=32), face a 25% (n=15) que frisam que os interesses convergentes e de cooperação (25%, n=15). Neste “campo de concorrência onde se afrontam agentes com interesses específicos”, como diz Bourdieu (2003, pp. 182-183), 22% (n=13) dos inquiridos manifestam não saber como são as relações institucionais entre clubes e associações das modalidades desportivas em estudo (cf. Gráfico 5.3).



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Nas relações institucionais segundo a prática desportiva, é de salientar as elevadas percentagens (60% e 46,7%) para os interesses divergentes, mas sem conflitos abertos para ambas as práticas (aikido e judo) (cf. Quadro 5.8, na página seguinte).

Quadro 5.8: Relações institucionais segundo a prática desportiva (%)

Relações institucionais	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Interesses convergentes e de cooperação	6	20,0	9	30,0	15	25,0
Interesses divergentes, mas sem conflitos abertos	18	60,0	14	46,7	32	53,3
Não sei	6	20,0	7	23,3	13	21,7
Total	30	100,0	30	100,0	60	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Nas diferenças de género é possível verificar que são as mulheres que referem mais existir interesses divergentes, mas sem conflitos abertos (66,7%) do que os homens (51,9%) (cf. Quadro 5.9).

Quadro 5.9: Âmbito da prática segundo o sexo (%)

Âmbito da prática	Masculino (n=54)	Feminino (n=6)	Total (n=60)
Interesses convergentes e de cooperação	27,8	0,0	25,0
Interesses divergentes, mas sem conflitos abertos	51,9	66,7	53,3
Não sei	20,4	33,3	21,7
Total	100,0	100,0	100,0

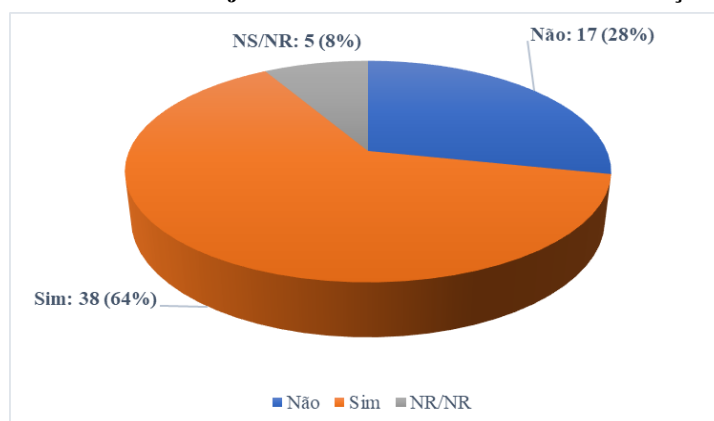
Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Os praticantes evocam existirem conflitos (manifestos ou latentes). Os conflitos são um antagonismo entre indivíduos ou grupos na sociedade (ou entre sociedades). Ele surge quando uma decisão não pode ser tomada pelos procedimentos habituais. Comumente aceite na sociologia das organizações, ela mostra que os conflitos dependem dos modelos organizacionais. Mas as relações de poder que se estabelecem na defesa dos interesses de uns e de outros nas organizações, podem também ter como força maior a afirmação pessoal. Há correntes sociológicas que privilegiam o consenso e a integração para caracterizar as sociedades (Durkheim, Parsons), não vendo neles o carácter ameaçador da ordem social e o disfuncionamento a regular, enquanto outros sociólogos (Simmel) pensam que, ao contrário, o conflito não é necessariamente destruidor, pois pode ser um elemento de regulação e um fator de integração (Marivoet, 2007).

Prática desportiva familiar e influência

No processo de iniciação de prática desportiva, os pais ou encarregados de educação podem desempenhar um papel socializador importante. Neste sentido, quisemos averiguar se havia alguém na entidade doméstica ou nas relações próximas que praticava aikido ou judo. Das respostas obtidas, verificamos que 64% (n=38) responderam sim que praticavam uma das modalidades e 28% (n=17) responderam não. 8% (n=5) não sabem ou não respondem (cf. Gráfico 5.4).

Gráfico 5.4: Prática de aikido ou judo na entidade doméstica ou nas relações próximas (%)



Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Na distribuição percentual das respostas dos que afirmaram sim (18 casos), encontram-se: irmão, irmã, filho, filha, mãe e outros membros (cf. Quadro 5.10). O destaque vai para as irmãs (27,8%, n=5), seguido de filho e filha, com 22,2% (n=4). São os treinadores de judo que mais familiares têm a praticar a mesma modalidade. No caso do aikido são as mães (50%, n=3).

Quadro 5.10: Prática de aikido ou judo na entidade doméstica ou nas relações próximas (%)

Entidade doméstica	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Irmão	0	0,0	1	8,3	1	5,6
Irmã	1	16,7	4	33,3	5	27,8
Filho	1	16,7	3	25,0	4	22,2
Filha	1	16,7	3	25,0	4	22,2
Mãe	3	50,0	0	0,0	3	16,7
Outros membros	0	0,0	1	8,3	1	5,6
Total	6	100,0	12	100,0	18	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Como complemento de informação, e segundo os dados apurados, de notar ainda que 83,3% (n=50) dos inquiridos respondem que o seu pai ou a sua mãe pratica uma modalidade desportiva, contra 16,7% (n=10) que responderam que não. No caso dos pais, as modalidades desportivas praticadas são: judo, lutas, ciclismo e futebol. No caso das mães, as escolhas recaem para o voleibol, ginástica e dança.

5.2 Dinâmicas de afirmação

Na terceira hipótese de investigação, partimos, pois, da consideração de que há uma diferenciação ao nível dos envolvimento, nomeadamente do âmbito de prática/conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa segundo o perfil social e os desportos em análise.

A maioria dos inquiridos refere que não pratica “competição institucionalizada” (77%). Se o fazem, são os homens que optam por esta vertente. A regularidade da prática é semanal. Estes dados permitem reforçar a nossa análise (Rosa & Stoleroff, 2008; Rosa, 2017).

Nos motivos para a escolha do aikido ou do judo, a opção recai sobre a aprendizagem da “auto-defesa”, seguida da atração derivada dos meios de comunicação social. Como destaca Bouet (1968), a troca de golpes leva a uma aceitação mútua e provoca uma espécie de fraternidade viril, anulando as suscetibilidades.

O envolvimento na prática do aikido ou do judo leva os praticantes a procurar frequentemente trabalhos técnico-científicos sobre as modalidades em apreço (42%) e menos na contribuição para a sua divulgação (10,4%).

Os dados permitiram constatar que a maioria dos praticantes nunca exerceu um cargo nos órgãos sociais de um clube ou associação de aikido ou judo (50%), estando, assim, afastados das decisões das direções, tal como vimos em outro estudo (Rosa, 2017). De notar que, apesar dos clubes garantirem a atividade física e desportiva, de centenas de milhares de jovens, muitos dirigentes trabalham de forma gratuita e voluntária. No exercício dos cargos, segundo o sexo, são os homens que participam mais (51,9%) face a 33,3% das mulheres.

Não constatámos uma influência familiar, mas verifica-se que são os treinadores de judo que mais familiares têm a praticar a mesma modalidade.

Os dados permitem verificar que a maioria dos praticantes/treinadores da nossa amostra (50%), que se declararam sócios de um clube e/ou associação, exerceu um cargo de direção no seu clube e/ou associação de aikido ou judo.

Nas relações institucionais entre clubes e associações, a maioria dos inquiridos respondeu que os interesses são divergentes, mas sem conflitos abertos (53%).

É, neste contexto, que concluímos que a nossa terceira hipótese apenas se verifica em parte, pois apenas colocou em foco uma parte da realidade.

CONCLUSÃO

Local sagrado e local profano, explosão consumidora de energia corporal ou minuciosa gestão técnica da gestualidade, exploração programada ou espetáculo dramático, o desporto é uma realidade composta de práticas muito diversificadas que têm significados muito diferentes segundo os agentes sociais (Pociello, 1981).

O desporto é, antes de mais, um jogo de atividades físicas, um domínio de liberdade, onde cada um, na disciplina que pratica, encontra um prazer. A competição apresenta-se como uma metáfora do combate contra os outros, si mesmo ou o cronómetro. Ele exprime a violência através de uma vida natural, onde os homens e as mulheres respetivamente, se medem, se julgam, se combatem. Graças às instituições internacionais, que o regulamentam, o desporto impôs uma codificação universal das práticas físicas. Enquanto produto da sociedade ocidental, a difusão do desporto moderno constitui um marco interessante da mundialização cultural (*soft power*).

O desporto é também um espetáculo, com as proezas e os sucessos graças às vedetas, homens e mulheres, que provocam as paixões humanas. O desporto tornou-se, pouco a pouco, um “star-system” (Pautot, 2003). O desporto profissional, fenómeno social e económico maior, explodiu com a mediatização. Tornou-se um espetáculo de dimensão mundial. Numerosos estádios e infraestruturas, sobretudo pela ocasião de grandes eventos desportivos, são criados(as) para acolher cada vez mais pessoas.

Os meios de comunicação social são chamados a presenciar os encenados esforços. Como referia Debord, na sua verdade sobre a “Sociedade do Espetáculo” (1987), o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas mediatizadas pelas imagens. O desporto é um produto essencial para as cadeias de televisão, que fazem dele um produto determinante pela sua audiência e pelas imagens veiculadas.

O desporto atiza os patriotismos (de um país ou continente). Acolher os JO é um “combate” necessário, a fim de se tornarem, durante um período de tempo, a capital do desporto mundial. As grandes potências se confrontam, tendo em vista o sucesso “cultural”, sob o controlo interessado do CIO.

Como indica Bourdieu (2002), as transformações da oferta (invenção ou importação de desportos ou de novos equipamentos, reinterpretação dos desportos ou dos jogos antigos, etc.) leva a lutas de concorrência pela imposição da prática desportiva legítima e para a conquista da clientela (proselitismo desportivo), a lutas entre os diferentes desportos, e no interior de

cada desporto, e entre as diferentes escolas ou tradições, lutas entre diferentes categorias entre agentes envolvidos nesta concorrência (desportivos de alto rendimento, treinadores, professores de educação física, produtores de equipamentos, etc.). As transformações da procura são uma dimensão da transformação dos estilos de vida e de obediência às leis gerais desta transformação. E “obedecer é já um ato de crença” (Bourdieu, 2016, p. 953).

A correspondência que se observa entre as duas transformações deve-se, ao fato, de que o espaço dos produtores, isto é, o campo dos agentes e instituições que estão em posição de contribuir para a transformação da oferta, tende a reproduzir as divisões de espaço dos consumidores. Dito de outro modo, os “taste makers”, que estão em capacidade de produzir ou de impor novas práticas ou novas formas de praticar as antigas (como os desportos californianos ou as diferentes espécies de expressão corporal), promovem na sua ação disposições e convicções constitutivas de um *habitus*, onde se exprime uma determinada posição no campo dos especialistas e também no espaço social, e estão predispostos a exprimir e a realizar, pela virtude da objetivação, as necessidades mais ou menos conscientes das frações correspondentes do público profano.

O interesse da classificação proposta por Parlebas (1976), elaborada a partir de critério de ordem motrícia, permite compreender melhor a “lógica interna” das disciplinas de combate, práticas de “face a face”, no qual existe uma “contra-comunicação” entre os adversários, que se distinguem entre eles por uma certa relação de distância, mediados ou não por um instrumento e os contactos cada vez mais violentos. Apesar da sua proximidade técnica, as disposições corporais exigidas pelos diferentes confrontos induzem tipos de relação ao corpo particulares (contacto mais rugoso e permanente na luta, contacto mais efémero no aikido). A relação que une os praticantes à sua disciplina de eleição é dinâmica e construída. A competição, incompatível com o espírito do aikido, reveste uma importância primordial no judo e é “fundadora” na luta.

Categorizadas, sistematizadas nas suas aprendizagens e nas suas finalidades, os desportos de combate e artes marciais constituem um universo específico. Uma análise das estatísticas produzidas, permite verificar o sucesso fulgurante do judo, uma certa estabilidade do aikido e um ligeiro decréscimo da luta, em Portugal. Várias razões são alvitadas para se justificar este sucesso ou insucesso destas práticas desportivas. À questão do porquê uma atividade cresce rápida ou lentamente, muitos economistas respondem que depende da procura do produto. Transposto para as duas modalidades desportivas (aikido e judo) em análise, verifica-se que é a luta que apresenta menor procura.

Neste estudo procurámos analisar estas duas práticas desportivas. A pergunta de partida que norteou a investigação foi a seguinte: será que perfil social, definido pela categoria socioprofissional, e o estatuto sociocultural dos indivíduos, determinam as escolhas e a intensidade da prática desportiva do judo e do aikido?

Para o efeito, levámos a cabo uma investigação exploratória sobre os praticantes avançados igualmente com funções de treinadores. Entrevistámos alguns desses praticantes e construímos um inquérito por questionário, que foi aplicado nas épocas desportivas 2018/2020. Reunimos 60 questionários preenchidos.

Da análise das características dos treinadores de aikido e judo inquiridos, verificou-se que são maioritariamente de meia idade (41-45 anos), casados, com elevadas habilitações literárias (nível licenciatura), residentes nos centros urbanos, com uma regularidade de treino semanal e possuidores de certificação de treinadores.

Nesta investigação definimos três hipóteses de trabalho. Como primeira hipótese, partimos do pressuposto de que existe uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate, embora se encontrem diferenças de hábitos e valores. Em termos de resultados, os inquiridos da nossa amostra afirmam na sua esmagadora maioria (67%), que a prática do aikido ou do judo não influencia ao nível das práticas alimentares. Declararam também que têm uma crença ou prática religiosa (58,3% na religião ortodoxa e 47,5% na religião católica). Relativamente espectro político-ideológico, a maioria inquiridos situa-se no espectro do “Centro” (33%), seguido da “Esquerda” (30%) e da “Direita” (27%). Na análise sobre a concordância relativamente à despenalização de uso de drogas, a maioria dos inquiridos respondeu que são contra. São, sobretudo, os praticantes de judo que concordam com a despenalização do uso de drogas. Sobre as preferências de leitura, os inquiridos preferem ler romances (1.^a opção), obras científicas (2.^a opção) e obras técnicas e tecnológicas (3.^a opção). A maioria dos inquiridos da nossa amostra destaca que leem “de tempos a tempos” (48%) uma revista ou periódico, independentemente das revistas de desportos de combate, e 35% diz que lê regularmente. Na realidade, os dados denotam que as influências da cultura oriental não se encontram muito presentes nos seus quotidianos, reforçando a nossa análise num outro estudo (Rosa, 2017).

Recordamos que partimos do pressuposto que se encontraria uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate em análise (aikido e judo), embora se encontrassem diferenças de hábitos e valores. Tendo por base as variáveis e indicadores mobilizados para medir as práticas, atitudes e valores identificadores de um estilo

de vida identitário, tanto quando pudéssemos constatar, os dados apontam para a confirmação da hipótese, grosso modo. Para Mennesson e Clément (2010), os desportos de combate são considerados como um espaço suscetível de confortar e de preservar a identidade, nomeadamente a masculina.

Na segunda hipótese, considerámos que existe uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Os dados apurados, relativamente aos apoios do Estado para visibilidade, incentivo e acesso à prática desportiva, revelam que são importantes, mas a atuação tem ficado aquém. Numa análise global, a maioria dos praticantes considera que os apoios do Estado são muitos importantes na prática desportiva do aikido e do judo. Todavia, quando se analisa mais pormenorizadamente esta questão, verifica-se que os praticantes têm uma opinião bastante negativa como o Estado tem atuado nesta matéria. As federações também têm que ser chamadas neste processo, na medida em que elas enquadram estas práticas. Em suma, com os dados exploratórios disponíveis, não é possível comprovar na totalidade esta nossa hipótese de estudo, ou seja, de que existe uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Esta questão deveria ser aprofundada em futuros estudos, dando-lhe um enfoque maior. De notar que o custo das atividades (a variável económica) não pode ser considerado como a única variável discriminatória para a prática desportiva (Risse, 1991 [1921]; Andreff, 1981, 2002).

Como terceira e última hipótese, considerámos que há uma diferenciação ao nível dos envolvimento, nomeadamente do tipo de prática/conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa segundo o perfil social e os desportos em análise. Nos resultados apurados verifica-se que a maioria dos inquiridos refere que não pratica “competição institucionalizada” (77%). Se o fazem, são os homens que optam por esta vertente. A regularidade da prática é semanal. Nos motivos para a escolha do aikido ou do judo, a opção recai sobre a aprendizagem da “auto-defesa”, seguida da atração derivada dos meios de comunicação social. Não constatámos uma influência familiar, mas verifica-se que são os treinadores de judo que mais familiares têm a praticar a mesma modalidade. O envolvimento na prática do aikido ou do judo leva os praticantes a procurar frequentemente trabalhos técnico-científicos sobre as modalidades em apreço (42%) e menos na contribuição para a sua divulgação (10,4%).

Os dados permitiram constatar que a maioria dos praticantes nunca exerceu um cargo nos órgãos sociais de um clube ou associação de aikido ou judo (50%), estando, assim, afastados das decisões das direções. No exercício dos cargos, segundo o sexo, são os homens que participam mais (51,9%) face a 33,3% das mulheres. No entanto, os dados permitem verificar que a maioria dos praticantes treinadores da nossa amostra (50%), que se declararam sócios de um clube e/ou associação, exerceu um cargo de direção no seu clube e/ou associação de aikido ou judo. Nas relações institucionais entre clubes e associações, a maioria dos inquiridos respondeu que os interesses são divergentes, mas sem conflitos abertos (53%). Estes dados estão em sintonia com o estudo sobre o karaté (Rosa, 2017). Como referem Crozier & Friedberg (1977, p. 45) uma organização, mesmo se muitos dirigentes assim o desejem, “não pode ser analisada como um conjunto transparente”. Ela espelha relações de poder e de influência, constituindo um meio onde “os atores se podem manifestar e de pesar sobre o sistema e dos seus parceiros, mesmo se de uma forma desigual”. É, neste contexto, que concluímos que a nossa terceira hipótese apenas se verifica em parte, pois apenas colocou em foco uma parte da realidade.

Esta investigação permite concluir que existe uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate “dual” (aikido e judo), para usarmos o termo de Gaudin (2009), mas encontram-se diferenças de hábitos e valores, segundo o sexo, a idade e a escolaridade. A análise da informação aponta para uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade e nas oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Existe uma diferenciação ao nível dos envolvimento, nomeadamente do tipo de prática e/ou conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa, segundo o perfil social. cremos que se acrescenta um maior conhecimento destas práticas de combate e pode levar a outros estudos, aprofundando outros aspetos, nomeadamente a questão da relação do Estado, federações e clubes e os apoios financeiros. Nesta análise, é preciso ter em conta a multidisciplinaridade, ou os “usos sociais”, como sublinha Boltanski (1971), destas práticas desportivas.

A análise de resultados permitiu comprovar as três hipóteses de trabalho, mas para a segunda cremos que se torna necessário proceder a uma análise mais aprofundada. Esta investigação, comparativa, apresenta algumas limitações relativamente à representatividade da amostra, dado que não podemos extrapolar os dados para o universo de praticantes. No entanto, consideramos que abre uma nova janela por onde outros autores podem vislumbrar

novos caminhos de investigação, em particular sobre a análise dos apoios financeiros do Estado no âmbito destas práticas desportivas e a perspetiva dos praticantes.

BIBLIOGRAFIA

- Andreff, W. (1981). Les inégalités entre disciplines sportives : une approche économique. In Christian Pociello (1981). *Sports et société : approche socio-culturelle des pratiques* (pp. 139-152). Paris : Vigot.
- Andreff, W. (2002). *Économie du sport*. Paris : PUF.
- Andreff, W. (2012). *Mondialisation économique du sport*. Belgique : De Boeck.
- Arnaud, P., & Terret, T. (1996). *Histoire du sport féminin. Tome 1 : le sport au féminin : histoire et identité*. Paris : L'Harmattan.
- Arnaud, P. (1994). *Les origines du sport ouvrier en Europe*. Paris : L'Harmattan.
- Arnaud, P. (1996). *Le militaire, l'écolier, le gymnaste*. Lyon : PUL.
- Association Française pour un Sport sans Violence et Pour le Fair Play (1998). Les médias et l'esprit sportif. *Actes du rassemblement national*, mercredi 13 mai 1998. Paris : Maison du Sport Français.
- Bal, M., & Vesir, D. (1999). *Le sportif et le sociologue : sport, individu et société*. Paris : L'Harmattan.
- Batista, J., & Pires, R. (1989). O desporto nas sociedades modernas. *Sociologia*, 6, 11-21.
- Belmont, N. (1979). *Arnold Van Gennep*. Paris : Editions Payot.
- Benedict, R. (1998). *Le chrysanthème et le sabre* (trad. Lise Mécréant). Paris: Editions Picquier.
- Boltanski, L. (1971). Les usages sociaux du corps. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisation*, 26, 1, 205-233.
- Boltanski, L. (1979). Taxinomies sociales et luttes de classes. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 29(1), 75-106.
- Bon, M. (2004). *Les jeux olympiques Greco : douze siècles d'histoire*. Condé-sur-Noireau : Editions Trismegiste.
- Boniface, P. (2014). *Géopolitique du sport*. Paris : Armand Colin.
- Boudon, R. (1977). *La logique du social*. Paris : PUF.
- Bouet, M. (1968). *Signification du sport*. Paris : PUF.
- Bourdieu, P. (1977). Remarques provisoires sur la perception sociale du corps. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 14, 51-54.
- Bourdieu, P. (1978). Sport and social class. *Social Science Information*, 17(6), 819-840.
- Bourdieu, P. (1979). *La distinction : Critique sociale du jugement*. Paris : Les Editions Minuit.
- Bourdieu, P. (1980). *Questions de sociologie*. Paris : Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1987). *Choses dites*. Paris : Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1994). *Raisons pratiques : sur la théorie de l'action*. Paris : Seuil.
- Bourdieu, P. (1998). L'état, l'économie et le sport. Colloque *Football et Culture*. Paris : CNRS (13 mai). *Actes Sociétés & Représentations, CREDHESS*, 7, mars 1999, 13-19.
- Bourdieu, P. (2002). *Questions de sociologie* : Paris : Les Editions de Minuit.
- Bourdieu, P. (2003). *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século (tradução Miguel Pereira).
- Bourdieu, P. (2008). *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições 70 (trad.: Pedro Duarte).
- Braunstein, F. (1999). *Penser les arts martiaux*. Paris : PUF.
- Braunstein, F. (2001). *Les arts martiaux aujourd'hui : états des lieux*. Paris : L'Harmattan.
- Brohm, J.-M., & Caillat, M. (1984). *Les dessous de l'olympisme*. Paris : La Découverte.

- Brohm, J.-M. (1976). *Sociologie politique du sport*. Paris : Jean-Pierre Delarge Editions Universitaires.
- Brohm, J.-M. (1992). *Sociologie politique du sport*. Nancy: PUN.
- Brohm, J.-M. (2002). *La machinerie sportive : essais d'analyse institutionnelle*. Paris : Anthropos.
- Broucaret, F. (2012). *Le sport féminin : le sport, dernier bastion du sexisme ?*. Paris : Michalon.
- Brousse, M. (2002). *Le judo : son histoire, ses succès*. Paris : Minerva.
- Brousse, M. (2005). *Les racines du judo français*. Bordeaux : PUB.
- Caillat, M. (1996). *Sport et civilisation : histoire et critique d'un phénomène social de masse*. Paris : L'Harmattan.
- Caillat, M. (2008). *Le sport*. Paris : Le Cavalier Bleu.
- Caillé, A. (1994). *En guise de prologue : brèves remarques sur l'idée de fair-play. Don, Intérêt et désintéressement*. Paris : Payot.
- Caillouis, R. (1958). *Les jeux et les hommes*. Paris : Gallimard.
- Callède, J.-P. (2007). *La sociologie française et la pratique sportive (1875-2005) : essai sur le sport. Forme et raison de l'échange sportif dans les sociétés modernes*. Pessac : Maison des Sciences de l'Homme d'Acquitaine.
- Cauhépé, J.-D., & Kuang, A. (2008). *Les arts martiaux intériorisés ou l'aïkido de la sagesse*. Paris : Editions Vega.
- Chambinaud, S. (2002). *La lutte*. Paris : Editions Amphora.
- Château, J. (1946). *Le réel et l'imaginaire dans le jeu de l'enfant : essai sur la genèse de l'imagination*. Paris : Librairie Philosophique Vrin.
- Chignol, P. (2007). *Influence de la pratique de l'aïkidô sur le développement du sujet*. Thèse de doctorat en Sciences de l'Éducation. Lyon : Université Lumière Lyon 2.
- Clément, J.-P. (1981). La force, la souplesse et l'harmonie : étude comparée de trois sports de combat : lutte, judo, aikido. In Christian Pociello (1981). *Sports et société : approche socio-culturelle des pratiques*. Paris : Vigot, 285-301.
- Clément, J.-P. (1995). *Étude comparative de trois disciplines de combat (lutte, judo, aikido) et de leurs usages sociaux*, Thèse de doctorat en Sociologie. Paris : Université Paris 7 : UFR Sciences Sociales.
- Clément, J.-P. (2001). Les arts martiaux et la société française : sociologie historique de l'implantation du judo et de l'aïkido. *Daruma*, 8-9, 175-199.
- Cohen, L., & Holliday, M. (1982). *Statistical for social scientists*. London: Harper & Row.
- Commission de la Doctrine du Sport (1965). *Essai de la doctrine du sport*. Paris : HCC.
- Comité International Olympique (2016). *Charte Olympique : état en vigueur au 02 août 2016*. Lausanne : CIO.
- Commission européenne (1998). *Evolution et perspective de l'action communautaire dans le sport*. Bruxelles: CE.
- Coubertin, P. (1909). *Une champagne de vingt et un ans, 1887-1908*. Paris. Librairie de l'Education.
- Coubertin, P. (1922). *Pédagogie sportive*. Paris : Crès et Cie.
- Coubertin, P. (1927). *Histoire universelle*, 4 tomes. Aix-en-Provence : Société d'Histoire Universelle.
- Coubertin, P. (1972 [1922]). *Pédagogie sportive : histoire des exercices sportifs technique des exercices sportifs action morale et sociale des exercices sportifs*. Paris : Librairie J. Vrin.
- Crozier, M. & Friedberg, E. (1977). *L'acteur et le système*. Paris. Points.
- Darbon, S. (2008). *Diffusion des sports et impérialisme anglo-saxon : de l'histoire événementielle à l'anthropologie*. Bordeaux : Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.

- Debord, G. (1987). *Société du spectacle*. Paris : G. Lebovici.
- Defrance, J. (2003 [1995]). *Sociologie du sport*. Paris : Découverte.
- Deluermoz, Q. (2010). La fabrique d'Empires inversés ? Le judo à la conquête de l'Europe et du monde. In Julien Sorez e Singaravélou (dir.) (2010). *L'empire des sports : une histoire de la mondialisation culturelle* (pp. 117-138). Paris : Belin.
- Derlon, A. (2008). *Sport, nationalisme français et régénération de la « race » 1880-1914*. Paris : L'Harmattan.
- Descartes, R. (1637 [1992]). *Discours de la méthode*. Paris : Flammarion.
- Dumazedier, J. (1962). *Vers une civilisation du loisir ?*. Paris : Seuil.
- Dumazedier, J. (1991). Révolution culturelle du temps libre, 1968-1988. *Revue Française de Sociologie*, 32(1), 143-145.
- Duret, P., & Patrick, T. (2001). *Le sport et ses affaires : une sociologie de la justice de l'épreuve sportive*. Paris : Editions Métailié.
- During, B. (2013). Pédagogies corporelles et morales. In Bernard Andrieu (dir.) (2013). *Éthique du sport*. Lausanne : Editions L'Age d'Homme, 268-281.
- Durkheim, É. (1902[1893]). *De la division du travail social. Étude sur l'organisation des sociétés supérieures*. Paris : Librairie Félix Alcan.
- Durkheim, É. (1901). *Les règles de la méthode sociologique*. Paris : F. Alcan.
- Duvernois (1784). *Recherches sur les carrousels anciens et modernes, suivies d'un projet de jeux équestres à l'imitation de l'ancienne chevalerie. Dans lequel on démontre l'utilité que la noblesse retirerait du rétablissement de ces jeux, autrefois école de l'adresse et de la valeur*. Lyon : Bibliothèque de Lyon.
- Elias, N., & Dunning, E. (1986). *Sport et civilisation. La violence maîtrisée*. Paris : Fayard.
- Elias, N., & Dunning, E. (1994). *Sport et civilisation. La violence maîtrisée*. Paris : Fayard.
- Elias, N. (1973). *La civilisation des mœurs*. Paris : Calmann-Lévy.
- Elias, N. (1974). *La société de cour*. Paris : Calmann-Lévy.
- Elias, N. (1976). Sport et violence. *Actes de la recherche en sciences sociales*. 6(2), 2-21.
- Elias, N. (2006). *O processo civilizacional*. Lisboa: Dom Quixote.
- Esteves, J. (1975). *O desporto e as estruturas sociais*. Lisboa: prelo Editora.
- Faure, J.-M., & Suaud, C. (2015). *La raison des sports : sociologie d'une pratique universelle et singulière*. Paris : Éditions Raisons d'Agir.
- Figueiredo, A. (2006). *A institucionalização do karaté: os modelos organizacionais do karaté em Portugal*. Tese de Doutorado em Ciências do Desporto (policopiada). Cruz Quebrada Faculdade de Motricidade Humana.
- Gaudin, B. (2009). La codification des pratiques martiales. Une approche sociohistorique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 179(4), 4-31.
- Gaurin, O. (2001). *Comprendre l'aïkido*. Paris : Budô Éditions.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O inquérito: teoria e prática*. Oeira: Celta Editora.
- Guttmann, A. (2006). *Du rituel au record : la nature des sports modernes*. Paris : L'Harmattan (trad. Thierry Terret).
- Hamon, M. (1992). *Aikido : une tradition, un art, un sport*. Paris : Editions Amphora.
- Hamon, M. (1995). *Histoire de l'aikido en France*. Paris : Guy Trédaniel Éditeur.
- Huizinga, J. (1951 [1938]). *Homo ludens*. Paris : Gallimard.
- Huizinga, J. (1975 [1919]). *L'automne du moyen âge* (trad. de Julia Bastin). Paris : Payot.
- Inoue, S. (1998). "The invention of the martial arts : Kanô Jigorô and Kôdôkan jûdô". In Stephen Vlatos (ed.). *Mirror of Modernity : Invented Traditions of Modern Japan* (pp. 163-173). Los Angeles : University of California Press.
- Jeu, B. (1972). *Le sport, la mort, la violence*. Paris : PUF.
- Jôchô, Y. (1984). *Hagakurê : le livre secret des samouraïs*. Paris : Guy Tredaniel.

- Julhe, S. (2010). Les pratiques martiales japonaises en France : institutionnalisation des disciplines et professionnalisation de l'enseignement. *Actes de la recherche de sciences sociales*, 179, 91-111.
- Kipling, R. (1950 [1899]). *Stalky & Cie*. Paris : Mercure de France.
- Lahire, B. (1998). *L'homme pluriel. Les ressorts de l'action*. Paris : Nathan.
- Lévi-Strauss, C. (1950). *Anthropologie et sociologie*. Paris : PUF.
- Lima, S. (1937). *Ensaio sobre o Desporto*. Lisboa : Livraria Sá da Costa.
- Lima, S. (1938). *Desporto, jogo e arte*. Porto: Civilização.
- Lipovetsky, G. (1983). *L'ère du vide : essai sur l'individualisme contemporain*. Paris : Gallimard.
- Lipovetsky, G. (1992). *L'éthique indolore des nouveaux temps démocratiques*. Paris : Gallimard.
- Lipovetsky, G. (2006). *Le bonheur paradoxal : essai sur la société d'hyperconsommation*. Paris : Gallimard.
- Loret, A., & Allouis, X. (1998). *Sport et société, sport et médias, sport et argent*. Tome II. Paris : mes Editions du CNFPT.
- Louveau, C., & DAVISSE, A. (1991). *Sports, école, société : la part des femmes*. Joinville-le-Pont : Editions Actio.
- Louveau, C., & DAVISSE, A. (1997). *Sports, école, société : la différence des sexes*. Paris : L'Harmattan, coll. Espaces et Temps du Sport.
- Louveau, C. (1986). *Talons aiguilles et crampons alus...* Paris : INSEP.
- Louveau, C. (2013). « Les femmes dans le sport : inégalités et discriminations ». In Bernard Andrieu (dir.). *Éthique du sport* (pp. 475-489). Lausanne : Editions L'Age d'Homme.
- Louveau, C. (2014). Pratiquer une activité physique ou sportive : la persistance des inégalités parmi les femmes ». *Recherches féministes* (pp. 39-76), n.º spécial "sport et femmes", 17(1).
- Maffesoli, M. (1982). *L'ombre de Dionysos. Contribution à une sociologie de l'orgie*. Paris : Méridiens Klincksieck.
- Magnane, G. (1942). *Les hommes forts*. Paris : Gallimard.
- Magnane, G. (1952). *Regards neufs sur les Jeux Olympiques*. Paris : Éditions du Seuil.
- Magnane, G. (1964). *Sociologie du sport : situation du loisir sportif dans la culture contemporaine*. Paris : Gallimard.
- Marivoet, S. (1998). *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marivoet, S. (2001). *Hábitos desportivos da população portuguesa*. Lisboa: MJD/INFED.
- Marivoet, S. (2005). Assimetrias de género na participação desportiva: Portugal no contexto europeu. *Revista Horizonte*, 21(120), 3-12.
- Marivoet, S. (2006). Ética e práticas nas organizações desportivas: um itinerário de reflexão. In Confederação do Desporto de Portugal (2006). *Ética e fair play: novas perspectivas, novas exigências* (pp. 9-40). Lisboa: CDP.
- Marivoet, S. (2007). *Ética do desporto - princípios, práticas e conflitos. Análise sociológica do caso português durante o Estado Democrático do século XX*. Tese de doutoramento (polic.). Lisboa : ISCTE-IUL.
- Marx, K. (1982 [1843]). *Pour une critique de la philosophie du droit de Hegel*. In *Oeuvres*, t. III, *Philosophie* (pp. 382-383), (trad. Maximilien Rubel). Paris : Gallimard.
- Mauss, M. (1936). « Les techniques du corps », in Claude Lévi-Strauss (1950). *Sociologie et anthropologie*. Paris : PUF.
- Mauss, M. (1968). *La prière et les rites oraux*. Œuvres, I. Paris : Éditions de Minuit.
- Mennesson, C., & Clément, J.-P. (2010). Boxer comme un homme, être une femme. *Actes de la recherche de sciences sociales*, 179, 76-91.
- Mishima, Y. (1985). *Le Japon moderne et l'éthique samouraï*. Paris : Gallimard.
- Nitobé, I. (1927). *Bushido, l'âme du Japon*. Paris : Payot (trad. Charles Jacob).

- Oblin, N. (2013). *Pourquoi nier le mal sportif ?*. Lormont : Le Bord de l'Eau.
- Ohl, F. (2006). *Sociologie du sport : perspectives internationales et mondialisation*. Paris : PUF.
- Ordioni, N. (2002). *Sport et société*. Paris : Ellipses.
- Parlebas, P. (1976). *Activités physiques et éducation motrice*. Paris : Éditions de la Revue E.P.S.
- Parlebas, P. (1986a). *Activités physiques et éducation motrice*. Paris: Dossiers EPS.
- Parlebas, P. (1986b). *Éléments de sociologie du sport*. Paris : PUF.
- Parlebas, P. (1991). *Didactique et logique interne des APS*. Revue EPS, 228, 9-14.
- Pautot, M. (2003). *Le sport spectacle*. Paris : L'Harmattan.
- Pautot, M. (2012). *Le sport et l'Europe : Les règles du jeu*. Bresson : Presses Universitaires du Sport (PUS).
- Peyrache, A. (1999). *Le dojo*. Paris. L.G.M.
- Piasent, J. (2015). *Pour une culture de la gagne*. Paris : Éditions Amphora.
- Pociello, C. (1995a). *Les cultures sportives*. Paris : PUF.
- Pociello, C. (1995b). *Les cultures corporelles*. Paris : PUF.
- Pociello, C. (1999). *Sports et Sciences: histoire, sociologie et prospective*. Paris: Éditions Vigot.
- Pociello, C. (dir.) (1981). *Sport et société*. Paris : Éditions Vigot.
- Prouteau, G. (1948). *Anthologie des textes sportifs de la littérature*. Paris : Editions Défense de la France.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. ([1992] 2008). *Manuel de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Redeker, R. (2012). *L'emprise sportive*. Paris : François Bourin Editeur.
- Risse, H. (1991 [1921]). *Sociologie du sport* (trad. *Soziologie des sports*). Rennes : PUR-Revue E.P.S.
- Rioux, G. (dir.) (1972). *Pierre de Coubertin: Pédagogie sportive : histoire des exercices sportifs technique des exercices sportifs action morale et sociale des exercices sportifs*. Paris : Librairie J. Vrin.
- Rosa, V., & Stoleroff, A. (2008). "Samurais na modernidade europeia: motivações e entendimentos dos karatecas portugueses". *Actas do VI Congresso Português de Sociologia*, 25 a 28 de Junho. Lisboa: FCSH, Universidade Nova.
- Rosa, V. (2007). Encuadramiento legal e institucional de las artes marciales y deportes de combate en Portugal. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, 2(4), 8-31.
- Rosa, V. (2008). Las artes marciales y los deportes de combate en números: una mirada exploratoria sobre los datos numéricos o estadísticos en Portugal. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, 3(2), 38-49.
- Rosa, V. (2016a). *Desporto: mitos e realidades*. Madrid : Bubok.
- Rosa, V. (2016b). Perspetivas e entendimentos dos praticantes portugueses de karaté sobre o conceito de Budô. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, 10(2), 124-134.
- Rosa, V. (2016c). *Artes marciais e desportos de combate em Portugal. Enquadramento legal e institucional de 1970 a 1990*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas
- Rosa, V. (2017). *A prática desportiva do karaté em Portugal. Análise sociológica sobre as identidades, ideologias, comunidades e culturas dos karatecas (cintos castanho e negro) portugueses*. Tese de doutoramento (policopiada) em Educação Física e Desporto, Didática. Lisboa: ULHT.
- Rosa, V.; García, C., & Gutiérrez, M. (2010). Introducción de las Artes Marciales Asiáticas en Portugal. *Revista Materiales para la Historia del Deporte VIII*. Universidad Pablo de Olavide (Sevilla) e Asociación Andaluza de Historia del Deporte, Wanceulen Editorial Deportiva, 9-17.

- Rosas, A. (2011). A história do judo em Portugal. In José Neves & Nuno Domingos (coord.) (2011). *Uma história do desporto em Portugal* (pp. 219-230), vol. 2: Classe, Associativismo e Estado. Lisboa: Quidnovi.
- Sérgio, M., & Feio, N. (1979). *Homo Ludicus. Antologia de textos desportivos da cultura portuguesa*, vol. II. Lisboa: Compendium.
- Simonnot, P. (1988). *Homo sportivus : sport, capitalisme et religion*. Paris : Gallimard.
- Strutt, J. (1838). *The sports and pastimes of the people of England*. London: Thomas Tegg.
- Thomas, R.; Haumont, A., & Levet, J.-L. (1987). *Sociologie du sport*. Paris: PUF.
- Traversi, B. (dir.) (2015). *Le corps et le sabre selon Ueshiba Morihei*. Paris : Editions du Cénacle de France.
- Turner, B. (1994). *Orientalism, postmodernism and globalism*. London & New York: Routledge.
- Wacquant, L. (2000). *Corps et âme : carnets ethnographiques d'un apprenti boxeur*. Paris : Agone.
- Waser, A.-M. (1995). *Sociologie du tennis : genèse d'une crise (1960-1990)*. Paris : L'Harmattan.
- Weber, M. (1971 [1921]). *Economie et société*, t. 1 (trad. sob a direcção de Jacques Chavy e Eric de Dampierre). Paris : Plon.
- Westbrook, A., & Ratti, O. (1999). *Aikido : introduction à la sphere dynamique*. Paris : Vigot.
- Yamamoto, J. (1984). *Hagakuré: le livre secret des Samouraïs*. Paris : Editions Guy Tredaniel (trad. M. F. Duvauchelle).

ANEXOS

A – Guião de Entrevista para os Treinadores de Aikido e Judo

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Localidade de residência:

1. Que idade tinha quando começou a prática do aikido ou judo (*riscar a(s) modalidade(s) que não interessa*)?
2. Conte-nos o seu percurso pela prática desportiva do aikido ou judo (*riscar a(s) modalidade(s) que não interessa*)?
3. Que razões e/ou motivos o levaram a esta prática?
4. Qual a sua evolução nesta prática (amador, competição, não competição)?
5. Em que clube/associação pratica? Assumiu alguma vez cargos de direção/órgãos sociais? Se sim, durante quantos anos?
6. Qual a regularidade semanal?
7. Com desistências (devido a lesões, motivos pessoais, profissionais) e retornos?
8. Como explicar o decréscimo ou acréscimo de praticantes nas modalidades (judo, aikido)?
9. Quais são as maiores dificuldades nas AM&DC (aikido e judo)?
10. Será que os apoios do Estado criam melhores condições de acesso e de prática, na possibilidade de carreira, na visibilidade e no reconhecimento social dos praticantes?

B – Inquérito por questionário

QUESTIONÁRIO

Questionário n.º _____
Data: ____/____/____
(A preencher pelos inquiridores)

ESTUDO SOCIOLÓGICO SOBRE DUAS DISCIPLINAS DE COMBATE DUAL (AIKIDO E JUDO) EM PORTUGAL

Estimado(a) Praticante,

Com este questionário pretende-se traçar as características socioculturais dos praticantes de aikido e judo. Trata-se de um inquérito no âmbito de um projeto de investigação universitária. Este questionário destina-se **aos treinadores/instrutores das duas modalidades**. A sua colaboração ativa e sincera é imprescindível, pelo que solicitamos que preencha este questionário com o máximo cuidado e exactidão. Se tiver dúvidas, não hesite em pedir apoio através do e-mail vitor.alberto.rosa@gmail.com ou por telefone: 969279489. Sublinhamos que este inquérito não é um teste, logo não há respostas correctas ou erradas. **Todas as respostas são confidenciais e serão apenas usadas para fins científicos.**

Depois de devidamente preenchido, o questionário poderá ser entregue pessoalmente aos inquiridores ou enviados de diversas formas:

- Correio normal: A/c de Vitor Rosa, Horta das Figueiras, Rua Fernanda Seno, Lote n.º 30 – 3.º Dto, 7005-485 Évora
- Correio eletrónico: vitor.alberto.rosa@gmail.com

Agradecendo, desde já, a sua colaboração, apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

DE FORMA A FACILITAR O PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO, QUEIRA SEGUIR AS SEGUINTE INSTRUÇÕES:

- Leia com atenção as perguntas, de modo a evitar emendas ou rasuras.
- Marque uma cruz na resposta que corresponde à sua escolha ou se aplica ao seu caso. Exemplo: ☒
- Quando lhe é pedido, escreva tudo por extenso e de forma legível.

PARTE 1 – AS ARTES MARCIAIS E OS DESPORTOS DE COMBATE

1. Qual é (ou quais são) os desportos de combate que pratica? Em caso de multiprática, diga a que você considera a primeira e a mais importante para si.

1 Aikido	<input type="checkbox"/>	2 Judo	<input type="checkbox"/>
----------	--------------------------	--------	--------------------------

2. É sócio(a) de algum clube de aikido ou judo?

(1) NÃO ☐ (2) SIM ☐ ➔ Se respondeu Sim, indique o nome do clube (Escreva por extenso): _____

3. É sócio(a) de alguma associação de aikido ou judo?

(1) NÃO ☐ (2) SIM ☐ ➔ Se respondeu Sim, indique o nome da associação (Escreva por extenso): _____

4. Que idade tinha quando começou a treinar aikido ou judo? IDADE:

5. Com que regularidade treina aikido e judo?

1 Diariamente	<input type="checkbox"/>	3 Duas vezes por semana	<input type="checkbox"/>	5 Outra situação: _____	<input type="checkbox"/>
2 Três ou mais vezes por semana	<input type="checkbox"/>	4 Uma vez por semana	<input type="checkbox"/>	Qual?: _____	

6. Há (ou houve) alguém na sua entidade doméstica (família ou equivalente) que pratica aikido ou judo?

(1) NÃO ☐ (2) SIM ☐ ➔ Se respondeu Sim, indique qual/qual dos membros da entidade doméstica pratica um DC&AM (pode escolher uma ou mais opções):

Pai	Mãe	Filho	Filha	Cônjuge/ Companheiro(a)	Irmão	Irmã	Outros membros
(1) <input type="checkbox"/>	(2) <input type="checkbox"/>	(3) <input type="checkbox"/>	(4) <input type="checkbox"/>	(5) <input type="checkbox"/>	(6) <input type="checkbox"/>	(7) <input type="checkbox"/>	(8) <input type="checkbox"/>

7. O seu pai ou a sua mãe praticam (ou praticaram) um desporto?

(1) NÃO ☐ (2) SIM ☐ ➔ Se respondeu Sim, indique qual/qualis:

Pai: _____
Mãe: _____

8. No seu percurso como praticante de aikido ou judo alguma vez interrompeu a prática regular?

(1) NÃO ☐ (2) SIM ☐ ➔ Se respondeu SIM, indique por favor o principal motivo para a interrupção:

1 Saúde	<input type="checkbox"/>	4 Profissionais	<input type="checkbox"/>	7 Migração	<input type="checkbox"/>
2 Escolares	<input type="checkbox"/>	5 Familiares	<input type="checkbox"/>	8 Outros	<input type="checkbox"/>
3 Pessoais	<input type="checkbox"/>	6 Desportivos	<input type="checkbox"/>	9 NS/NR	<input type="checkbox"/>

9. Para cada um dos motivos ou influências que o(a) levaram a decidir iniciar a praticar o aikido ou judo, indique com uma cruz o grau da sua importância? (Por favor, não deixe de responder a nenhum dos itens)

	Muito Importante	Algo Importante	Pouco Importante	Nada Importante
1 Estímulo ou imitação de um familiar que praticava aikido ou judo, ou outra arte marcial	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 Introdução ou influência de amigos ou colegas que praticavam um desporto de combate	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 Atração pelos desportos de combate derivado do interesse pela cultura oriental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 Introdução dos desportos de combate no âmbito do currículo escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 Recomendação de um médico ou de um psicólogo como forma de terapia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 Atração derivada da imagem projectada pelos <i>medias</i> (cinema, TV, jornais, revistas, web)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7 Aprender a auto-defesa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8 Atração subsequente à assistência de uma demonstração convincente de artes marciais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9 Atração pelos desafios desportivos que os desportos de combate proporcionam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10 Por questões de desempenho profissional (forças de segurança)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11 Desejo de melhorar a saúde ou o físico através da prática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12 Motivos sociais/sociabilidade (para pertencer a um clube, juntar-me a amigos, sair de casa)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13 Outra(s) (Especifique): _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

10. Como é que valoriza cada um dos seguintes motivos para a prática do aikido ou judo? Indique, por favor, a importância que cada um dos seguintes motivos para a sua prática. (Por favor, não deixe de responder a nenhum dos itens)

	Muito Importante	Algo Importante	Pouco Importante	Nada Importante
1 Bem-Estar Físico (e.g. desenvolvimento corporal e motor, manter a forma física, preparação física)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 Bem-Estar Psicológico (e.g. compensação de stress, distração de preocupações)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 Defesa Pessoal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 Desenvolvimento comportamental e de carácter (e.g. auto-controlo, auto-domínio, controlo de agressividade, controlo na interacção, respeito, disciplina)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 Convívio e Afiliação (e.g. manutenção ou aquisição de amizades, integração num grupo)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 Competição (e.g. envolvimento em torneios ou campeonatos amadores ou profissionais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7 Desenvolvimento mental (e.g. aumento da capacidade de concentração e de capacidade cognitiva)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8 Prazer elicitado pela prática de AM&DC (e.g. gozo e fruição proporcionados p/ atividade)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9 Procura espiritual ou religiosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10 Desenvolvimento de uma actividade profissional (e.g. oportunidade proporcionada para ser instrutor, formador, técnico de arbitragem)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11. Exerce alguma actividade profissional remunerada relacionada com o aikido ou judo?

(1) NÃO ☐ (2) SIM ☐ ➔ Se respondeu afirmativamente, indique qual, ou quais:

1 Instrutor/treinador	<input type="checkbox"/>	4 Administrativo(a)	<input type="checkbox"/>
2 Técnico de arbitragem	<input type="checkbox"/>	5 Dirigente	<input type="checkbox"/>
3 Formador de recursos humanos numa federação	<input type="checkbox"/>	6 Outra. Qual?: _____	<input type="checkbox"/>

12. Prática atualmente aikido ou judo na sua vertente:

- (1) Não competição ☐ (2) Competição institucionalizada ☐

13. Exerce ou exerceu algum cargo de direcção no seu clube ou associação de desporto de combate?

- (1) NÃO ☐ (2) SIM ☐ ➔ Se respondeu afirmativamente, indique o tempo que exerce ou exerceu esse cargo: ANOS

14. Como avalia as relações estabelecidas pela sua associação com outras existentes em Portugal e que promovem o aikido ou o judo?

Interesses convergentes e de cooperação	Interesses divergentes mas sem conflitos abertos	Relações conflituosas	Não sei
(1) <input type="checkbox"/>	(2) <input type="checkbox"/>	(3) <input type="checkbox"/>	(4) <input type="checkbox"/>

15. Para cada um dos itens, com que frequência, o seu envolvimento com o aikido ou judo leva-o a:

	Frequente-mente	Ocasional-mente	Rara-mente	Nunca
1 Ver filmes com características associadas às artes marciais e desportos de combate	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 Procurar trabalhos técnico-científicos sobre as modalidades nas suas vertentes de motricidade, social ou psicológico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 Contribuir para a divulgação dos desportos de combate e artes marciais (publicação de artigos para jornais ou revistas, contribuição para página Web ou Blog, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 Recorrer à utilização de substâncias "dopantes" (sem ser por indicação médica ou por problemas de saúde) para melhorar o seu desempenho no combate	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16. A prática do aikido ou judo tem ou teve alguma influência nas suas práticas alimentares?

- (1) NÃO ☐
 (2) SIM ☐ ➔ Se respondeu Sim, indique que tipo de influência (por exemplo: alimentação vegetariana ou alimentação macrobiótica): _____

17. A prática do aikido ou judo já o levou a procurar cuidados ou tratamentos de medicina tradicional oriental em alternativa com cuidados ou tratamentos ocidentais convencionais?

- (1) NÃO ☐
 (2) SIM ☐ ➔ Se respondeu Sim, indique, por favor, de que tipo (por exemplo: acupunctura, moxaterapia, fitoterapia oriental, tui ná, shiatsu, etc.): _____

18. É detentor da Cédula de Treinador de Desporto do Instituto de Desporto de Portugal?

- (1) NÃO ☐ (2) SIM ☐ ➔ Se respondeu Sim, indique, por favor, de que tipo (Grau I, II, III, IV): _____

19. Considera que os apoios Estado levam:

	Muito Importante	Algo Importante	Pouco Importante	Nada Importante
1 Visibilidade das modalidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 Reconhecimento social dos praticantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 Melhores condições de acesso à prática (carreira desportiva)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PARTE II – VALORES, HÁBITOS E GOSTOS

20. Indique, pela sua ordem de preferência, os 3 principais géneros das obras/livros que prefere ler (classifique de 1 a 3)?

1	Banda desenhada	<input type="checkbox"/>	6	Arte e arqueologia	<input type="checkbox"/>
2	Romances policiais	<input type="checkbox"/>	7	Filosofia e poesia	<input type="checkbox"/>
3	Romances	<input type="checkbox"/>	8	Obras de ciências humanas	<input type="checkbox"/>
4	Obras científicas	<input type="checkbox"/>	9	Religião e esoterismo	<input type="checkbox"/>
5	Obras técnicas e tecnológicas	<input type="checkbox"/>	10	Outras.....	<input type="checkbox"/>

21. Lê uma revista ou um periódico (independentemente das revistas de desportos de combate)?

Regularmente	De tempos a tempos	Raramente	Nunca
(1) <input type="checkbox"/>	(2) <input type="checkbox"/>	(3) <input type="checkbox"/>	(4) <input type="checkbox"/>

22. Em matéria de atividade física e desportiva, os seus gostos pessoais (para além da sua prática principal) levam-no a praticar: (leia as várias categorias e depois coloque uma cruz nas respostas que correspondem às suas preferências (3 escolhas no máximo) e risque 3 que você rejeita completamente).

1	Desportos coletivos de confronto do género rãguebi, futebol, andebol	<input type="checkbox"/>	6	Desportos de combate em "fitness" (aikido, kendo, etc.)	<input type="checkbox"/>
2	Desportos individuais que reclamam uma técnica muito elaborada e uma reflexão tática (ténis,...)	<input type="checkbox"/>	7	Desportos de combate mais competitivos baseados no contacto corporal (judo, luta, etc.)	<input type="checkbox"/>
3	Desportos de combate individuais que reclamam a força ou a resistência (lançamento, halterofilia, natação)	<input type="checkbox"/>	8	Desportos de combate baseados na troca de golpes (boxe, karaté, etc.)	<input type="checkbox"/>
4	Atividades de expressão (danças, expressão corporal)	<input type="checkbox"/>	9	Outros. Precisar: _____	<input type="checkbox"/>
5	Desportos individuais (ou coletivos) de natureza (mergulho, espeleologia, cicloturismo)	<input type="checkbox"/>			

23. Concorda com a despenalização do uso de drogas leves?

(1) NÃO ☐ (2) SIM ☐

24. Na sua prática desportiva, já recorreu a produtos dopantes para melhorar a sua performance?

(1) NÃO ☐ (2) SIM ☐

PARTE III – CARACTERÍSTICAS SOCIO-DEMOGRÁFICAS

*As perguntas que se seguem são para o conhecer melhor. Recordamos que todos os dados fornecidos são considerados **CONFIDENCIAIS**.*

25. Idade? ☐ ☐

26. Sexo? (1) Masculino ☐ (2) Feminino ☐

27. Nível de habilitação?

1	Doutoramento	<input type="checkbox"/>	6	3.º Ciclo completo (7.º, 8.º e 9.º anos)	<input type="checkbox"/>
2	Mestrado	<input type="checkbox"/>	7	2.º Ciclo completo (5.º e 6.º anos)	<input type="checkbox"/>
3	Licenciatura	<input type="checkbox"/>	8	1.º Ciclo completo (Escola Primária)	<input type="checkbox"/>
4	Bacharelato	<input type="checkbox"/>	9	Sei ler, mas não frequentei a escola	<input type="checkbox"/>
5	Secundário completo (10.º, 11.º e 12.º anos)	<input type="checkbox"/>	10	Outro (Especifique): _____	<input type="checkbox"/>

a) Se respondeu bacharelato, licenciatura, mestrado ou doutoramento, indique a área/disciplina: _____

28. Estado civil?

1 Solteiro(a)	<input type="checkbox"/>	3 União de facto	<input type="checkbox"/>	5 Divorciado(a)	<input type="checkbox"/>
2 Casado(a)	<input type="checkbox"/>	4 Separado(a)	<input type="checkbox"/>	6 Viúvo(a)	<input type="checkbox"/>

29. Qual o distrito de residência ou região autónoma?

1 Açores	<input type="checkbox"/>	8 Évora	<input type="checkbox"/>	15 Porto	<input type="checkbox"/>
2 Aveiro	<input type="checkbox"/>	9 Faro	<input type="checkbox"/>	16 Santarém	<input type="checkbox"/>
3 Beja	<input type="checkbox"/>	10 Guarda	<input type="checkbox"/>	17 Setúbal	<input type="checkbox"/>
4 Braga	<input type="checkbox"/>	11 Leiria	<input type="checkbox"/>	18 Viana do Castelo	<input type="checkbox"/>
5 Bragança	<input type="checkbox"/>	12 Lisboa	<input type="checkbox"/>	19 Vila Real	<input type="checkbox"/>
6 Castelo Branco	<input type="checkbox"/>	13 Madeira	<input type="checkbox"/>	20 Viseu	<input type="checkbox"/>
7 Coimbra	<input type="checkbox"/>	14 Portalegre	<input type="checkbox"/>	21 Fora de Portugal	<input type="checkbox"/>

30. Qual destas é a sua atividade principal? (Nota: Se assinalar Estudante, queira responder às P31 e P32; Se assinalar Reformado, Desempregado ou Outra situação, queira responder à P33)

1 Patrão	<input type="checkbox"/>	6 Estudante	<input type="checkbox"/>
2 Trabalhador por conta de outrem	<input type="checkbox"/>	7 Doméstica	<input type="checkbox"/>
3 Trabalhador por conta própria	<input type="checkbox"/>	8 Reformado(a)	<input type="checkbox"/>
4 Trabalhador familiar não remunerado	<input type="checkbox"/>	9 Desempregado(a)	<input type="checkbox"/>
5 Serviço militar	<input type="checkbox"/>	10 Outra: _____	<input type="checkbox"/>

31. Profissão (atual ou última) do seu Pai: _____

32. Profissão (atual ou última) da sua Mãe: _____

33. Profissão mais atual que teve ou a que procura? _____

34. Indique qual dos seguintes escalões corresponde ao seu rendimento mensal (mensal, líquido depois dos descontos/impostos)

1 Menos de 500 Euros	<input type="checkbox"/>	6 Entre 2501 e 3000 Euros	<input type="checkbox"/>
2 Entre 501 e 1000 Euros	<input type="checkbox"/>	7 Entre 3001 e 3500 Euros	<input type="checkbox"/>
3 Entre 1001 e 1500 Euros	<input type="checkbox"/>	8 Entre 3501 e 4000 Euros	<input type="checkbox"/>
4 Entre 1501 e 2000 Euros	<input type="checkbox"/>	9 Entre 4001 e 4500 Euros	<input type="checkbox"/>
5 Entre 2001 e 2500 Euros	<input type="checkbox"/>	10 Mais de 4501 Euros	<input type="checkbox"/>

35. Crenças religiosas, filosóficas ou espirituais?

1 Sem religião	<input type="checkbox"/>	6 Judaica	<input type="checkbox"/>
2 Católica	<input type="checkbox"/>	7 Muçulmana	<input type="checkbox"/>
3 Ortodoxa	<input type="checkbox"/>	8 Hindu (Hinduismo)	<input type="checkbox"/>
4 Protestante	<input type="checkbox"/>	9 Budismo	<input type="checkbox"/>
5 Anglicana	<input type="checkbox"/>	10 Outra (Especifique): _____	<input type="checkbox"/>

36. Como é que se caracteriza com respeito à prática religiosa?

Praticante regular	Praticante ocasional	Não praticante
(1) <input type="checkbox"/>	(2) <input type="checkbox"/>	(3) <input type="checkbox"/>

37. Onde é que se situa no espectro político do país com referência a uma escala de variação entre a "esquerda" e a "direita"?

Extrema-Esquerda	Esquerda	Centro	Direita	Extrema-Direita
(1) <input type="checkbox"/>	(2) <input type="checkbox"/>	(3) <input type="checkbox"/>	(4) <input type="checkbox"/>	(5) <input type="checkbox"/>

Muito obrigado.

C – Quadros estatísticos

Quadro 1: Clubes de aikido e judo

Clubes de Aikido e Judo	Frequência
Clube de Aikido de Coimbra	3
Clube de Aikido de Estremoz	3
Associação Portuguesa Aikishurendojo	1
Associação Modalidades Desportivas Amadoras do Sabugal	1
CNG - Clube Nacional de Ginástica	1
Dínamo Clube Estação	1
Clube de Judo de Évora	2
Judo Clube de Lisboa	2
Academia de Judo Nuno Lopes	2
Centro de Krav mag de Évora - Sociedade de Aikido de Évora	1
Judo Clube de Odivelas	1
Judo Clube de Coimbra	1
Clube de Aikido de Setúbal	1
Vitória Futebol Clube	2
Judo Clube Pragal/Almada	2
Clube de Aikido da Cruz Quebrada	1
Sociedade de Instrução Musical e Escolar	2
Clube Shotokai de Queluz	1
Clube Aikido de Faro	1
Clube de Judo de Castelo Branco	3
Clube de Aikido da Figueira da Foz	4
Clube de Judo Construções Norte-Sul	2
Colégio Guadalupe	1
Clube de Aikido dos Salesianos	2
Clube de Aikido de Almada	3
Ginásio Clube de Vila Real	1
Escola de Artes Marciais de Vila Real	1
Clube de Aikido de Viana do Castelo	2
SIMECQ	2
Ginásio CCDTHF	1
Judo 4 kids e CRC Charnaguense	5
Dojo de Aokido - Megaginásio Mira Vila Real	1
Dojo Nakaima (ABV Estoril)	1
Judo Clube Viana do Castelo	1
Núcleo Desportivo de Judo da Ass. Ac. da Universid. de Aveiro	1
Total	60

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Quadro 2: Associações de aikido e judo

Associações de aikido e judo	Frequência
Associação de Aikido de Coimbra	3
Associação Portuguesa Aikishurendojo	4
Associação de Judo da Guarda	1
ACPA - Associação Cultural Portuguesa de Aikido	1
Associação de Judo do Distrito de Viseu	1
Associação de Judo do Distrito de Évora	2
Associação Distrital de Judo de Lisboa	8
FP Krav Maga Aiki-UNBU - Associação de Judo de Evora	1
Associação Nacional de Treinadores de Judo	1
Associação Distrital de Judo de Coimbra	1
Associação de Aikido de Setúbal	1
Associação Distrital de Judo de Setúbal	9
APADA - Assoc. Portuguesa de Aikido e Disciplinas Associadas	9
Associação Distrital de Castelo Branco	3
Associação Distrital de Judo de Beja	2
BUDO	2
Associação Distrital de Judo do Porto	1
Bushinkai - Associação de Clubes de Aikido	1
Associação Desportiva Aikikai	2
Associação de Aikido de Lisboa	5
Associação Disitrital de Judo de Viana do Castelo	1
Associação Académica de Aveiro	1
Total	60

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”